

REVISTA DA SEMANA

N.º 52



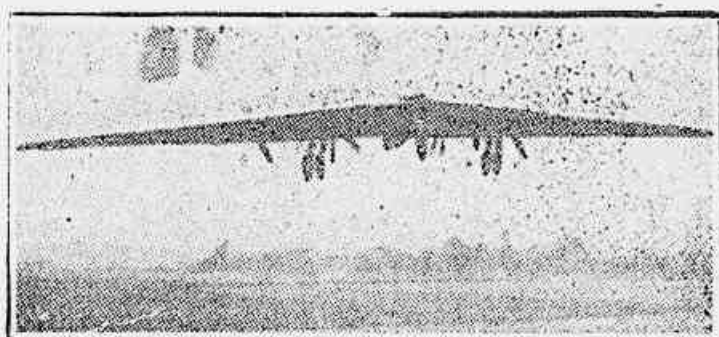
Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

25-12-48



O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

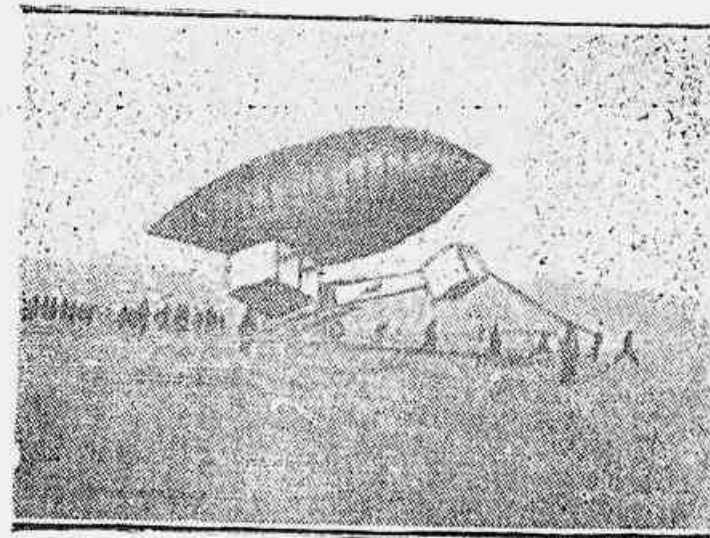
UM ROMANCE, DOZE CONTOS, DUAS LENDAS



ANO AERONAUTICO — Vôos, velocidades e "records", rumos da ciência aviatória, helicópteros, o voo supersônico e os pilotos, foguetes de decolagem, jato-propulsão, formatos de asas e televisão, novos tipos de aviões. **ANO FILATELICO** — Resumo dos acontecimentos, novas emissões nacionais e estrangeiras, séries comemorativas e centenárias, carimbologia. **ANO CATÓLICO** — Os rumos do catolicismo, canonizações, sagrações, nomeações, novos bispos, falecimentos, centenários e jubileus.

ANO ARTÍSTICO — O salão de 1947, exposições, prêmios, telas, esculturas, a arte pelo mundo. **ANO CINEMATOGRAFICO** — Os acontecimentos do ano no mundo dos filmes e dos "astros" no Brasil e no estrangeiro. **ANO ESPORTIVO** — As olimpíadas de 1948, os campeões olímpicos, clubes estrangeiros no Brasil, o calendário esportivo. **ANO CIENTIFICO** — O telescópio de Palomar, os mesons e os raios cósmicos, prêmios Nobel e outros lauréis, televisão; remédios novos, novos métodos de cura, alimentos e substâncias heróicas; os raios cósmicos, o mundo atômico, os cometas, o universo, o sol, Marte e as viagens interplanetárias; o micro-mundo, células que vivem sozinhas, operações em micróbios; o radar, descobertas e inventos. **CALENDARIO DE 1949** — Informações, estações, festas móveis e fixas da Igreja, feriados, fases da lua, calendá-

rio perpétuo. **ARTIGOS E REPORTAGENS** — Roosevelt, o sentimental; Frederico, o Grande, e Maria Tereza. A Independência e o Ipiranga. As esquadrilhas dos semeadores da morte. A vida dos mosquitos. Guerreiros de ébano do Sudão. A terra do velho Norte. As terras Antárticas. Nossa Senhora e o Menino Jesus. Os animais gigantes de outras eras. Gente de circo e animais da tela. Os carpinteiros e suas lendas. As cidades gêmeas. A lenda de S. Dumberto. Onde andaram os argonautas. **DIVERSOS** — Adivinhações, charadas, anedotas, apólogos, histórias, problemas, testes, caricaturas, noções de ciência, informações científicas, poemas. Os centenários do ano.



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1949

A' VENDA EM TODO O BRASIL, POR

Cr\$ 15,00 o exemplar. Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio à CIA. EDITORA AMERICANA — R. Visconde Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro.

O homem que vendeu a Alma

RENATO DE ALENCAR

Já ouviam falar em Luis José Silva? E' cego e aleijado. Tirou-lhe Deus a luz dos olhos, mas lhe deu em troca a ventura espiritual de ser músico. Uma enfermidade lhe deformou as pernas, impedindo-lhe o andar com elegância; mas Deus lhe conservou as mãos perfeitas e os dedos ágeis. Com a alma de um poeta e os dedos de Deus, ele, o cego e aleijado, comove os passarinhos e enche de harmonias os ares, imaginando, feliz, as cordas de seu violão.

Luis José Silva. Nome vulgar em cego trivialmente aleijado. Os sertões estão cheios dessa flora humana a vicejar entre os cactus espinhentos de uma existência aflitiva. Homens e mulheres que se juntam nas feiras, à beira das estradas, à porta das igrejas, à periferia dos mercados e cantam suas lamúrias dolentes que o folclore registra para glória de escritores ricos e lamentações dos desgraçados.

Filas literárias de cegos a sacudir latas ou pequeninas bacias de flandres, fazendo retinir lá dentro moedinhas de tostão como advertência auditiva aos ouvidos impassíveis dos cristãos que passam. E dizem versos na faina cotidiana do esmolar, apelos ingênuos à indiferença dos corações impiedosos:

"Meu irmão da caridade,
Fio da Vige Maria,
Dê esmola ao pobe cego
Qui não vê a lui do dia."

Tilintam as moedas acompanhando o ritmo cadenciado da litania. Alguns cegos dão a esses apelos aspectos mais artísticos, tocando violão, sanfona ou cavaquinho:

"Quando Deus andô no mundo
A S. Pêdo dixé assim:
Quem não qué cego nas porta,
E tamem num qué a mim."

Esse "e" entra como expletivo e para completar a métrica. Não têm cultura, mas têm ouvido. Cegos poetas e cantadores como Aderaldo, só de século em século; mas esse Luis José Silva, de Rui Barbosa, na Bahia, merece registro. Além de cego, aleijado. Contudo, nunca tivera uma expressão de rebeldia contra seu Criador. Uma palavra de grossa blasfêmia contra o destino. Como todo cego indigente, vivia conformado com a sorte, resignado na eterna escuridão de sua vida. Para compensar a eternidade do só na isolacão negra da ausência do mundo exterior, ele se voltava inteiramente para seu violão, em cujas cordas lhe dava o pentagrama invisível o alívio da alma que o corpo físico lhe negara.

Milton, cego como ele, escrevera o "Paraíso perdido"; Luis José, analfabeto, fizera do violão seu Paraíso encontrado. Poeta como o imortal inglês, também sente no coração a beleza da vida que não vê, a exuberância da Natureza que os olhos lhe negaram, o colorido das flores, a beleza dos passarinhos, o rosto inocente das crianças. E quem sabe se não teve também o seu amor? Talvez mais feliz do que Milton, "visse" a verdadeira formosura no sorriso da companheira, e não como o poeta inglês com sua amada, a qual, segundo a história, era bela como uma rosa, que Milton não via, mas lhe sentia os espinhos...

Na solidão de sua cegueira, tangendo as cordas do violão plangente, era como se estivesse a nutrir o próprio coração, a robustecer de fé sua alma sonhadora. Se lhe escasseavam esmolas, se a alimentação diminuía, iludia a fome com os acordes do pinho, no dueto sentimental entre a prima e o bordão. E nas noites silentes de sua noite eterna o cego Luis sonhava acordado com os mundos de ritmos nas harmonias boêmias de venturoso trovador. Mas um dia, já não mais suportando a crueldade da fome, viu-se na contingência de vender seu violão. Sentiu no peito o coração em luto a chorar tanto que as lágrimas, subindo-lhe às faces, molharam de pranto seus olhos sem vida. E o ceguinho soluçou com a mesma dor que fez chorar Goethe a perda de Ulrike na despedida de Carlsbad. Vender seu violão, arrimo do corpo e vida de sua alma, fôra o mesmo que Anchieta separar-se da cruz da catequese, Dante renunciar a Beatriz, Iracema esquecer sua jandaia. Aquê violão era seu confidente, seu amigo, sua família, sua vida. Quando o dedilhava era como se estivesse a afagar o próprio coração de Deus. E o vendera! Como se sentia esmagado! Caim traindo Abel, José vendido por um prato de lentilhas. Mas era preciso, já não podia mais. Cego, aleijado, sem recursos, o estômago vencera o coração, o instinto de viver dominara o espírito. Tinha o coração partido, a sangrar, como o pai de Luis Gama a vender o filho no Valongo da Bahia. Somente agarrava a saber o que era ser cego. Cego de tudo. De olhos e de espírito. Falta de luz na vista e falta de harmonia na alma. Cegueira total. Com lágrimas a deslizar-lhe pelo rosto, levou à boca o primeiro pedaço de pão comprado com os trinta dinheiros do corpo de seu amigo, o inseparável violão. Não mais teve sossego. Via-o em sonhos. Torturava-se. E quando ouvia o trinar de um passarinho parecia que era a própria alma do violão que ressuscitava e vinha falar-lhe na linguagem que só o amor e a poesia podem entender. Teve a impressão de que morria de isolamento e sua alma gemeu como o autor do "Fausto" a lamentar-se: "Como fiquei longe! Sinto-me envolto num delírio de angústias e não tenho outro consolo senão as lágrimas sem fim". Ele também chorava, cada hora, mais longe de si mesmo.

Um dia, desesperado, deixou o cego a cidade de Rui Barbosa e amanheceu à porta do Palácio da Aclamação. Queria falar ao governador. Otávio Mangabeira o recebeu. Sua história era curta como a felicidade dos cegos. Não queria ser deputado, nem coletorias, nem cartórios. Precisava de um violão. Poderia ter-lhe respondido o governador, muito honestamente, que isso não era possível, porquanto não podia alterar a lei orgânica com uma verba absolutamente imprevisível: a compra de violões para cegos. Mas homem de elevado coração e que também já experimentou nos recessos da alma os perigos navalhantes das macambiras do exílio e da ingratidão, mandou comprar um violão e o ofereceu como presente de Natal ao ceguinho deslumbrado. Ali mesmo, diante do governador, de secretários e contínuos, Luis José da Silva tangeu as cordas do violão e chorou de alegria, dançando e rindo como um pai que encontra o filho perdido nos labirintos da vida, depois de angústias, esperanças e desenganos. Passado o episódio que tanto o torturara, eis-lo como um novo Anfitrião que fôra lançado aos infernos, cego e sem a lira, e agora ressurgiu libertado pelas mãos de um benfeitor, novo Hércules tirando Alceste das garras da morte e do aniquilamento.

E esse ceguinho do interior baiano, que vendera seu violão como se fôra sua própria alma, sentiu-se reviver como num milagre de ressurreição. Resgatando seu "crisânio", voltava para seu mocambinho do interior, tão contente, tão feliz, como se houvesse tirado o mundo no grande prêmio da loteria universal.

REVISTA DA SEMANA

Sumário :

SEÇÕES PERMANENTES

O homem que vendeu a alma (Renato de Alencar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	45

REPORTAGENS

Eros ensinou sambas a ministros!	5/7
Jockey Club	12/15
Música, maestros! (Milton Pedrosa) ..	28/33
Como nasce um rei (Ruy Saulo)	54/55

LITERATURA

Livros Novos (João Luso)	10
--------------------------------	----

RÁDIO

Broadcast	11
-----------------	----

NOVELA

Vingança (Barry Perowne)	16/17
--------------------------------	-------

BIOGRAFIA

A vida de Hawthorne (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	18
--	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (O.B.)	19
De Hollywood	21
Noites de verão	22/23
Blusas brancas	24
Interiores	25
Não se queixe do calor	25
Mães e filhos (Anamaria Célia)	26
Blusas modernas	35
Para crianças	35
Detalhes e novidades	36/37
Week-end na cozinha	37
Modelos ligeiros	38/39
"Maillots"	40/41
Praia	43

CONTOS

O frade sem cabeça (Asael Lyra Rego) ..	20
Episódio doméstico (Orlando Bastos) ..	42

CARICATURA

Bom humor	27
-----------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46
---	----

FOLHETIM

Drago	51/52
-------------	-------

ILUSTRADORES

Ana Zagorska
M. Queiroz



NOSSA CAPA

E' da linda e es-cultural Arlene Dahl, ex-modêlo em Nova York e atualmente na Metro - Goldwyn-Mayer, em cujos estúdios estreou com o filme "My Wild Irish Rose" e já apareceu em "The Bride Goes Wild" e "Virtuous". Tem cabelos avermelhados e é de Minneapolis.



Ainda no recanto da bruxaria, com o traje característico, a filha de Gilka Machado executa uma das estilizações coreográficas de "Macumba", número que os franceses apelidaram de "dança dos cabelos". Isto atendendo à basta cabeleira da artista patricia, empregada nessa dança



Nos "Archives Internationales de la Danse", diante de um público composto de dançarinos, etnógrafos e folcloristas, Eros mostrou a beleza da dança brasileira, através de uma palestra agradável, intercalada de exibições coreográficas. Entre os presentes achava-se o deputado Juraci Magalhães

EROS VOLUSIA, ENSINOU SAMBA A MINISTROS!

EROS VOLUSIA chegou de viagem! A par de gratíssimas recordações do povo francês, a querida bailarina patricia trouxe as mais categoricas referências a tudo quanto lhe foi dado exibir para o exigente público parisiense. Um mundo de palavras elogiosas à sua arte é guardado com carinho entre a volumosa bagagem trazida do outro lado do Atlântico. E' que Eros, uma vez na França, não se deixou prender às classicas fotografias junto aos monumentos históricos. Ela procurou trabalhar a favor da difusão de nossa dança, ensinando-a aos que dela se aproximavam. Levou-a aos Archives Internationales de la Danse, onde, por mera casualidade, fôra bater à procura de um retrato de Isadora Duncan. Uma vez ali, deparou-se com Pierre Tugal, uma das maiores autoridades no assunto. E, depois de prolongada conversa, em que teve

A EUROPA NÃO DÁ DINHEIRO A NINGUÉM. SÓ O LUCRO ARTÍSTICO, PORÉM, COMPENSA QUALQUER SACRIFÍCIO

Texto de **ARMANDO MIGUEIS**

oportunidade de saber da inexistência de qualquer material sobre a dança brasileira, a filha de Gilka Machado viu-se convidada para realizar uma conferência sobre a mesma. Hesitou a princípio, dada a responsabilidade de que a mesma se revestia. Além disso, sua progenitora e conselheira julgou temeroso aceitar o convite,

porquanto Eros não dispunha de elementos suficientes para desobrigar-se, a contento, dessa conferência. Porém para sua grande surpresa, não tardou a lhe chegar às mãos, o convite oficial dos Archives Internationales de la Danse, feito em termos irrecusáveis. A jovem artista, confiante na própria obra que realizara em sua terra de origem, dispôs-se a falar de nosso folclore, contrariando, pela primeira vez, os conselhos maternos. E, lutando contra a falta de filmes para projeção e de gravações especializadas, enfrentou seletos e culto auditório, onde primavam os dançarinos, etnógrafos e folcloristas. Alguns destes, entusiasmados com a palavra fácil e fluente de Eros, interrompiam-na a todo instante para indagações diversas. A cada pergunta ela dava a resposta cabível. O sucesso alcançado com a palestra foi dos mais estrondosos, haja visto as referên-



No bosque de Mendon, onde, segundo a lenda, as bruxas realizavam seus atos fetchistas, Eros Volusia dançou "Macumba". Nessa ocasião, foi feito o expressivo flagrante, em que se vê a interessante bailarina num dos passos principais dessa notável criação

cias que lhe foram feitas pelos principais órgãos parisienses. O próprio diretor da agremiação, em expressivo ofício, afirmou: O folclore dançante do Brasil nos era, por assim dizer, desconhecido: pela primeira vez pudemos ouvir sobre o mesmo uma exposição clara, precisa e ao mesmo tempo poética. Ilustrastes magnificamente vossa conferência com danças tão graciosas e tão pessoais, que eu vos posso assegurar, a assistência ficou conquistada.

Queremos, como testemunho de nossa grande satisfação, convidar-vos para nossa correspondente, no Brasil, e vos pedimos que organizeis para os Archives uma seção etnográfica e folclórica de vosso país".

Nesse primeiro contacto com a intelectualidade francesa, Eros Volusia contou, entre seus assistentes, com o deputado Juraci Magalhães, que desistiu de comparecer a uma festa da ONU. Também o consul Jaime de Barros, amigo de quantos visitam a terra gaulesa, esteve presente a conferência.

NO TERRENO POPULAR

Da palestra dos Archives Internationales de la Danse, a bailarina patricia foi levada para o Coq d'Or. Trata-se de famosa "boite" que, no verão, permanece fechada durante dois meses. Eros, porém, com a sua interessante arte, quebrou esse sistema. O Coq d'Or continuou aberto ao público, enquanto este o superlotava, ansioso por aprender a dançar o samba. Era de apreciar-se o trabalho da filha de Gilka Machado. Todas as noites, após o espetáculo, permanecia ensinando aos seus frequentadores, os passos curiosos da música brasileira. Com essa atitude, pensa ter difundido, ao máximo, a ignorada dança verde e amarela. Aliás, falando a propósito do interesse que os franceses demonstraram pela música do morro, ela afirmou existir a melhor boa vontade e empenho absoluto em conhecê-la nos mínimos detalhes. Existem orquestras parisienses executando o samba em melhores condições do que

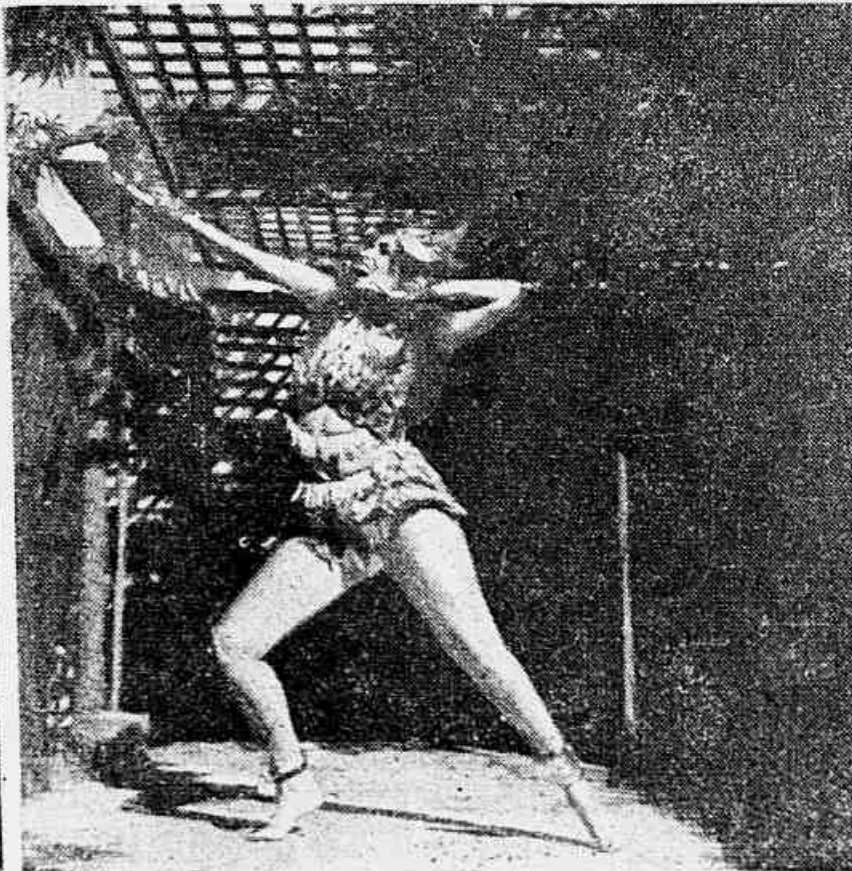
algumas brasileiras. Quanto a confusão reinante, a culpa é completamente nossa, uma vez que pouco procuramos fazer em torno de nossas melodias populares.

Na palestra que conosco manteve, a artista patricia fez questão de ressaltar o trabalho empreendido por Fon Fon. A ele, segundo palavras de Eros Volusia, muito deve a música popular brasileira. Com seu conjunto, o maestro trabalhou para que a mesma absorvesse a atenção do exigente público parisiense. Daí, a satisfação da filha de Gilka Machado ao ouvir, executado por um conjunto francês, a gostosa composição de Zequinha de Abreu, "Tico Tico no Fubá", que ela, Eros Volusia, dançou com apurado esmero.

Compreendida pelo povo gaulês, nossa patricia não encontrou dificuldades para conquistar Paris. Assim, para seu próprio espanto, viu-se nomeada membro de júri para a escolha da "Pin-up girl française de 1948". Esse certame, realizado no Casino d'Enghien, serviu-lhe, (Continua na página 48)



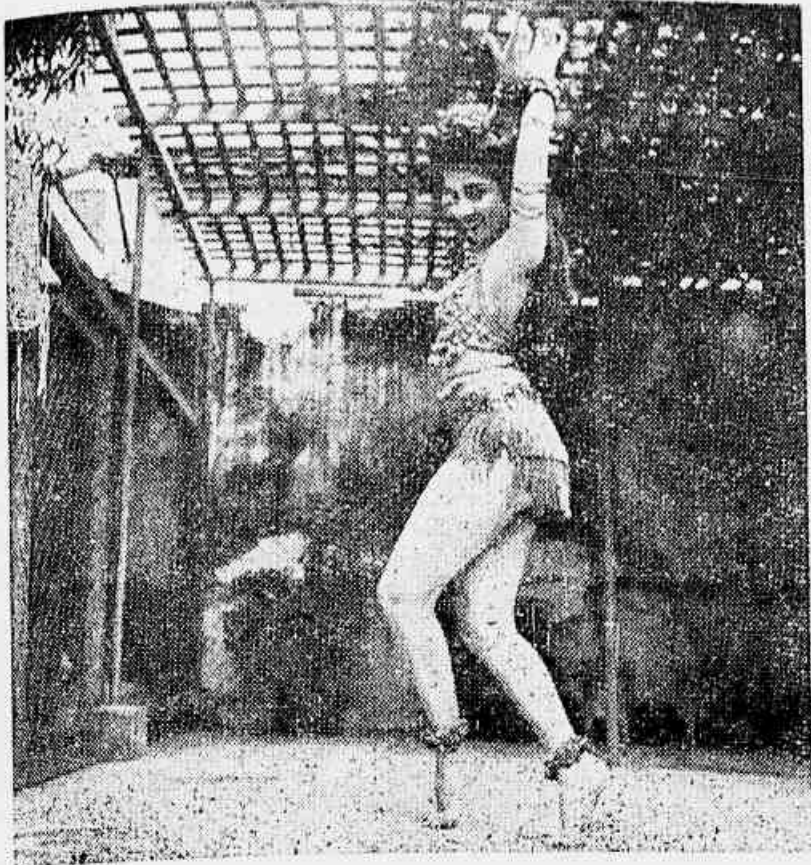
A graça e o talento aliados ao desejo de difundir a dança brasileira, levaram a nossa grande bailarina a conquistar a simpatia e a popularidade do povo gaulês. Do Quartier Latin ao Casino de Paris, Eros foi a verdadeira "Rainha do Samba", como acertadamente a cognominaram os jornais parisienses



Outro motivo que entusiasmou ao mundo artístico francês: a dança do índio, na qual Eros mostrou toda a pujança de seu talento criador. Com os passos coreográficos dessa criação, ela deu novo colorido à dança dos primitivos habitantes de nossa terra, mostrando aos franceses como é riquíssimo o folclore do Brasil



O samba conquistou Paris! Nossa grande bailarina teve de ensiná-lo a ministros da República, senadores, deputados, homens de letras e ao povo em geral. Essa vitória do ritmo crioulo, foi uma consagração para Eros, que chegou a dançar o samba nas pontas dos pés



Batoune fez delirar a plateia do Coq. d'Or, famosa "boite" da metrópole parisiense. Tanto assim que essa



casa de espetáculos, acostumada a fechar no verão, permaneceu aberta ao público, mantendo sua lotação



esgotada, graças à arte de Eros Volusia. Finalmente, a consagração: Eros nomeada correspondente dos "Archi-



ves Internationales de la Danse". Com esse cargo, tem a obrigação de reunir material para organizar a parte brasileira nessa importante instituição



Revelado o mistério do bosque de Mendon, onde Eros Volusia descobriu uma pedra sagrada nos domínios da feiticeira, ela, ali foi bailar um dos nossos afro-brasileiros: a macumba. E o silêncio desse recanto foi quebrado pelos passos mágicos da artista patifeira



a Semana EM REVISTA

Honramos esta coluna com o nome do maior vulto da semana: César Lattes.

O nosso homenageado desta edição já inscreveu seu nome nos anais da ciência universal e sua fama corre os quatro cantos do mundo.

Filho de Curitiba, onde nasceu a 11 de julho de 1924, estudou as primeiras letras naquela cidade, matriculando-se em seguida no Instituto Dante Alighieri, de S. Paulo, aos nove anos, ali concluindo o primário e o ginasial.

Prosseguindo seus estudos, em 1943 terminava seu curso de Física na Escola Politécnica de S. Paulo, com apenas dezanove anos de idade. Sua vocação para a carreira das pesquisas científicas era de tal forma visível que foi convidado para assistente de seu professor de Física Teórica, cargo que exerceu durante um ano.

Em janeiro partiu Lattes para Bristol, na Inglaterra, trabalhando no "H. H. Wills Physical Laboratory" até dezembro de 1947, quando, em colaboração com os físicos Powel e Occhialini fez uma grande descoberta: a existência da partícula "meson" da radiação cósmica. Deixando a Inglaterra foi a Copenhague, tendo visi-



César Mansueto Giulio Lattes em companhia da esposa, segue para S. Paulo em visita à sua família

tado ainda a cidade de Lund, na Suécia. Voltando ao Brasil casou-se com a Srta. Maria Siqueira Neto, filha do engenheiro e físico Ulisses Siqueira Neto, professor da Escola Politécnica do Recife. Contemplado com uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, concedida pela Fundação Rockefeller, seguiu para Berkeley, na Califórnia, onde, a 21 de fevereiro, obteve os "mesons" artificialmente, no ciclotron do Pr. Ernest Lawrence. Tem Lattes diversos trabalhos sobre física nuclear.

Sua vinda ao Brasil se prende ao convite que lhe fizeram os diplomandos da Escola Nacional de Química, para ser o patrono da turma deste ano, paraninfando-lhes a colação de grau.

César Lattes, apesar de ver seu nome equiparado ao de sábios e a ser citado em todo o mundo civilizado, não se encheu de vaidades, o que seria justificável na sua pouca idade. É um jovem modesto e afável, voltado inteiramente para as pesquisas e estudos científicos, especialmente na área dos mistérios nucleares. Sua descoberta o coloca, na opinião do cientista Gleb Wataghin, entre os grandes vultos da física de hoje. A energia nuclear ainda depende, para seu total aproveitamento, de descobertas da espécie da que acaba de fazer nosso jovem patriótico. Com a façanha de César Lattes, a Era Atômica também começa a ser brasileira, faltando agora que o nosso governo prestigie esse jovem cientista e lhe forneça todos os recursos para que no seu próprio país, possa continuar suas pesquisas e trabalhar pelo progresso humano.

NOVO COMETA

NOVO COMETA

A Universidade de Harvard possui, como sucede com muitas de suas congêneres, excelente observatório astronômico. A função desses postos de longo alcance é manter gente sua com o olho no céu, a bisbilhotar o que se passa além da estratosfera. Qual não foi a surpresa do dr. Howard Shapley, diretor do observatório, quando descobriu, faz poucos dias, magnífico cometa de brilhantíssima indumentária a passear sua cabeleira de estrelas-lá pelo infinito azul. Tão belo é esse filhote das nebulosas que pode ser visto a olho nu. Ou podia, uma vez que os cometas não esquentam lugar e vivem a percorrer o firmamento com uma facilidade de causar-nos inveja. Um pouco antes do nascer do sol o cometa de Howard Shapley surgia para alegria dos madrugadores e dos curiosos. Como este mundo se transforma! Depois que os telescópios e a ciência astronômica penetraram os mistérios dos espaços siderais e as leis de Copérnico, Newton e Kepler situaram os fenômenos celestes dentro de cálculos matemáticos infalíveis, o aparecimento de um cometa já se tornou coisa vulgar. E vão mesmo, esses físicos dos espaços e predeterminar com absoluta segurança, quando os cometas fazem meia volta ao final de seus eclipses de milhões de anos-luz, e tornam a aparecer aos olhos da humanidade estasiada com o brilho de suas cabeleiras e o fulgor indecifrável de suas caudas deslumbrantes. O cometa passou a ser um cigano dos espaços. Nômade, belo, a correr os quatro cantos da casa de Apolo, a enfeitar com seu diadema de luz a corte do rei-sol. Mas, nem sempre foi assim. Nos tempos antigos, quando descobriam um cometa na abóbada azul, os soberanos convocavam os aúgueres e vinham as profecias. E quando Julio Cesar morreu, todos viram no cometa que surgiu, a imagem de sua alma entrando na Paraíso. Não é científico, mas é poético.

O ESPÍRITO DE MURTIMHO

O ESPÍRITO DE MURTINHO

O nome de Joaquim Murtinho, por motivo das comemorações do primeiro centenário de seu nascimento, encheu de esperanças o país inteiro. A imprensa, o rádio, sociedades literárias, divulgaram a memorável obra desse brasileiro de escol, que, com sua inflexibilidade e grande patriotismo salvou as finanças do Brasil numa época de tremendas dificuldades. Parece mesmo que os hinos de exaltação ao grande ministro influíram no espírito dos nossos homens públicos e lhes inspiraram direção mais consentânea com o estado atual da situação brasileira. O fato vem confirmar o que já diziam os dualistas: "os mortos governam os vivos". Murtinho não pode mais influir entre os vivos de 1948, com sua atuação direta em relação à mais perfeita forma de aplicar ou gerir os dinheiros públicos; mas os seus exemplos ora divulgados e tão intensa e extensamente glorificados como paradigma de gênio financeiro nacional, parece que impressionaram o governo, e é o sr. presidente da República quem, agora, entrega ao seu ministro da Fazenda uma carta dando-lhe o controle da execução do orçamento. Devemos, porém, a bem do êxito da boa medida, relembrar o seguinte: naquela fase em que Murtinho tanto fulgurou, de forma que os seus raios luminosos cada vez brilharam mais à proporção que passam os anos, destaca-se sua figura de homem reto, inflexível, probo, representando o seu próprio eu, a personagem de escol, o ministro consciente de seus deveres; mas é preciso não esquecermos, por detrás de Murtinho estava Campos Sales, o presidente da República sempre voltado para o Brasil no sentido econômico-financeiro, a prestigiar o seu ministro da Fazenda, a fortalecer a contra todas as tempestades, como a platina na ponta dos para-raios. Se o espírito de Murtinho baixar algum "medium" (financista, será também indispensável que alguém se prepare para receber Campos Sales. Os dois se completam.

BOM EXEMPLO

BOM EXEMPLO

Nem sempre a homenagem a figuras políticas, ainda vivas, é sincera, ou o festejado merece a honraria. Desde muito que se estragou o bom conceito de homenagear homens públicos, com simples chaleirismos partidários, sem qualquer expressão de mérito. Não quer isto dizer que, às vèzes, os políticos e administradores da coisa pública não mereçam tais glorificações; mas, teria sido costume de salvação nacional, se, desde nossos primeiros dias de nação independente e emancipada, repelissemos as primeiras investidas da cortesiana e vassalagem louva-minheira em relação a políticos vivos. Se assim tivéssemos agido, não registraríamos hoje uma grande quantidade de personagens que têm seus nomes nas vias públicas e em cidades, embora ainda não houvesse chegado o momento para tais barrefadas. Só aos mortos devíamos glorificar com essas manifestações públicas. Infelizmente, porém, já enveredamos pelo caminho torto e êsse erro já tem mais de um século. Criou raízes de escalracho, e não há forças capaz de arrancá-lo de nossos costumes. Mas, graças a Deus, de quando em quando surge uma luz nas trevas. Nem tudo está perdido. Agora mesmo o ministro da Agricultura deteve a marcha de uma dessas barretadas, desaprovando a sugestão de dar-se seu nome a um núcleo colonial do município de Castro, no Paraná. O prefeito dêsse município telegrafou ao chefe do gabinete do ministro Daniel de Carvalho solicitando os seus bons officios no sentido de que o titular da Agricultura permitisse que seu nome batizasse o núcleo. Sua excelência agradeceu à gentileza, mas não permitiu essa homenagem. O núcleo deveria ter o nome do Município onde está situado. Uma lição.

UMA VERDADE

UMA VERDADE

Agita-se o mundo em tórno das reclamações de trabalhadores a pedido de aumento de salários. Já não há apenas greves de operários. Surgem também as do funcionalismo público, como temos visto na França, na Itália e na própria Inglaterra, quando entraram em greve empregados da Corte de Jorge VI. Vêm os aumentos de salário, e, em seguida ou mesmo simultaneamente, sobe o custo da vida. E' como se um individuo pedisse mais alimento para o sustento de seu corpo e, ao mesmo tempo, o estômago aumentasse a capacidade de digestão. Dão-lhe mais alimentos; mas o estômago cresce em maior proporção tornando cada vez mais aflitiva a situação desse reclamador. Sobem os salários; aumenta o custo das utilidades anulando esse aumento de ordenados. Gritam novamente os iludidos e alcançam o que pedem; mas novamente todo o beneficio é devorado pelo aumento das coisas de que precisa viver... Um inferno. Mais ainda, um erro. Discutem os economistas, os criticos, os legisladores. Nomeia-se uma comissão; outras surgem. Nada de acabar com o fenómeno. E vão todos de cambalhota para a fôrnalha da necessidade humana esmagados pelo preço alto como cana em moenda de usina. Que fazer? A salvação está no excelente conceito do sr. Walter Reuther, lider trabalhista dos Estados Unidos. Consultado por várias pessoas acerca da situação do proletariado, terminaram por indagar-lhe se elle não ia encabeçar um movimento de classe para pedir aumento de salário para os trabalhadores. Reuther respondeu com a maior calma; "Não nos preocupamos com mais dinheiro, e sim com o que o dinheiro pôde comprar". Sábia sentença! Todo um tratado de economia aí está sintetizado nessa expressão de um homem simples e não se afoba com a fórmula — onde está o dinheiro...

MULTADA POR AMOR

MULTADA POR AMOR

O que vamos narrar é quase uma tragédia; mas cada um pode rir sem ofender os protagonistas. Faz pena, mas também é engraçado. Os críticos classificarão o episódio como uma tragi-comédia, como quem diz: um ato entre a máscara do riso e a cara de pranto, como vemos em colunas de panos de boca desses teatrinhos rurais, simbolismo que nos veio da arte grega. Vamos ao assunto: em Danville, na Virginia, a preta Julia Osborne amava loucamente o seu Otelo, marido fiel e ciumento. Um dia, por motivos que somente os autos poderão esclarecer, o homem foi prêso. Meteram-no no xadrez e ali ficou o desgraçado a cumprir sua pena patriótica e sossegadamente. Mas sua mulher, a citada Júlia, não suportou a ausência do marido. Verdade era que, se ele estava a penar na cadeia, era ela a causadora principal da desgraça. Júlia parecia sentir remorsos. Como não requêrera licença para conversar com o marido, imaginou um processo menos burocrático e o pôs em prática, com o fim de dirigir a palavra ao espôso infeliz. Vestiu seu melhor modelo e se botou para os lados da cadeia pública. Em primeiro lugar se informou onde estava enjaulado o marido. Descoberto o local de onde ele pudesse ouvir-lhe a voz sentida, ela falou cá de baixo: "Ainda me amas?" Fez uma corneta com a mão junto ao pavilhão da orelha e esperou pela resposta do improvisado Conde de Monte Cristo de Ébano. Nada. O homem ainda parecia zangado. Estava Júlia nessa atitude pouco lícita diante de uma prisão, quando um guarda a despertou da abstração: "Acompanhe-me". A preta o seguiu, e lá no Distrito lhe explicaram que ela estava multada em vinte dólares pela transgressão de uma lei antiga que proíbe palestras com presos através das grades... Júlia não se lastimou pela multa, mas ficou danada com a falta de resposta dêle...

AMBICÃO

AMBIÇÃO

Não tem limites a ambição humana. Os atos mais divinos são, por vezes, perturbados pelas suas ansiedades de lucro fácil e barato. Vivemos numa época em que todos correm em tumulto para a conquista do "mais dinheiro". Daí essa insatisfação generalizada, o interesse bastardo e canhestro a ditar normas sobre o dever funcional do cidadão. A urbanidade é espezinhada pela correria; a dignidade dos cargos, comprometida pelo "quanto levo nisso"; aos altares onde se veneram os santos, vão certos fiéis a pedir ganhos e não paz à sua alma. Não inventamos. Durante as romarias que se verificaram em direção à casa de uma viúva de Belém do Pará, na rua Conselheiro Furtado, milhares de pessoas de todas as idades e de ambos os sexos, imploravam à santa que vertia lágrimas, lenitivos para suas aflições físicas e morais. E os telegramas iam dando o resultado dessas provas de humildade e fé no sobrenatural: cegos viam, aleijados abandonavam as muletas, os mudos falavam e os surdos ouviam. Uma romaria de fé como aconteceu ao Padre Pinto, de Urucânia, ao Padre Cícero, de Joazeiro, no Ceará, à Santa Manoelina dos Coqueiros, à margem da Estrada de Ferro Central do Brasil, em João Ribeiro, Minas Gerais. A humanidade vive entre lágrimas e agonias. Seus dias de sorriso são tão rápidos que, muitas vezes, a alegria fugaz se transforma em pranto. Por isso, quando surge a notícia de uma santa a curar os enfermos, populações inteiras se deslocam a rogar misericórdia. Mas, no meio desses sinceros, há sempre os ambiciosos, e a sria Janile Assad, correu e foi pedir à Virgem que, se a fizesse ganhar na loteria, lhe ofereceria... oitenta mil cruzeiros! Grande liberalidade para quem abiscoita uns cinco milhões do Natal!

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 52 — 25-12-48

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE LITERATURA E MODAS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

Registrada	— Um ano	Gr\$ 110.00	Seis meses	Gr\$ 55.00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR				
Registrada	— Um ano	Gr\$ 220.00	Seis meses	Gr\$ 140.00

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00
O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1012; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas 1

capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão
à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Menlonça, 19 West Street, New York City, N. Y. 10011.
África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Font...

Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inte-

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.

Não nos responsabilizaremos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Chefiadas pelo ex-presidente Rafael Calderon, forças irregulares vindas de Nicarágua invadem o território de Costa Rica. Na guerra civil da China as forças comunistas quebram as linhas de defesa de Nanquim. Peron, em conversa com um senador norte-americano, se declara contra o comunismo. Foi preso durante duas horas um oficial russo pela polícia militar dos Estados Unidos em Berlim. Celebrará o Papa, no dia de Natal, uma missa em sua capela privada. O secretário de Churchill declarou que este não pretende visitar o Brasil. Foi majorado em mais vinte centavos o selo de educação, destinando-se o aumento ao Fundo de Assistência do IPASE. Determinou o presidente Dutra medidas drásticas para compressão das despesas da União. Aprovou o Senado o projeto de aumento de subsídios do Legislativo Federal. Foram aumentados os vencimentos do funcionalismo da Câmara dos Deputados. Romulo Gallegos, presidente constitucional da Venezuela recentemente deposto por um golpe militar, aceitou o convite que lhe fez o Partido Socialista Brasileiro para visitar o Brasil. Estudantes filiados à UNE e da Universidade Católica levam a efeito, nas escadarias do Ministério da Fazenda, a representação de "Hipólito", uma tragédia do teatro grego. Chega ao Rio, procedente dos Estados Unidos, o jovem cientista brasileiro Cesar Lattes. Foi proposta na Câmara dos Deputados a concessão de um prêmio de 500 mil cruzeiros para ajudar as pesquisas científicas de Cesar Lattes. Foram detidos elementos das classes armadas do Peru por motivo de conspirações contra o governo. Noticia-se que durante os exercícios de 1943 a 1946 a Light do Rio de Janeiro transferiu para o exterior o total de 1 bilhão e 517 milhões de cruzeiros de dividendos. Descobriram grande chantagem contra o governo argentino, havendo entre as pessoas implicadas amigos íntimos do presidente Peron. Agitações políticas numa cidade da Colômbia determinando intervenção militar. Melhora o estado de saúde do rei da Inglaterra. A fim de fomentar o turismo, nove nações da Europa Ocidental, todas incluídas no Plano Marshall, aboliram o "visto" em passaportes. O general Norton de Matos dirigiu-se ao Supremo Tribunal português, por intermédio de seu advogado, sobre sua candidatura às eleições para presidente da República. Herbert Evatt, presidente da Assembléia Geral da ONU, acusou as grandes potências pelos fracassos verificados nas reuniões daquele organismo internacional. Diminuiu a tensão política entre as potências do ocidente e a URSS. Ficou sem solução a crise de Berlim. Mme. Chiang-Kai-Chek considera fracassada sua missão em Washington. Estudam a França, Estados Unidos e Inglaterra a formação de um só setor na parte ocidental de Berlim. Apura-se que Truman foi oficialmente eleito presidente dos Estados Unidos por 303 votos contra 189 dados a Dewey e 39 a Thurmond. Advogados do Rio de Janeiro patrocinam uma ação popular para anular o aumento dos subsídios dos legisladores, considerado inconstitucional. Numerosa Comissão do Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo entregou à Câmara Federal o ante-projeto de lei sobre o petróleo em bases nacionalistas. Reunir-se-ão os chanceleres americanos para investigar as acusações de Costa Rica de que seu território foi invadido pelas forças armadas da Nicarágua. Foram roubados no Estado de Maryland segredos de grande importância militar dos Estados Unidos. Assinou a Itália uma série de acordos comerciais com a Rússia. Fala-se que o presidente Peron visitará os Estados Unidos. Arturo Alessandri, ex-presidente do Chile e atualmente presidente do Senado, acusou o chefe de serviços de investigação do Chile como estimulante de semeador de discórdias entre o Chile e a Argentina. Fala-se na renúncia de Chiang-Kai-Chek como único meio de pacificação da China. Grandes trombas d'água desabaram na Zona da Mata, em Minas, causando consideráveis prejuízos materiais e mais de cento e cinquenta mortes por afogamento. Estudam autoridades e diretores da Light o aumento de preços nas passagens de bondes, luz e força. Descubrem um "complot" revolucionário no Equador. Chega ao Rio o chanceler Raul Fernandes. Agrava-se a situação da China Nacionalista com a abertura de uma terceira frente comunista. Informam que a França fabricará a bomba atômica em 1953. Levantaram na Assembléia Nacional Francesa a candidatura de Peron ao Prêmio Nobel da Paz para 1949. Chega a Costa Rica a Comissão de Investigações da Organização dos Estados Americanos para tratar do caso entre a Nicarágua e aquela república. Teme-se que haja movimento armado na Guatemala com o fim de derrubar o governo. De passagem pelo Rio, Bramuglia concede entrevista à imprensa abordando assuntos culminantes do mundo.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado. Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



APRESENTA

PARA HIGIENE, SAÚDE E BELEZA

O Segrêdo da Sultana	
Água de Colônia	"107"
Sabonete	"107"
Sabão Russo líquido vid.	270 grms.
" " " "	630 "
" " " "	1000 "

SABÃO RUSSO SÓLIDO E EM BASTÕES PARA BARBA
INDISPENSÁVEIS EM TODOS OS LARES

À venda em toda parte

Labor.: RUA D. MARIA, 107 — RIO DE JANEIRO

LIVROS NOVOES

JOÃO LUSO

PERFIS DE ALGUNS CATARINENSES ILUSTRES

Ligeiras biografias por ZEDAR PERFEITO DA SILVA

Rio de Janeiro 1948

O autor empreendeu uma série de estudos singelos para enaltecer os méritos de individualidades eminentes. Alguns destes trabalhos deixam depreender o seu primeiro destino. Obcecado a obrigações de jornal, vieram a propósito de casos ou acontecimentos em que principalmente apareceram os personagens em questão. E houve também da parte do sr. Zedar Perfeito da Silva o intuito de contribuir para o Congresso de História, marcado para outubro deste ano, para celebrar o segundo centenário da colonização açoriana em Santa Catarina.

No correr do livro se nos deparam: em primeiro lugar, Sua Eminência D. Jaime de Barros Câmara; a seguir, desembargador Henrique da Silva Fontes, coronel João Guimarães Pinho, general Olímpio Falconieri da Cunha, general Cândido Caldas, Edmundo da Luz Pinto, coronel Benjamin Gallotti e mais cerca de trinta figuras, algumas das quais já antes conhecíamos e admirávamos, outras que ficamos conhecendo melhor agora, para lhes dar o devido apêgo. Poder-se-ia estranhar a ausência de homens ilustres, tais como os srs. Nereu Ramos, vice-presidente da República; Aderbal Ramos da Silva, governador do Estado; Luis Gallotti, procurador geral da República; Ivo de Aquino, líder do Partido Social Democrático no Senado Federal. Mas o autor plenamente se justifica de tal lacuna. Não houve da sua parte — declara — nem propósito de exclusão nem simples esquecimento. Foram motivos de força maior que o impediram de incluir na lista dos seus biografados aqueles nomes insígnies. Entrarão, porém, no segundo volume e com eles numerosas notabilidades extintas, assim, por exemplo, Vidal Ramos, Lauro Muller, Hercílio Luz, Gustavo Richard, Felipe Schmidt e Victor Konder.

Aguardemos, pois, o segundo tomo, cuja publicação não deverá tardar.

PANORAMAS DA HISTÓRIA

Ensaio de PAULO HENRIQUE

São Paulo 1948

Um cartão de visita apenso ao exemplar aqui presente nos revela a condição científica e profissional do autor. O sr. Paulo H. R. Corrêa, nas letras Paulo Henrique, exerce a química. Foi, portanto, nos labores ou repouso de laboratório que ele produziu dois volumes de estudos históricos e sociais já publicados e é nessas horas vagas que está preparando o terceiro, prometido para muito breve. Trata-se do caso vulgarmente designado por "descansar carregando pedras".

Com efeito, se aquela ciência que Proudhon definiu como "o desespero da razão" reclama um labor tenaz, minucioso e ao extremo atento, não menores esforços e cuidados exige a arte que nos leva aos arquivos e aos anais, ao longo das estantes e por bibliotecas inteiras, em busca das verdades pouco ou mal conhecidas, que cumpre explicar e divulgar. Pela minuciosidade e a complexidade que possa comportar, de certo não fica o ofício do cronista das eras e das gerações aquém do mister dos que investigam a natureza e as propriedades dos corpos simples, suas ações recíprocas e suas combinações... O autor do presente livro entrega-se alternadamente às duas labutas intelectuais; ou talvez as concilie, ao mesmo tempo lhes atendendo — e então a sua obra se torna duplamente admirável.

Nestes Panoramas da História entram fastos, personagens e questões de várias épocas no mundo e particularmente no Brasil. O livro vem de "Um luar na noite medieval", passando pela "Queda da Bastilha" e recapitulando em certo ponto "Os mais auspiciosos acontecimentos de Trinta séculos", até ao capítulo todo atual e oportuno: "Combatamos o pessimismo". A exposição dos assuntos deixa sempre a impressão de espontânea e fácil; não se dá a excessos eruditos nem a rebuscamentos de frase como também não peca por desatento ou falta de cuidado; e a amenidade do comentário nos leva, sem pressa de terminar a leitura, por estas duzentas e trinta páginas, até ao fim.

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

Seis capítulos em diálogo e mais um, de pensamentos avulsos, de HERBERT DUTRA

Editora A Noite Rio de Janeiro 1948

O Idealista goza a fresca da noite, num banco de jardim público, à beira-mar; e, afastado do tumulto da cidade que o Carnaval enlouqueceu, bem desejaria ficar assim longo tempo, em silêncio, quer dizer: conversando consigo mesmo. Eis, porém, que uma jovem se aproxima, lhe pede licença para se sentar no mesmo banco; e revela a sua identidade: é a Mentira. Naturalmente — conjecturamos nós — essa personagem se sentiu contrafeita, desprestigiada entre as expansões carnavalescas que, em tantos casos, constituem home-nagens à Verdade. Por isso fugiu do centro urbano, foi ter àquela quietude e relativa solidão. E, como não poderia andar muito tempo calada, acercou-se do rapaz, com a esperança de encontrar nele um companheiro de conversa, inclinado porventura a apreciar falsidades, intrigas, calúnias e a concorrer com alguma, de sua casa... Enganava-se, porém. E, em vez da alegre, divertida palestra que ela esperava, o que da sua tentativa resultou foi uma discussão que, convertida em livro, se havia de estender por mais de cento e cinquenta páginas.

Bastante longa de certo, a contenda e, em certas páginas, um tanto repisada... Não chega, porém, a enfadar nem a perder o interesse. O diálogo está trabalhado com apuro, sem prejuízo de certa espontaneidade. A Mentira, para demonstrar o seu império na Terra, lança definições não apenas tendenciosas ou de mera astúcia, mas inteiramente arbitrárias, forçadas: "A Mentira — diz ela — é a única Verdade". E, como o Idealista declare tal conceito "paradoxal e pretensioso" — no que ainda lhe faz grande favor — a interlocutora replica: "Que é o paradoxo se não uma belíssima mentira?". E, logo adiante, resumindo um sistema de filosofia sensacional: "O homem é uma besta que pensa". Não seria, porém, de desejar que a Mentira levasse a melhor na polémica, dando-se o Idealista por vencido. Assim este, em abono das suas convicções e das suas teorias, recorre aos ditames de sábios e pensadores dos mais ilustres, cerca de sessenta, de Platão ao sr. Plínio Salgado. E, sem deixar de reconhecer na antagonista certo poderio e certo triunfo, assim, rematando um capítulo, a julga definitivamente: "...Em parte, conseguiste vencer a epiderme social. Nunca, entretanto, chegarás à endoderma. Es como as moléstias parasitárias, as micoses que corroem a pele mas não afetam a circulação".

PROBLEMAS E ANGÚSTIAS DA CLASSE MÉDICA

Reflexões e comentários de RENATO SOUZA LOPES

Rio de Janeiro 1948

Na primeira página do presente livro nos fala o autor dos "percalços do ofício", tomando esse termo na acepção moderna e familiar de prejuízo ou dissabor. Entre os presumíveis inconvenientes do seu caso de médico dado à literatura, está o de ser tomado como egresso da medicina ou amador no terreno das letras. O sr. Renato Souza Lopes conjura essa dupla hipótese e com toda a razão. Não há incompatibilidade alguma entre as duas ciências ou as duas artes. Não precisamos de ir longe buscar exemplos de como facultativos ilustres podem ser igualmente escritores perfeitos; aqui temos Francisco de Castro, Nuno de Andrade, Miguel Couto, Afrânio Peixoto; e entre os vivos se nos deparam, só na Academia de Letras, A. Austregésilo, Aloysio de Castro, Clementino Fraga, Miguel Osório, Peregrino Junior. Pode, portanto, o dr. Souza Lopes honrar-se de pertencer, com títulos equivalentes, às duas altas corporações.

No mesmo capítulo se refere o escritor a diversos casos em que passagens ou excertos de obras suas, de caráter científico, foram por outrem aproveitados, utilizados, ou com vaga citação, ou sem nenhuma indicação do nome do primeiro, o verdadeiro dono. Fala de tais processos, mas sem indignação nem azedume. E também nisso anda acertadamente. Entre os que buscam e proclamam as grandes verdades, como no meio dos que procuram a beleza na flocção, desde tempos imemoriais se estabeleceu certo direito à rapinagem. A sapiência, tal como a fantasia, anda sujeita a espoliações. E os cientistas bem podem, entre si, proceder como, no teatro, Molière que disse: "Je prends mon bien

où je le trouve", ou reconhecer como Cervantes, no "Retablo de las maravillas", a respeito dos seus confrades: "Los poetas son ladrones unos de otros".

O livro do dr. Souza Lopes oferece cativante variedade, não só quanto à natureza dos assuntos mas também pela maneira como estão tratados. Todas as questões e notáveis sucessos da moderna terapêutica aqui têm devido registro, explicados ou discutidos, às vezes francamente condenados. Ao espírito de observação, alia o autor certa tendência combatente. As causas que dizem respeito aos privilégios, à dignidade, a qualquer interesse legítimo da sua classe, encontram sempre nele um paladino ardoroso. Em outras páginas se faz a propaganda dos princípios de higiene e profilaxia que se devem impor à comunidade; ou a divulgação das grandes inovações, como nos capítulos "O enigma do câncer" e "O mistério da onda curta"; ou os ensinamentos contra erros tidos em geral como salutares, assim na "Fascinação do sol e do mar" e na "Utopia da longevidade". E a última parte vem consagrada à admiração e à benquerença; são nobres panegíricos de Miguel Couto, Carlos Chagas, Afrânio Peixoto e Fernando Gross — este último louvor bem obedecendo, pelo respeito e o carinho, ao título "Página de saudade".

O PIVETE E SEGRÉDO DE FAMÍLIA

Comédias respectivamente de LUIZ IGLESIAS e MIGUEL SANTOS e de MATHEUS DA FONTOURA

Papelaria Pedro I, editora Rio de Janeiro 1948

São duas peças ligeiras, joviais, de um tipo que não pode ser confundido com a inqualificável chanchada. Justamente por fugir esta a qualquer classificação anterior, é que lhe foi dado tal batismo. A chanchada resultou da intenção de fazer rir, embora através de todas as arbitrariedades, todos os disparates, todos os absurdos. Ora, tanto o "Pivete" quanto o "Segredo de família", sem — por motivo de algumas inverossimilhanças — se aproximarem da alta comédia, observam certa medida, certa ordem; e oferecem qualidades de organização e execução que certamente não são de desprezar.

"O Pivete" desenvolve o caso de uma aluna laureada do Instituto de Música, a qual parte para a Europa, em gozo do Prêmio de Viagem, deixando aqui o noivo que a adora, e volta tranquilamente, como se fosse a coisa mais natural deste mundo, em companhia de outro noivo. A desforra do primeiro, simulada a princípio e depois constituída por outro amor cada vez mais sincero, forma a linha central da ação, ao longo da qual surgem: um velho larápio de fundo sentimental; a moça que em "travesti" passa por seu jovem discípulo (o pivete); um "chauffeur" pretensioso e conquistador; um policial sherlockiano e outros personagens mais ou menos curiosos.

Outra série de tipos da média burguesia e de ar acentuadamente cômico nos oferece o original do sr. Matheus da Fontoura. O segredo que o título indica provém do mais singular dos acasos. Um chefe de família, funcionário aposentado à força pelo art. 177, cercado de encrencas financeiras, subitamente se torna possuidor de uma fortuna em notas de mil dólares. A princípio, o homem se julga o maior felizado deste mundo. Como, juntamente com o dinheiro norte-americano, lhe veio às mãos certa quantia em cruzeiros, passa a gastar consigo e com a família larga e regaladamente. Acabada, porém, a pecúnia nacional e quando ele trata de trocar a primeira cédula das outras, passa por esta decepção atroz: nenhum banco nem casa de câmbio a aceita, sem que ele lhe justifique a procedência. Ora, a origem de tal dinheiro constitui um segredo, revelado o qual os dólares deixariam de lhe pertencer. Enquanto o homem procura dar solução ao caso, uma criada de casa desaparece e com ela a dinheirama. Como resolver este outro problema? Denunciar a ladra seria denunciar-se a si próprio... Mas ainda, no fim da história, o homem se pode considerar relativamente feliz, porque, se não fica rico, também não vai para a cadeia.

Entre os personagens se destacam, além do protagonista: um cunhado parasita e tratantório; uma prima — hóspede, moça de idéias e costumes dos chamados modernos; um noivo intermitente, ora arreado, ora oferecido, conforme presente as aperturas ou a prosperidade da família; e a tal criada, que fala inglês e tem vários "boy-friends".

Ambas estas peças merecem alcançar na livraria êxito análogo ao que obtiveram no teatro.



BIOGRAFIA



Tomás Loreno nasceu em Portugal, tendo vindo para o Brasil muito criança. Gostava de cantar na intimidade dos amigos que lhe apreciavam o belo timbre de tenor. Um dia, Edmundo André, o famoso cancionista que divertiu três gerações, ouviu-o, e achando sua voz aproveitável, ensinou-lhe os princípios de técnica vocal. Com o tempo, Tomás Loreno foi alcançando renome, sendo hoje um artista apreciadíssimo, constantemente solicitado para cantar em horas de arte não somente aqui no Rio, mas também em diversos Estados. No momento, Tomás Loreno participa de "Momentos Líricos", interpretando difíceis trechos de óperas, com toda a propriedade. Isto o faz na qualidade de artista da Mayrink Veiga.

HONRA AO MÉRITO

O rádio tem seus trabalhadores anônimos. Gente sem vaidades, disposta a pegar no pesado, contanto que redunde em proveito do público ouvinte. É a turma que não visa cartaz, conforto, mas com uma "remington", algumas folhas de papel e boas gravações, porque é o quanto basta para a confecção de um programa capaz de atender aos reclamos do senilista. Justamente, a esses discretos radialistas, que tudo fazem para o melhor aproveitamento dos segundos, o "broadcasting" nacional deve muito. São eles os preparadores do terreno em que pisam os mais famosos cartazes, seja da música popular, seja da música clássica, pois através de criteriosos "scripts", onde predomina o bom gosto, eles conduzem o agrado popular para nível mais elevado, motivo da aceitação que vêm tendo as grandes páginas musicais.

Maria de Lourdes Costa forma nessa legião de radialistas anônimos. Discreta por índole, sem espírito formado na cobice de cartaz, ela responde pela aceitação de "Ritmos para o Trabalhador". É um "broadcast" feita para os que vestem macacão e suam diante de u'a máquina. Não se trata de um público apto a receber Chopin, Schubert ou outro qualquer gênio, sem a necessária preparação. E, nesse ponto, mais avulta o empreendimento de Maria de Lourdes Costa. Dedicando-se à distração dessa caletividade trabalhadora, não o faz para ganhar popularidade. O sentido de sua obra é outro. A eficiente colaboradora da Roquete Pinto procura aprimorar o nível musical da massa, conduzindo-a para o terreno da boa música. Será que existe maior empreendimento que esse? Duvidamos. Ainda, mais, quando é feito sob a mais discreta apresentação

RADIO-FLASHES

Coisas que aconteceram...

★ Alcides Gherardi assinou contrato com a Tupi, devendo aparecer ao microfone PRG-3 através dos programas carnavalescos. ★ A cantora russa Helena Orlova ingressou no "cast" da Globo, participando de seus programas de estúdios. ★ Zezé Fonseca fechou negócio com as "emissoras associadas". A popular rádio-atriz perceberá vinte mil cruzeiros mensais pelo seu trabalho. ★ O Trio Madrigal acaba de deixar a Mayrink Veiga, acedendo ao vantajoso contrato que lhe foi dirigido pela Nacional. ★ Alziro Zarur está em negociações com a Globo, devendo aparecer nesse prefixo, no decorrer de janeiro próximo. ★ Fernando Barreto mudou de emissora. O artista pernambucano trocou a PRA-9 pela PRE-8, seguindo o exemplo de outros colegas. ★ Luís de Carvalho continua preso à PRE-3, embora seja anunciado o seu ingresso na Guanabara.

Sujeiras lá de fora

Carmen Costa está no Rio. A cantora "colored" voltou desgostosa com os brasileiros que fazem a América. Haja vista suas declarações à imprensa carioca. Entre outras coisas, a criadora de "Chamego" disse que "de todos os brasileiros com quem me avistei, só a um devo grandes favores. Trata-se do maestro Gaó, que faz organizações para o "night-club" Copacabana. Os outros que encontrei só fizeram me desiludir, chegando mesmo, Fernando Alvares, a me declarar que eu voltasse, que no Copacabana preto não cantava e outras coisas mais que não ficavam bem a um brasileiro dizer de sua pátria e dos Estados Unidos..." Diante dessas palavras, chegamos à conclusão de que Humberto de Campos Filho estava com a razão quando falou das dificuldades criadas pelos nossos patriotas aos que daqui partem para o país ianque.

Novelista e poeta

Oranice Franco, esse espírito brilhante a quem a PRE-8 confiou a redação de

um de seus jornais falados, vai revelar-nos mais uma faceta de seu talento, através de um livro de poesias, ao qual deu o título de "Minha rua de Minas". Isso, em homenagem à terra natal. O volume em apêço será publicado pela editora "A Noite", numa cuidada edição. Mas não é só. Oranice também está terminando "A Marcha para Deus", novela que promete alcançar o êxito de seus trabalhos anteriores. Com essa história em capítulos, o vitorioso produtor da Rádio Nacional volta a escrever novelas para o elenco da PRE-8, depois de prolongado período de descanso, em que se viu entregue à elaboração do jornal matutino da estação que o tem sob contrato.

Dramatizações e rádio-teatro na B.B.C.

Os horários desses programas não sofrerão alterações, mas a série "Contos Famosos" terminará no fim deste ano. Em seu lugar serão apresentadas às segundas-feiras, duas novas séries quinzenais, em semanas alternadas — "Contos Arabes" por Ali Nur e "Pequenas Grandes Invenções". Além dessas dramatizações, a BBC continuará a irradiar o seu habitual programa de rádio-teatro às terças-feiras, com repetições às quintas-feiras.

O papagaio falou...

Nos dias que correm, tudo pode acontecer no rádio. Dêsse modo, não foi surpresa a sem-cerimônia daquele papagaio que, de um momento para outro se tornou "announcer", dando a ganhar a seu dono, a bagatela de seis mil cruzeiros. O fato passou-se no programa "Rua Quarenta e Dois", que tem como animador Manuel Barcelos. Depois de várias semanas de expectativa, em que desfilaram louros de toda a espécie ao microfone da PRE-8, um botequineiro das Laranjeiras, apresentou-se com um papagaio capaz de pronunciar o nome indicado. Este, como que fazendo concorrência ao locutor do programa, não teve nervosismo. Disse categoricamente o nome do produto, abiscoitando seis pelegas de mil cruzeiros.



Aconteceu há muito tempo... Heber de Boscoli era o homem do dia. Seu discutidíssimo "Trem da Alegria" corria na onda da Rádio Nacional, nele viajando Ismênia dos Santos, Paulo Gracindo, Aurélio Andrade e muitas outras figuras de primeiro plano. Hoje, Heber está na Globo. Paulo Gracindo, na Tupi. Só Ismênia e Aurélio continuam na PRE-8.

Melodias de todo o mundo

LA VIE EN ROSE

Edith Piaff — Louiguy

Des yeux qui font baisser les
[miens
Un rire qui se perd sur sa bouche,
Voilà le portrait sans retouche
De l'homme auquel j'appartient.

Des nuits d'amour a en mourir,
Un grand bonheur qui prend sa
[place
Les soucis, les ennuis s'efface,
Heureux, heureux, pour mon plaisir.
[sir.

Quand il me prend dans ses bras,
Il me parle tout bas,
Je vois la vie en rose.
Il me dit des mots d'amour,
Les mots de tous les jours,
Et ça me fait quelque chose.
Il est entré dans mon coeur
Une part de bonheur
Dont je connais la cause.
C'est lui pour moi,
Mot pour lui dans la vie.
Il me la dit, l'a juré
Pour la vie.
Et lorsque j'aperçois
Alors je sens en moi
Mon coeur qui bat.

FIGADO CÁ, FIGADO LÁ

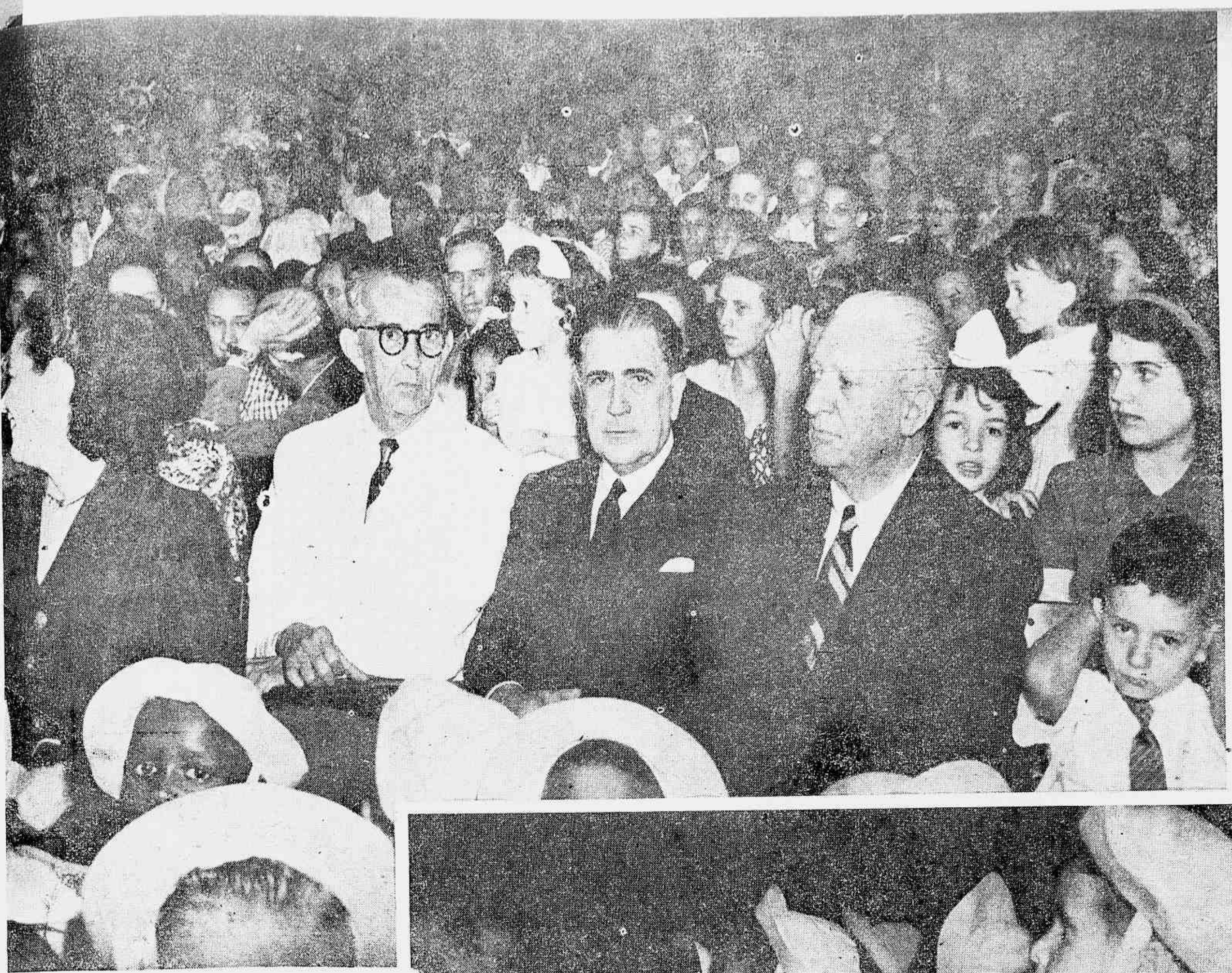
Mareba de Armando Cavalcanti

Ai! Ai!
que dor no figado
Trá, lá, lá, lá,
Trá, lá, lá, lá,
Trá, lá, lá, lá,
Não bebo, nada, nada, nada
o ano inteiro!
Mas nos 3 dias bebo todo o meu
[dinheiro!
Não quero saber se faz bem,
Não quero saber se faz mal.
Sem chopp não sinto alegria
No meu carnaval.
Figado lá,
Figado cá,
Traga-me um chopp
"di qualità!"



AS CRIANCINHAS DO JOCKEY ENTRAM EM FÉRIAS





Ao alto — Esteve presente aos festejos o sr. João Borges filho, presidente do Jockey Club Brasileiro. Na foto, s.s., está ladeado pelos srs. Porto da Silveira e Lafayette de Barros. A direita — Os pequeninos pupilos do Jockey apreciam, embevecidos, os números que se desenrolam no palco

★

No dia 16 do corrente mês encerraram-se as aulas do Jardim de Infância do Jockey Club Brasileiro, talvez a mais bela e comovente realização da nossa sociedade turfista. Um programa de festejos foi pragnizado para comemorar o fim do ano letivo na escola infantil mais bem instalada do País; a criançada exibiu-se admiravelmente em números de canto, dança, declamação e pequenos "sketchs", mostrando muito desembaraço e entusiasmo. Seguiu-se a inauguração de uma exposição de trabalhos, que a todos surpreendeu pela perfeição dos objetos manipulados, o que é admirável em se tratando de petizes de quatro a seis anos. As festividades de encerramento das aulas tiveram, no Jardim de Infância do Jockey Club, brilho e animação invulgares. Compacta assistência lotava por inteiro enorme dependência do Hipódromo onde foi armado um palco, deixando muitos de ter ingresso por falta de espaço. Membros

★

Na página a esquerda — Ao alto, um número de canto do qual participaram vários alunos, e, em baixo, aspecto da entusiástica assistência que se delicia com o encantador espetáculo. Nesta página, a direita — A sra. Porto da Silveira desprende a fita simbólica, inaugurando a exposição de trabalhos. A direita da ilustre dama está o sr. Arthur Pires, e, à esquerda, a diretora do Jardim de Infância





Em cima — Os visitantes, entre os quais os srs. Arthur Pires e Lafayette de Barros, apreciam a exposição de trabalhos da petizada, gentilmente atendidos pela incansável diretora do Jardim. Em baixo — A assistência aos festejos foi numerosa, notando-se a presença de muitos elementos de projeção no quadro social do Jockey Club. Aí vemos os srs. Arthur Pires, Bastos Padilha e Lafayette de Barros



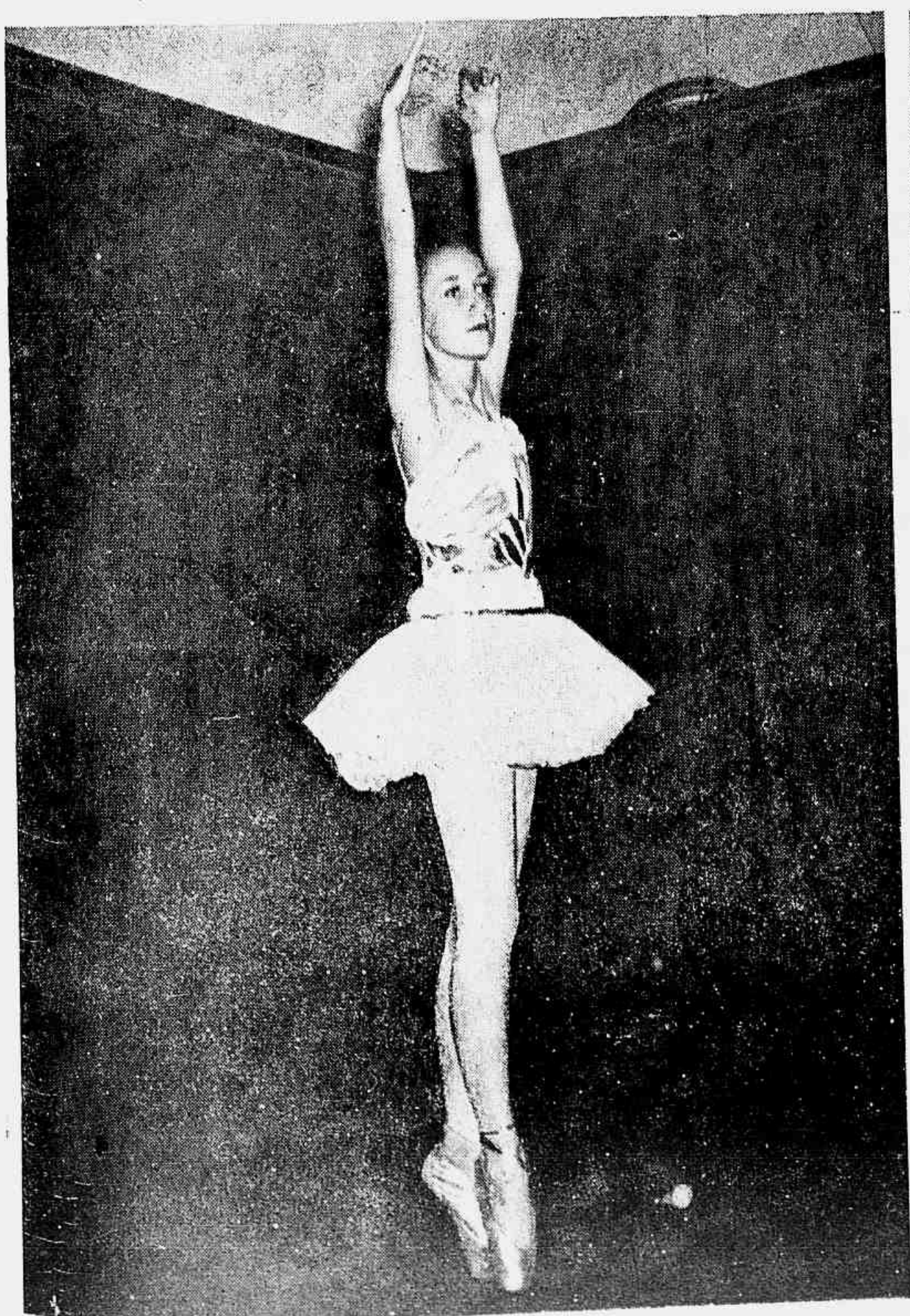
da diretoria e associados do Jockey Club estiveram presentes, entre os quais o sr. João Borges Filho, presidente; o sr. Rubens Antunes Maciel, vice-presidente; o sr. Lafayette de Barros; o sr. Artur Pires, sob cuja direção está o Jardim de Infância; o jornalista Pôrto da Silveira; o sr. Bastos Padilha e outros, alguns acompanhados de pessoas da família. O ambiente era de franca alegria, que chegou ao auge quando a professora Mauricéa Felix da Silva, dirigente do Jardim, anunciou uma série de ampliações e melhoramentos para o ano de 1949, que os srs. João Borges Filho e Artur Pires, naquele momento, lhe haviam assegurado.

Os pequeninos pupilos do Jockey Club, saudios e bem dispostos, vivos e alegres, ali estavam como um atestado da superior orientação dos nossos "turfmen", dos cuidados e desvelos das suas professoras, dando-lhes o conforto, o bem-estar, o carinho e as luzes naquela escola que é o quadro mais belo do bellissimo cenário do Hipódromo.

Foi uma festa realmente encantadora, deixando em todos uma confortante certeza de que, para o futuro, a grande associação car-reirista está ladada a maiores realizações sociais para o benefício dos seus dependentes, dos que constroem a sua, indestrutível grandeza.



Ao alto — As pequeninas holandesas fizeram um bonito número de dança, dos mais aplaudidos entre os que compunham o magnífico programa. Em baixo — A esquerda, um número extra de bailado. A direita, o sr. Arthur Pires discursando no encerramento das festividades, tendo ao lado a professora Mauricéa



SOBRE uma encosta árida e de ras teira e crestada vegetação, ao escal dante sol do meio-dia, se vê uma velha e arruinada fazenda. Seus muros estão derruídos e o portão de entrada para a casa grande reflete um período de decadência, o que ainda mais alimentava no espírito do professor Henry Bow o prazer pelas coisas históricas e evocativas.

Deixando de lado a fazenda, Bow prosseguiu viagem no "jeep" e começou a descer a encosta, na direção de Gibraltar. Envergando blusa cáqui com gravata preta, protegia-se do sol com chapéu de feltro de abas largas, sombreando sua face morena onde se viam dois olhos cinzentos e meditativos. Magro e alto, suas pernas enchiam o espaço reduzido do veículo que a guerra tornou tão popular.

Henry tinha seus 35 anos e estivera, durante os últimos anos, a lecionar história européia numa universidade de Portugal, e agora, decidido a voltar para sua casa em Londres, dirigia-se para Gibraltar, onde deveria tomar um vapor o mais cedo possível.

Um velho amigo dos antigos tempos do exército, servia na guarnição da fortaleza, e já estava combinado com o mesmo para comprar-lhe o "jeep", do qual não mais necessitava.

Ao chegar a certo trecho da estrada, descendo vagarosamente e admirando o panorama sob o sol abrasador, viu Henry que não era o único a extasiar-se com o espetáculo que a natureza lhe oferecia. Abaixo do arruinado portão da velha fazenda, num declive da encosta, viu ele armado ao sol um cavalete de pintor. Mas o artista não estava trabalhando. Achava-se estirado ao chão, próximo aos seus ptrechos, e vestia calça escura e camisa de azul bem vivo. Deitado de bruços, seu rosto contra o solo, braços em ângulo como que agarrando a terra, dava a impressão de que dormia. Henry esteve a olhá-lo, indeciso. Mas resolveu verificar o que teria acontecido. A posição daquele homem, a dormir daquele jeito, era perigosa, pois podia escorregar ladeira abaixo. Parecia também que algo de errado teria sucedido. Henry parou o carro. Trepou nele para melhor alcançar o terreno em que jazia aquele homem, olhando-o melhor por sobre muitas de cactos que floresciam à beira da estrada. E gritou com força:

— Hei, amigo!

O homem não se mexeu. Henry percorreu com o olhar a extensão da estrada Algeciras-Gibraltar para ver se avistava mais alguém. Entre eucaliptos e outras árvores silvestres, o macadame da estrada resplandecia à luz do sol queimante, evolvendo-se do leito da rodovia uma espécie de tremor. Parou o motor e pulou do carro, encaminhando-se para o local onde estava o homem. Pelo mato, à sua passagem, iam saltando grilos e outros insetos refugiados na relva queimada de sol. Logo que chegou junto ao homem, debruçou-se para ver melhor. Com o pescoço exposto ao sol, a pele parecia já muito queimada. Seus cabelos eram curtos, meio ralos e sujos de areia. Henry abaixou-se mais, apoiou-se num dos joelhos e sacudiu o desconhecido por um dos ombros. Ouviu-se uma espécie de grunhido e seu peito parecia estertorar. Estava vivo; mas não deu sinal de que ia reanimar-se. Metendo-lhe as mãos pelas axilas, Henry mudou-lhe a posição, dando

Vingança

Conto de BARRY PEROWNE

(Tradução de RENATO DE ALENCAR)

meia volta e olhando-lhe o rosto à luz intensa do sol. Era um homem forte e alto, de músculos fortes, parecendo estar nos seus quarenta anos. Seria vítima de um crime? Mas não havia sinal de sangue ou de luta. Com certeza se tratava de insolação. Não era espanhol, em face daquela compleição. Henry olhou em volta para ver se o homem trouxera chapéu. Não viu nenhum por ali. Só se viam ptrechos de pintura e uma banquetinha de lona caída perto do cavalete. Ah! também notou uma blusa caída ao chão. Henry apanhou-a e tirou de um bolso interno um cartão de identidade. Tratava-se de um oficial do exército, com fotografia, número pessoal, nome e o batalhão a que pertencia: Capitão Miles Wade, do 2º Batalhão, Abbeyshire Regiment.

Henry lançou o olhar na direção de Gibraltar. Daquela encosta ele via o grande rochedo a projetar sua enorme massa granítica sobre as águas brilhantes do estreito.

Lembrou-se de seu amigo Kenneth Kendle ao mencionar numa de suas cartas que o trânsito de pessoas sem uniforme era limitado, através da fronteira da Espanha com Gibraltar. E aquele enfermo, embora possuísse identificação militar, estava à paisana. O mais acertado, pensou Henry, seria conduzir aquele senhor à presença de um médico em Gibraltar.

Pôs-se Henry a recolocar os documentos no bolso da jaqueta do desconhecido, quando o ouviu murmurar qualquer coisa, parecida com um grunhido. Henry debruçou-se para ouvir melhor. Os olhos de Wade estavam cerrados. De sua boca escapava uma espécie de baba. Henry prestou atenção ao estado do homem, e qual não foi o seu espanto quando o ouviu resmungar estas palavras: "Alibi... estarei em outro país quando ele morrer"... Silenciou um instante e prosseguiu: "Ele morrerá ao pôr do sol...". Ao dizer isto, moveu a cabeça de lado a lado, sobre a relva. Outras murmurações vieram mais claras: "... Ao sumir-se o sol, Mimi... lembra-se dele? Mimi... chorará por ele... louca perjura... Chore, Mimi... por seu amante... ele morrerá ao pôr do sol"...

Sua voz sumiu novamente. Henry parecia uma estátua, tal era sua atenção sobre aquele homem estranho, que parecia estar sob o estado nervoso de grande drama íntimo. Novamente balbuciou: "O toque da corneta... Ouça a corneta a tocar... A última vez que seu amante a ouvirá... Mimi... Longa espera... um longo dia na Espanha... alibi... Ao estremecer as cortinas a vida de um homem... O tremor significa morte, Mimi. Você não saberá quem o matou. Nem

todas as suas lágrimas. Nem seu louco marido, traidora"...

Calou-se depois de resmungar coisas ininteligíveis. Henry ainda esperou mais uns minutos. Wade se acalmou, porém seu arfar era penoso, parecendo estar em grande perigo de vida.

Henry, embora nervoso com o ato que ia praticar, não teve mais dúvidas e suspendeu o desconhecido levando-o para seu "jeep", envolvendo-lhe a cabeça com uma toalha e chispando na direção de Gibraltar.

Era exatamente meio-dia quando ele passou pela Alfândega espanhola, mostrando seus documentos e os de Wade, prosseguindo então para o portão de Gibraltar. Lá estavam as sentinelas com suas balnetas caladas a brilhar ao sol, ao pé da enorme rocha. Quando Henry chegou à linha britânica, dois homens se aproximaram. Era um sargento da polícia londrina e um oficial da Alfândega. Henry apresentou seu passaporte:

— O capitão Kendle, Abbeyshires, está à minha espera. Quanto a este homem, trata-se do capitão Miles Wade. Achei-o na fronteira, atacado de insolação. Levo-o para entregá-lo ao capitão Kendle, a fim de que ele o mande para o hospital.

O policial fez continência, acrescentando: "Telefonarei comunicando o fato ao capitão Kendle, senhor, avisando que o senhor está a caminho. Sabe onde é seu escritório? Armourer's Lane, senhor, tome a esquerda ao chegar ao fim de Main Street.

— Obrigado — agradeceu Henry bastante preocupado com a história íntima do enfermo.

A situação era extremamente embaraçosa. Aquêle homem ao seu lado era um assassino em perspectiva, já tendo preparado seu alibi, pois estaria na Espanha quando o crime se verificasse ao pôr do sol. Já passava meia hora de meio-dia, e Henry nada sabia quanto ao local do crime, onde o preparara aquele capitão enganado por uma mulher que era sua própria esposa.

Pensando em todas estas complicações, Henry chegou à altura do escritório do amigo, capitão Kendle, e o avistou ao tópo da escada do edifício, a fazer-lhe sinais com a mão.

Era ele um homem mais jovem do que Henry, aí com os seus 28 anos, esbelto e alto, trajando camisa cáqui e de calções. Estava de ótima aparência de saúde e bem disposto, com seus olhos azuis a brilhar, num rosto amorenado pelo sol. Desceu pressuroso e apertou alegremente aos mãos de Henry.

— Quanto tempo já, meu caro Henry — diz ele. — Ali em Nijmegen, neve e lama! Como me sinto contente ao revê-lo, meu caro, Henry! Mas... que se passa com

Wade?... Telefonaram-me lá do portão. Vamos mandá-lo ao hospital e descansemos um pouco para tomar alguma coisa e conversar para matar saudades.

— Espere um momento, Kendle — diz Henry. — Há algo mais importante do que um caso de insolação. Penso que será melhor você o acomodar aí mesmo em seu escritório, primeiramente.

Kendle, depois de olhar bem o estado do doente, subiu rapidamente os degraus do edifício e ordenou:

— Cabo! Pegue a padiola e traga o capitão Wade para meu escritório. Está certo, Henry; agora subamos.

O escritório de Kendle era bastante espaçoso, arejado, no segundo pavimento, com largas janelas acortinadas dando para o jardim. Era um típico escritório de oficial do exército, com mudas de coqueiros no assoalho, secretária, um cofre e várias cadeiras.

Logo que entraram no salão, Kendle sentou-se na cadeira de mola de sua mesa de trabalho e não se conteve:

— Agora, Henry, que mistério é este acerca de Wade?

Henry contou-lhe tudo o que ouvira de Wade em seus delírios no mais agudo da insolação. Nada dissera, porém, ao sargento da polícia civil inglesa que estava ao portão da entrada de Gibraltar, pois achava que o assunto dizia respeito à guarnição da fortaleza.

— Você está coberto de razão — respondeu Kendle. — E que sorte a nossa por ter sido você a pessoa que veio a saber de tudo isso! — E falou pelo telefone: — Dê-me o Ramal de Investigações Especiais, faça favor, e chame o tenente Hugh Cameron, por favor. E' você, Hugh? Aqui é Kendle. Pode vir ao meu escritório imediatamente? Sim, é assunto muito sério!

Nesse momento a porta se abriu e o cabo com outro soldado trouxeram Wade numa padiola.

— Ponham-no ali no dormitório do oficial de dia — ordenou.

Os soldados conduziram o homem a um pequeno compartimento que ficava justamente por detrás da secretária de Kendle e ali depositaram o corpo.

Kendle ainda telefonou:

— Capitão Edgeworth, do Corpo Médico, faz favor.

Mal acabara de chamar o socorro médico, quando os padioleiros voltaram e fecharam a porta do cubículo onde deixaram Wade. Logo depois chega Hugh Cameron, muito jovem, musculoso, tipo de escocês, com seus castanhos e sagazes olhos. Kendle fez a apresentação, acrescentando em tom pilhérico:

— Henry, tenha a bondade de estimular com a história o faro desse cão de caça de nossa guarnição...

Enquanto Henry ia repetindo a história chegou o médico. Kendle levou-o ao lugar em que estava o capitão Wade.

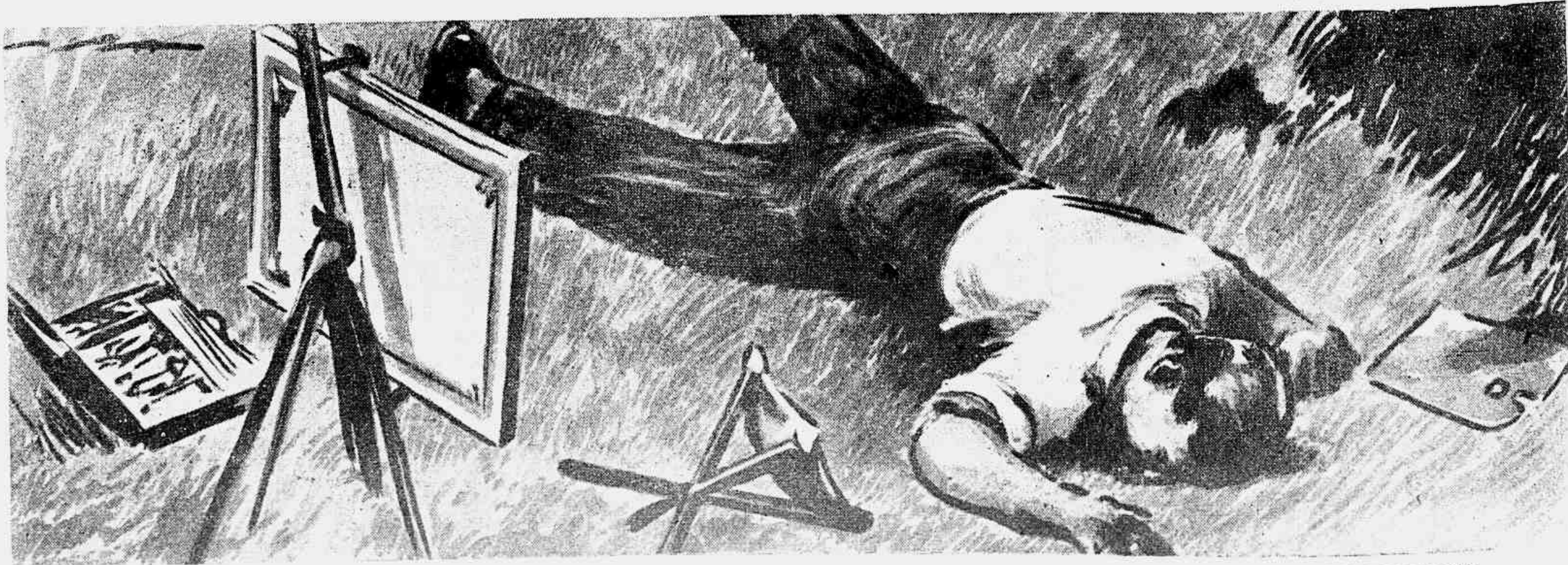
Logo que Henry terminou seu relato, Cameron lhe disse:

— Muito grato, Henry; agora vamos ver o que nos diz o nosso charlatão...

O médico estava preocupado. Fora mesmo insolação. Era preferível conservá-lo ali mesmo do que mudá-lo para o hospital. Prescreveu a necessária dieta e Cameron lhe perguntou:

— Quando poderemos interrogá-lo? Precisamos falar-lhe.

O médico sacudiu a cabeça negativamente:



— Vocês não poderão falar-lhe tão cedo. Insolação não é enxada. Voltará a si espontaneamente. E' inútil apressar-se.

— Mas... quando? — insiste Cameron.

— Talvez dentro de vinte e quatro horas — responde o médico, acrescentando: — Voltarei a vê-lo aí pelas dezotto horas.

O médico saiu. Kendle comentou: — Vinte e quatro horas! E agora, que faremos?

— Vou falar a Mimi Wade — disse Cameron. — Você fica aqui, Kendle?

— Estou de serviço ainda até as vinte e duas horas.

— Então ôho vivo em Wade. Se ele voltar a si e falar, ouça-o e me telefone para a casa de Mimi. — Cameron voltou-se para Henry: — Muito grato se viesse também comigo, Henry. Desejo que Mimi ouça a história contada por você mesmo. Será embaraçoso ter que obter de uma senhora casada revelações acêrca do nome de seu amante... Ela o dirá, caso ele não esteja mesmo na iminência de morrer neste crepúsculo.

Deixando o "jeep" de Armourer's Lane, seguiram no auto de Cameron. Já eram mais ou menos quatorze horas. Voltando à esquerda passaram sob velho arco e começaram a correr entre tamarceiras e arbustos floridos.

— Isto aqui é a Alameda — disse Cameron. — Os Wade residem em Europa Point.

— Que espécie de gente é essa Mimi Wade? — indaga Henry.

— Um tipo de beleza — diz Cameron.

— Tem seus vinte e quatro anos. E' loura, com maravilhosos olhos azuis. Sempre me pareceu de timidez quase virginal. Creio que teve esmerada educação. A idéia de que Mimi tenha um amor ilícito, aturde-me, pode crer. Além disso, jamais ouvi aqui o menor sussurro contra sua moral.

— Pode ser que Wade esteja enganado — aventou Henry. — E' ele um tipo ciumento?

— Ciumento e bruto — esclareceu Cameron. — Casado faz cerca de três anos e ainda não pôde conduzir-se com a necessária retidão. E', porém, verdadeiro técnico em infantaria e suas armas. Se o que você ouviu dele significa alguma cilada, pode estar certo de que tudo sucederá como ele preparou, ao tocar o clarim à hora do sol pôr. Ele conhece bem o local de sua vítima e deve ter disposto tudo matematicamente, e sua morte sobrevirá segundo calculou. Mas que teria organizado? Alguma máquina infernal? Uma bomba retardada? Uma granada?

— Não creio — disse Henry. — Não haveria assim nenhum alibi a seu favor, e ele foi para a Espanha para conseguir esse mesmo alibi. Deve ter preparado coisa mais sutil...

— Bem... é o caso de dizer-se "cherchez l'homme"... — diz Cameron. — Identificar o novo amor de Mimi Wade, e descobrir exatamente onde ele deverá estar ao pôr do sol, procurar esse lugar, e eis que teremos resolvido o mistério.

— Assim o espero — responde Henry um tanto secamente.

Adiante o mar refulgia à luz do sol. Cameron voltou à esquerda por uma rua estreita que tinha à direita a ribanceira da montanha e à esquerda pequenos e brancos bangolôs com seus telhados de telhas azuis e verdes, poéticas varandas e jardins de palmeiras ensombradas.

Cameron desceu. Abriu um portão e seguiu por um caminho cheio de pedras irregulares.

De um balanço onde estava sentada, Mimi o saudou com sua voz muito clara e meiga:

— Alô, Hugh! Como me alegro de vê-lo aqui em nossa casa!

Mimi trajava vaporoso vestido de gaze cor de alfazema, com um cinto branco apertando sua esbelta cintura. Seus olhos estavam de belo azul violeta e seu rosto denotava a beleza de uma magnólia pela candura e pureza que dali se irradiava. Para completar, usava um belo chapéu de abas largas, próprio para o verão, o que dava sombra aos seus belos cabelos louros, derramados pelos ombros.

Quando Cameron lhe apresentou Henry, ela lhe apertou a mão com delicadeza.

— Já almoçaram? — perguntou. — Estou um tanto atrasada com o meu, pois estive a fazer compras, e, por isso, estava agora mesmo a servir-me de sanduíches com um pouco de Xerez. Querem fazer-me companhia?

A um lado se via uma bandeja de prata

(Continua na página 45)

Henry estava com fome, mas Cameron respondeu:

— Obrigado, Mimi; não temos tempo. Vimos falar-lhe sobre um assunto muito sério.

— Sério?... — e olhou os dois homens com ar indagador. — Miles está bem? — perguntou preocupada. — Ele foi à Espanha esta manhã.

— Ele está atacado de insolação — disse Cameron. — Está no escritório de Kendle e vai passando bem. Apenas... — e lançou um olhar a Henry. — Quer narrar-lhe a história, Henry?

— Parece coisa muito misteriosa — disse Mimi. — Mas queiram sentar. — E lhes ofereceu duas cadeiras de lona.

Repetir toda aquela história a essa jovem senhora, verificar as mudanças em sua expressão fisionômica, a cor de seu rosto, foi uma das mais incômodas experiências que Henry Bow já teve em toda sua vida.

Quando terminou, tendo contado tudo com voz pausada e clara, Mimi parecia estar calma, tranquila, embora pálida. O ambiente era de torpor, e borboletas esvoaçavam sobre as flores do jardim, sob aquele sol ofuscante.

Mimi, com voz tênue, quase num suspiro, murmurou:

— Como poderia ele... Como poderia ele pensar em tal coisa?

— Então... não há mais ninguém, Mimi? — perguntou Cameron.

— E você pensa que possa haver, Hugh?

— Mimi — disse ele — o que eu pense não tem valor algum. O essencial é que a vida de um homem está em sério perigo ao chegar o crepúsculo. O que eu preciso que você me diga é se há alguém de quem Miles Wade pudesse ter ciúmes, ou conceber essa suspeita, com razão ou não. Pode imaginar você quem seja? Eis tudo!

Mimi baixou os olhos e, acariciando a ponta dos dedos, falou com voz tímida:

— Não sei quem seja...

— Acha então que o caso seja irremediável? Não pode ajudar-nos? — voltou Cameron.

— Não posso fazer nada...

Subitamente se perturbou e baixando a cabeça apertou-a entre as mãos, parecendo abatida e aflita.

Cameron olhou de relance para Henry.

— Sinto muito, Mimi... — disse.

Vendo que nada mais podiam adiantar, despediram-se, deixando-a sozinha, e foram para o auto. Quando começaram a rodar, Cameron explodiu, como se quisesse desabafar o peito:

— Que porco e estúpido é aquele idiota Wade!

Henry fitou o rosto rude daquele escocês que parecia indignado.

— Sabe de uma coisa, Hugh? — disse Henry. — Em meus cursos de educação sempre tive um bom número de mulheres estudantes. Uma das coisas mais curiosas que descobri é que, muitas vezes, a moça mais recatada, educada com excessivo rigor em seu lar, é a mais dada a mentiras aperfeiçoadas... E' uma forma, uma maneira de auto-proteção.

Cameron parou, de súbito, o carro.

— Acha você que ela esteja mentindo?

— perguntou. E em seguida: — Mas Henry, não vê logo que se há um homem a quem ama e nada ela nos diz a seu respeito, está ela mesma pondo-o em perigo de vida?

— Não, é claro — esclarece Henry. —

Tal risco não está ele a correr, pois ela poderá avisá-lo de viva voz. E penso que é justamente isto o que vai fazer, Hugh. Ela telefonará a esse alguém. Não poderia eu vê-la a transmitir tal coisa pelo telefone. Mimi é cautelosa. Solicitará a esse alguém um encontro. Se pudermos ficar de atalaia em lugar que não sejam vistos, vê-la-emos aparecer dentro em pouco...

— Há ali excelente local para isso, mais adiante um pouco — disse Cameron, um tanto incrédulo.

Andaram mais uns metros e chegaram ao local da espreita. Era junto a um portão de ferro, à esquerda, colocado à beira da rocha, tudo mais ou menos encoberto por um renque de palmeiras baixas. Henry abriu o portão.

Não esperaram muito e viram aproximar-se com seu tilintar característico um carro puxado por belo animal ajaezado e que foi na direção da casa de Mimi.

— E' como se ela tivesse falado com alguém pelo fone — murmurou Cameron.

Em poucos minutos a carruagem voltou.

Quando passou à altura da atalaia des



observadores, Henry viu, num relance, Mimi com aquele mesmo vestido, ao fundo do carro. Saiu do esconderijo e abriu o portão. A carruagem tomou a direita e de dentro desceram a cortina da portinhola traseira quando o veículo ficou a um lado da rua, seguindo depois pela "Alameda Gardens". Seguiram-na até onde foi possível. Depois voltaram a confabular.

— Henry, fique aqui neste corte e espere.

Mal tinham retomado seus postos de observação, quando viram que o carro regressava, mas já sem ninguém em seu interior. Olharam os relógios. Já estava faltando pouco para as dezesseis horas. Naquele instante ouviram o ruído de um auto descendo a colina. Dirigia-o um jovem homem com camisa esporte, amarela. O auto era do último modelo esporte, muito elegante e caro. Minutos depois outro carro se aproximava. Guiava-o um oficial de bigodes louros e... lá estava Mimi!

Henry e Cameron se entreolharam.

— Dois... dois amôres! Henry, se eu não houvesse visto com os meus próprios olhos, creia, não teria acreditado. Um é o conde Jaime Lorca, um milionário espanhol; mantém apartamento permanente no "Peak Hotel", daqui. Certamente ela o avisou do que ocorria e ele deu o fora. O segundo a quem deve ter avisado é o

major John Dacre, Abbeyshires, um dos nossos melhores elementos da guarnição. Mas... seria cômico se...

— Se nada acontecesse... — adivinhou Henry.

Iam conversar em voz baixa quando, em certo lugar da estrada que entra para a Alameda, o carro de Dacre pára. Mimi salta do mesmo e ele o dirige, imediatamente para Main Street. A mesma carruagem passa e Mimi a toma, dirigindo-se a Europa Point.

— Tudo foi muito bem organizado por ela — disse Cameron. — Ela agora vai para casa. Bem, pelo que disse Wade em seu delírio, presumivelmente a armadilha que organizou deve ser para um desses dois, Lorca ou Dacre; mas Mimi já os protegeu. O pior agora é se vai pagar algum inocente pelo mal que esses dois fizeram, colocando-se no lugar da cilada, ao pôr do sol. Vamos parar onde houver um telefone, Henry. Falarei com Kendle e saberei dele se Wade já voltou a si e revelou alguma coisa. Isto nos poupará tempo evitando que estejamos a procurar livrar da morte um terceiro não culpado.

Cameron esteve durante longo tempo a falar num telefone de campanha na Alameda Gardens. Já passava de cinco horas da tarde quando retornou. Iam calculando a surpresa de Kendle quando soubesse que Mimi tinha não um, mas dois amôres.

(Continua na página 47)

A VIDA DE HAWTHORNE

(1804-1864)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

A vida de Hawthorne foi um símbolo poético de criação assim como suas obras foram um símbolo poético de vida. Oriundo de uma raça de embarcadouros, sentou-se solitário à beira do mar e quietamente se pôs a assinalar a eterna luta entre a areia e a ressaca. Para uma personalidade mais ativa este retraimento passivo poderia parecer pura perda de tempo, simples divertimento infantil comparado com os sérios problemas que assombram as pessoas adultas. Contudo, "mesmo um brinquedo de criança", como notou o próprio Hawthorne, "torna-se magnífico em uma tão grande escala". Enquanto os outros tentavam desesperadamente escrever seu nome na areia, Hawthorne observava a subida da maré que apagava esses traços. "Traça letras (na areia) e letras gigantes, do tamanho de duas passadas, os traços maiores do tamanho de três passadas. Faze-as profundas para que se não apaguem! Estadistas, guerreiros, poetas, não empregaram seus esforços em causa melhor do que esta. Obtiveram êxito? Volta dentro de uma ou duas horas e procura a marca poderosa de um nome. O mar já o terá apagado assim como o tempo lança suas ondas que expungem os nomes dos estadistas, dos guerreiros e dos poetas. Escuta, as ondas rebentando riem de ti!".

Hawthorne dedicou-se a observar essas marcas do esforço humano e o seu desaparecimento, e a transmitir à história as características dessas letras traçadas na areia pouco antes que as águas não deixem delas nem vestígio. Interessou-se especialmente pela índole do puritanismo moribundo nessa época. Penetrou-lhe o espírito e preservou-o do esquecimento pouco antes que o puritanismo cedesse lugar ao otimismo mais ostentivo da época posterior à Guerra Civil.

II

Quando Hawthorne se decidiu pela literatura, sabia que estava condenado a uma vida de pobreza, sofrimento e desprezo. Nos Estados Unidos a literatura não era mercância procurada. E' que na época dos puritanos o culto prestado às musas era considerado coisa pecaminosa, como o era jogar cartas, beber uísque e beijar a mulher do próximo. Os primitivos dramas norte-americanos eram chamados eufemisticamente "Preleções morais", para que pudessem ser aprovados pela censura dos puritanos. No tempo de Hawthorne a censura afrouxara um tanto, mas a paternidade literária era ainda uma profissão arriscada. Apesar disso Hawthorne estava disposto a arrostar-lhes os perigos. Ele descendia de um tronco de aventureiros. Os Hawthornes (foi Nathaniel quem acrescentou o w ao nome) haviam sido, durante várias gerações, comandantes de navios. Corriam-lhes no sangue como que fluidos marinhos. O enfrentar perigos desconhecidos fazia parte da natureza daquela família.

Além disso, a educação de Hawthorne não o tornara capaz para os negócios ou para uma carreira profissional. Fora educado para ser o que os psicólogos modernos chamariam um introvertido. Vivia dentro do círculo dos seus pensamentos. Nascido no começo do século (1804) perdeu ainda criança seu pai marinheiro. Sua mãe fechou-se numa casa solitária de Salem, com Nathaniel e suas duas irmãs. Ali ficaram apartados do resto do mundo como se estivessem enclausurados numa embarcação em pleno Atlântico. E ainda dentro do âmbito doméstico cada um dos membros da família foi ensinado a viver sua própria vida em separado. Era um convento pequeno e singular aquele a que a extravagante puritana condenou os filhos. Cada um deles comia, brincava, lia e meditava em uma peça separada das outras, o que fez com que o pequeno Nathaniel fosse obrigado a criar um mundo de personagens imaginárias para lhe fazerem companhia.

Além disso, sofreu, quando ainda muito criança, uma machucadura numa perna, que o aleijou durante vários anos, impedindo-o de brincar com as outras crianças. Sensível por natureza e influenciado pelo temperamento mórbido de sua mãe, permanecia dentro de casa durante todo o dia, só saindo ao anoitecer a passeio pelos campos ou ao longo da praia. Como resultado desse hábito, familiarizou-se com a natureza em seus aspectos mais sombrios. Durante toda a vida só viu o mundo envolvido numa capa cinzenta ou preta. E' esta a disposição de espírito, que vamos encontrar refletida em seu estilo literário. Sua linguagem tem a tristonha doçura de um mundo que canta até dormir.

III

Aos 17 anos entrou para o Bowdoin College, onde conheceu dois estudantes que mais tarde iam ter nome — Henry Longfellow e Franklin Pierce. Durante o seu tempo de acadêmico sofreu o costumeiro destino do gênio que é tão profundo que fica fora do alcance de seus professores. Obteve notas muito baixas. Depois de formado voltou para Salem e a ali se estabeleceu "sonhando com a vida", segundo sua própria expressão. "em vez de vivê-la". Escreveu histórias que lia para si mesmo e depois atirava ao fogo. Incapaz de se tornar um ator no drama da vida e pouco disposto a ser um mero espectador, resolveu ser um comentarista observador. Lia pela manhã, escrevia durante a tarde e dava longos passeios à noite. Olhava a paisagem perdida na escuridão e povoava-a de figuras e paixões de épocas passadas e também do seu tempo. Fez-se explorador do desconhecido, pesquisador do mistério da alma humana. Tomou os ossos secos da história, cobriu-os de carne — uma carne pálida e irreai porém bela — e mergulhou essas frágeis criaturas no pecado, analisando-lhes as reações com a severidade de um puritano e a compaixão de um poeta. Encontramos esta estranha combinação do seu gênio, esta luta constante entre sua piedade e sua compaixão, mesmo nos seus primeiros trabalhos dados à publicidade — a coletânea de histórias conhecida por *Histórias contadas duas vezes*. Uma das mais típicas dentre essas narrativas é a intitulada *The May-Pole of Merry Mount*. E' a história de um

mago e de uma jovem que, com uns toques de infre pagão no coração, penetraram na cidadela do puritanismo da Nova Inglaterra. Para os puritanos a vida é uma severa realidade, mas para estes jovens pagãos ela não passa de um baile alegre. São peccadores e devem ser punidos pelos seus peccados. E assim, no celebrarem seu casamento em redor do "May-Pole", o governador Endicott cai sobre eles com seus soldados, despe o "May-Pole" de suas flores e condena o estorrecido casal a uma vida de árduos trabalhos físicos e de completa escuridão moral. Mas, neste ponto, o poeta Hawthorne levanta

sua voz contra o puritano Hawthorne. Enquanto o casal se afasta da cena de sua felicidade, o velho e severo governador "levantou a coroa de rosas das ruínas do "May-Pole" e atirou-a, com a sua mão coberta pela manopla, sobre a cabeça dos dois jovens". Castigo pela fealdade de seu pecado, rosas para a beleza de seu sofrimento. Era uma nota desconhecida na literatura norte-americana.

Mas o público ainda não estava suficientemente amadurecido para esse novo gênero literário. Comercialmente, o livro foi um fracasso.

IV

Os dois condiscípulos de Hawthorne venciam na vida. Longfellow era professor em Harvard e Pierce era um dos membros do Senado dos Estados Unidos da América. Hawthorne, porém, continuava lutando sem sucesso. Durante algum tempo esteve em Haworthorne, pregado como encarregado da pesagem de carvão na Alfândega de Boston. Mas a eleição de um novo presidente (Harrison) fez Hawthorne perder o emprego, varrido pela corrente oculta do protecionismo político.

Nesta ocasião empregou suas economias (cerca de mil dólares) na colônia cooperativa de Brook Farm. Ali, pensou ele, seria possível viver sem a necessidade de lutar pela vida. Os Estados Unidos viviam um período experimental de sua história. Surgiam todos os "ismos" — socialismo, feminismo, transcendentalismo, anarquismo, fourierismo, comunismo e não sabemos mais o que. Os idealistas apressavam-se a dar franco ingresso aqui à idade de ouro. Brook Farm, sob a direção de Margaret Fuller, devia transformar-se num jardim celestial aqui na terra. E os membros de Brook Farm, numa demonstração de capacidade para seus cargos, nomearam Hawthorne (logo quem!) para conselheiro de finanças da colônia.

Agora vemos Hawthorne num novo papel — o de fazendeiro financista. Largou a pena e pegou num forcado. Em vez de espalhar a tinta sobre o papel, espalhou adubo sobre os campos — uma figura de todo incoerente, um anjo num montão de estrume. Suportou essa vida durante um ano, findo o qual voltou para Salem. Perdera todo o seu dinheiro na experiência de Brook Farm, mas lá ganhara o material para *Blithedale Romance*, seu único romance de cores mais vivas. Diferentes dos tipos sombrios dos seus outros livros, os desta história são banhados pela luz de um sol que já vai alto.

Hawthorne contava nesta ocasião trinta e oito anos. Era uma figura de extraordinária beleza e de patética futilidade. Tinha o corpo de um Hércules e a cabeça de um Apolo. Seus olhos, porém, eram os de uma criança amedrontada ou ainda os de um desconhecido que acaba de chegar de um mundo estranho. Evitava a companhia dos outros. Sentia-se mais à vontade na companhia dos personagens de suas histórias do que entre os habitantes de Salem. Deixou-se ficar entre aquelas colinas e ali entrou a converter a vida em ficção — uma ficção que era mais viva que a própria vida.

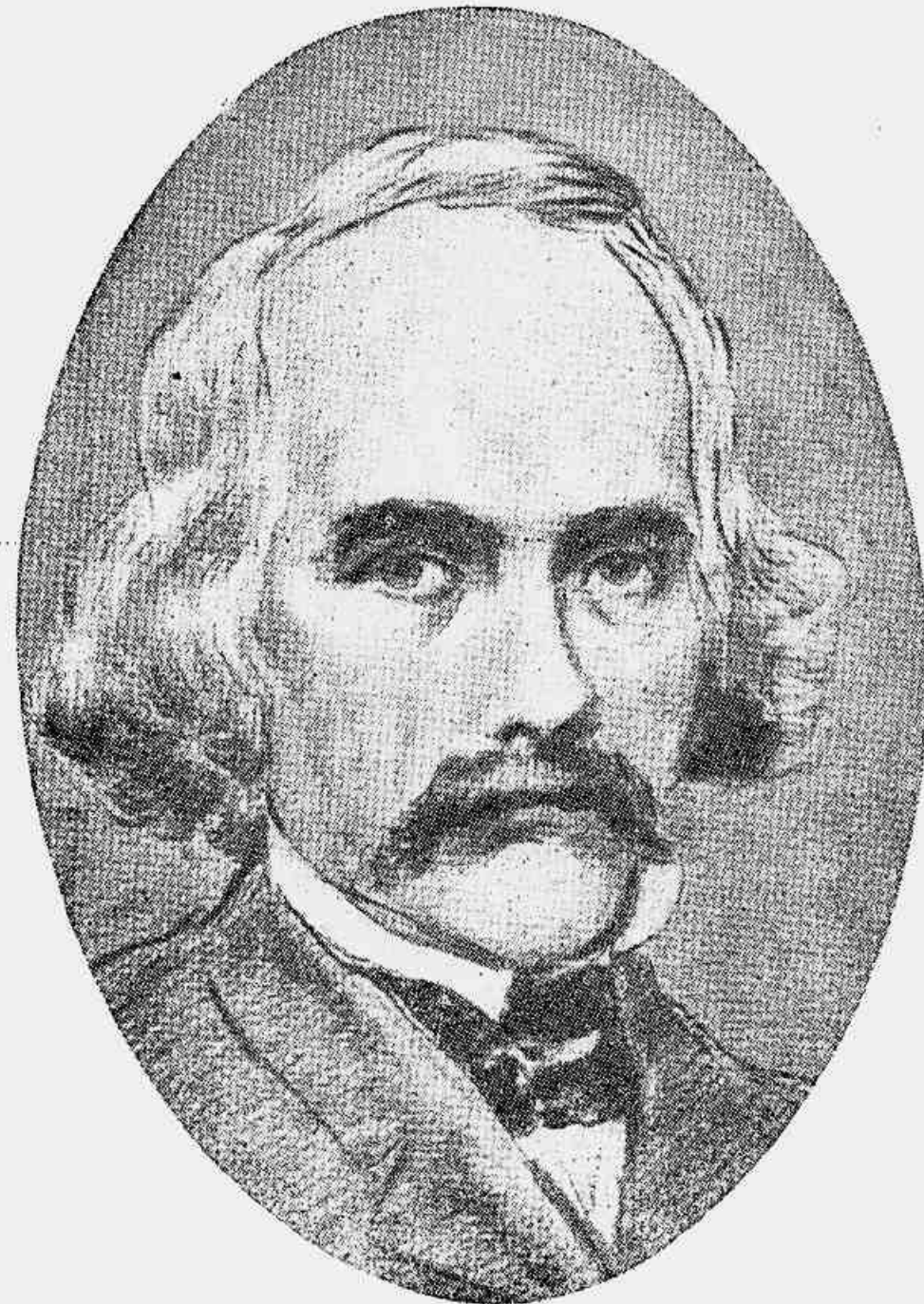
Absornte em sua arte, queria viver inteiramente a coberto das instruções do mundo. Ofendia-se "com uma antipatia interior e uma precipitada fuga" com a aproximação de quem quer que ousasse perturbar sua meditativa solidão. "Eu fugia precipitadamente pelos rochedos à aproximação desse alguém, como se um outro "eu" me houvesse assustado, e refugiava-me em uma reentrância que muitas horas de solidão me davam o direito de chamar minha".

Contudo, Hawthorne não estava inteiramente só. No verão de 1842 casou-se com Sophia Peabody, mulher fadada a trazer-lhe a felicidade de uma vida de memórias revolucionárias e de espíritos rebeldes como Bronso, Aleot, Ellery Channing, Ralph Waldo Emerson e Henry Thoreau. Ali sentiu-se um pouco mais no seu elemento, um pouco menos afastado de uma vida que tinha tanto de comum com a sua. Mas, ainda assim, raramente saía de seu retraimento desconfiado. Alugou uma casinha modesta numa rua sem movimento. Embrulhado no seu chambre em frangalhos ("Posso não ser um proprietário de terras", dizia ele, "mas possuo as maiores rendas do país.") continuou a criar seus personagens pagãos de fundo puritano.

Durante quatro anos mal conseguiu ir-se mantendo com o que ganhava como escritor. Depois a sorte resolveu fazer-lhe uma visita. Mais uma vez os democratas haviam conquistado a presidência, e Hawthorne foi nomeado superintendente de direitos aduaneiros em Salem, com o salário de 1.200 dólares anuais, quantia fabulosa na Salem de 1846.

Mas sua boa sorte só durou até 1849. A eleição de Zachary Taylor para presidente equivaliu à demissão de Hawthorne. Sua situação era lastimável. Conquanto só tivesse 45 anos, sentia-se velho. Tinha mulher e dois filhos para manter, não possuía economias em que se apoiar nem perspectivas de uma nova colocação. Mas três coisas vieram em seu auxílio: a coragem da esposa, a generosidade dos amigos e a confiança de seu editor em que Hawthorne seria capaz de ainda criar uma obra-prima literária.

Sua mulher recebeu a notícia da demissão como se fosse uma novidade agradável. "Finalmente terás tempo para escrever aquele grande romance", disse, sorrindo corajosamente. Acendeu a lareira no gabinete de trabalho do marido, arrumou-lhe a escrivaninha, ajudou-o a vestir o seu chambre. (Continua na pág. 34)



NATHANIEL HAWTHORNE



Esta garota bonita que Papai Noel acaba de visitar, é Barbara C. Hallis, da Universal-International, que veste "short" de tropical azul e "sweater" de angorá branco

NESTES dias bonitos, de um sol tão brilhante e radioso, todas nós sentimos o mesmo desejo: ser feliz! A alegria do sol nos contagia e também nós passamos a desejar que a nossa vida venha a ser tão brilhante e tão radiosa como o sol. No entanto, existem criaturas que têm ao seu redor ou ao seu alcance, todos os elementos necessários para atingir a esse fim. Apenas não sabem como estender as mãos para obtê-los, ou não sabem aquilatar bem o valor daquilo que está ao seu alcance. Sonham com uma felicidade distante; sonham coisas quase que irrealizáveis e suspiram, desiludidas ou resignadas, porque compreendem que

O sol nos ajudará...

tudo aquilo nunca passará de sonho. Outras, porém, não compreendem a irrealização do sonho e passam a persegui-lo insistentemente, caminhando, a largos passos, para o sofrimento e a decepção. E, quantas vezes a felicidade está ali bem perto, no sorriso de uma criança, na dedicação de um esposo, no carinho de uma mãe! Quantas outras pessoas sonham justamente com essas coisas! Com um lar sociegado, com a compreensão, o respeito, a estima e o amor dentro dele! Isto faria

muita gente feliz... Mas não basta para fazer feliz aquela que não compreendeu ainda o valor de tudo que a cerca; aquela que aspira honrarias e grandezas, que quer ser invejada e cortejada; que quer ser sempre um foco de atenções; que deseja ter à sua volta um mundo de admiradores; que tem enfim o desejo de dominar a tudo e a todos. Que reflitam, que olhem bem ao seu redor, agora que a claridade do sol dá mais vida e mais alegria a tudo, e que se certifiquem de que a felicidade que procuram está ali, bem pertinho, bem ao alcance das suas mãos. Já esta certeza as tornará felizes...

O. B



CHICO PIABA estava sentado no meio da rua, ao pé da velha cajazeira, tendo entre as pernas inchadas, o balaio de peixes. Eram peixes fresquinhos, produto de seu trabalho da noite de sábado para domingo. Os garotos da vila acoravam-se ao redor, não para comprar os peixinhos, mas para ouvir as histórias fantásticas que Chico tanto gostava de contar.

— Conta uma história, Chico!

— Agora não, meninos! Deixa eu acabar de vender os peixes!

— Conta, Chico, conta aquela do frade sem cabeça!...

Os pedidos iam aumentando, até que se tornavam insistentes. Chico perdia a paciência, agarrava o cipó de cabuatã e ameaçava os garotos, afastando-os para longe. Voltava para junto do balaio, resmungando entre os dentes cerrados:

— Cambada de vagabundos!... Bolem comigo não sabem que eu também já fui rico! — E batendo nos peitos, gritava: — Já fui Senhor de Engenho, seus pestes! — Baixando a voz, murmurava, meneando a cabeça: — Ai se eu ainda fosse dono do Engenho das Pratas!

— Que engenho foi esse, Chico? — perguntou alguém que ouvira o seu lamento.

— O meu sinhozinho! O meu engenho foi o melhor banguê do Vale do Tracunhen!

Um garoto gritou bem perto: — Mentiroso!...

— Mentiroso é o diabo que o carregue, desgraçado!...

Apesar de todos os aperreios daquele domingo de feira, aos poucos o pobre Chico Piaba vendia os seus peixes. Emborcava o balaio na cabeça e rumava diretamente para a quitanda de d. Candiinha, onde tomava os seus tragos de cachaça. Ali ficava, até embriagar-se. O resto do dia perambulava pela rua da fren-

O FRADE SEM CABEÇA

Conto de ASael LIRA REGO

te, ouvindo as chacotas dos garotos e quando a noite chegava, encontrava-o caído na calçada da igreja, junto ao cruzeiro de pedra, completamente vencido pela carraspana.

No dia seguinte, porém, lá ia o Chico Piaba com a sua velha tarrafa ao ombro, para as margens do rio Tracunhen. Ficava parado em frente à Casa Grande do engenho do coronel Leopoldo, esperando que os meninos descessem para ouvir as suas histórias de escravos e de negros fugidos.

Os meninos do engenho ouviam as histórias de Chico Piaba com muito carinho e ficavam convencidos de que tudo era verdade.

— Conta aquela história do frade sem cabeça! — Pedia o Joãozinho.

— Ah! Conta agora, Chico!

— Não, hoje não! — E corria pelo barranco em busca do rio, onde se metia por baixo das ingazeiras, dia e noite, na pescaria.

Espalhara-se entre os garotos da vila e dos engenhos da redondeza, que Chico Piaba havia visto um frade sem cabeça, pendurado na jaqueira grande do fim do sítio da casa da vila, de propriedade do coronel Leopoldo. A notícia tomou vulto e em pouco tempo não eram somente os meninos que pensavam na história do frade sem cabeça, mas toda a população da vila e dos engenhos, estava interessada no assunto.

— É verdade, o Chico Piaba viu o frade sem cabeça!

— Será mesmo?

— Disse que o frade pede reza!

— Deve ser botija!...

A história foi assim ganhando importância. Na farmácia do Dr. Menezes só era em que se falava. Na loja do "seu" Tonho os caixeiros não falavam outra coisa. Os padeiros de "seu" Araújo paravam o serviço da massa para ouvir a história de Chico Piaba. As meninas da escola de d. Veneranda, andavam todas assombradas com a história do frade sem cabeça. Já corria o boato de que a velha Sinhá Dórá estava preparando uma novena pela alma do frade sem cabeça.

Do dia para a noite aquela jaqueira frondosa onde os garotos brincavam de pega-pega, ficara completamente abandonada. O caminho da cacimba que passava por perto, criou mato. As mulheres deixaram de passar por perto da velha árvore em cujas raízes notavam-se agora os vestígios das velas que durante as noites tinham sido acesas ali, para iluminar a alma do frade sem cabeça.

— Quem mandou deixar dinheiro enterrado?!

— Não diz isso, mulher, não estás vendo que a alma do pobre pede reza pra sair do suplício do purgatório?!

Eram os comentários das lavadeiras no riacho do Catinga.

Nem todos aceitavam as revelações as-

sombrosas de Chico Piaba. Entretanto ele continuava afirmando haver visto o frade sem cabeça e que arrancaria o dinheiro que estava enterrado em baixo da raiz grossa da jaqueira grande.

A história do frade sem cabeça chegou ao ponto de criar um caso de amor, perturbando o coração da pequena Maria Leão, a cabrocha mais fazeira da vila. Maria amava Tadeu, cabloco forte, feitor do ceto do Engenho das Timbiras. Via-o passar pela porta da escola de d. Veneranda e estava apaixonada. Entretanto, sentia que não estava sendo correspondida no seu afeto. Tadeu olhava mais para d. Veneranda, quando passava e respeitosa-mente tirava o chapéu de palha de carnaúba, de que mesmo para Maria. Até que um dia ela resolveu ir à casa de Chico Piaba. Era preciso consultar o Chico.

A porta do mocambo estava aberta. Maria aproximou-se e olhou para dentro. Chico Piaba estava consertando a tarrafa e levantou a cabeça quando ouviu Maria dizer:

— Boa tarde, Chico Piaba!

— Deus lhe dê as mesmas, menina Maria, como está a menina?

— Assim, assim, Chico!

— Que quer a menina por aqui a estas horas?

— Posso dizer uma coisa, Chico?

— Por que não, menina Maria?...

Um pouco amedrontada, Maria contou a Chico Piaba toda a sua história, todo o seu amor pelo Tadeu:

— Por isso quero fazer uma promessa ao frade sem cabeça, Chico!

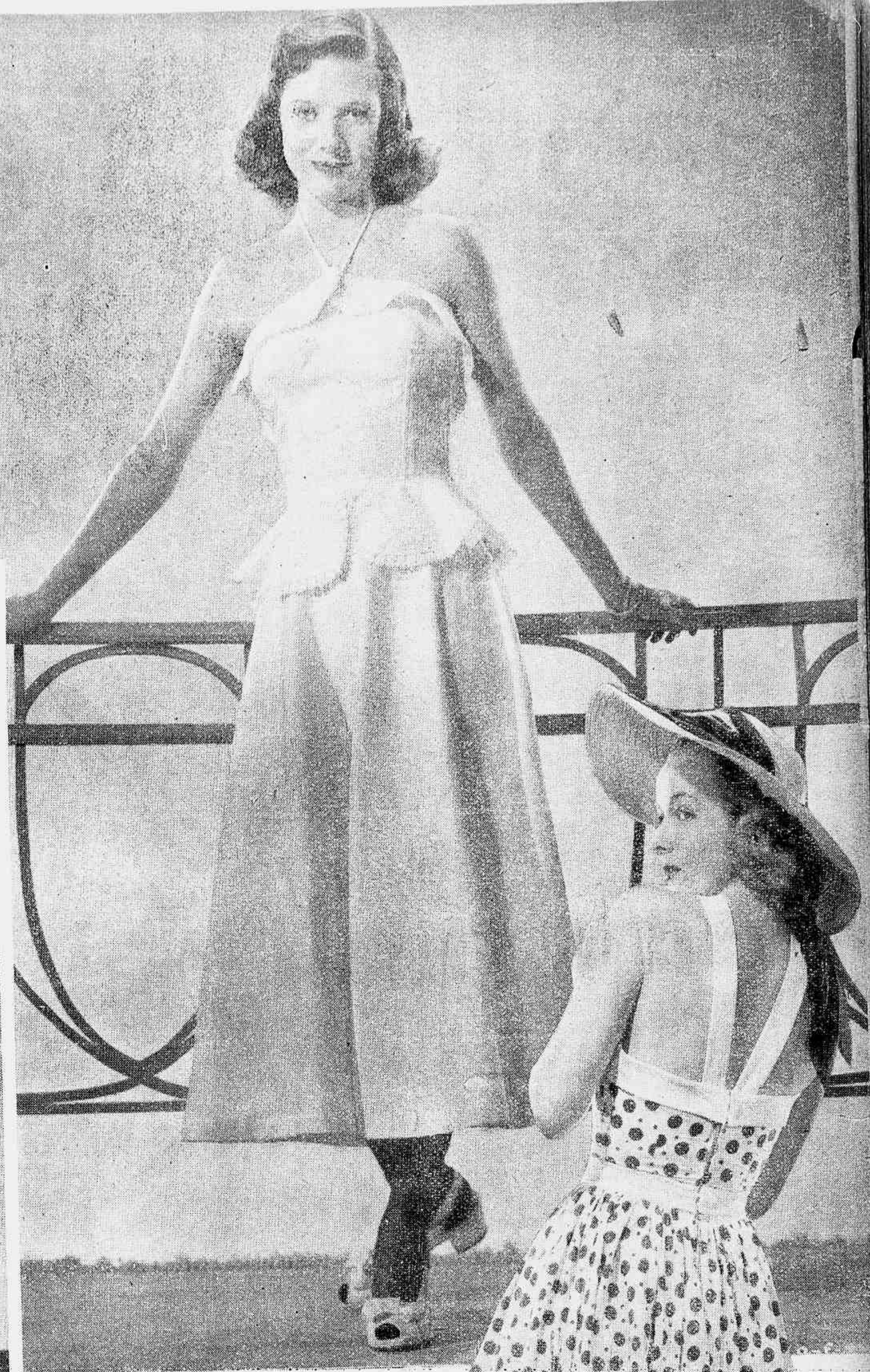
— Menina Maria, por que a menina não faz a sua promessa à cruz do Catinga?

— Não, Chico! Aquela cruz é onde está enterrado o soldado que mataram na feira... você não sabe?

— Sei, minha filha, mas...

(Continua na pág. 49)

DIANA LYNN e Cathy O'Donnell, da RKO Radio, exibem dois maravilhosos modelos para verão. O primeiro, executado em "voile" branco com pastilhas verdes em dois tamanhos. Alças, viés do decote e cinto em fustão branco. O mesmo modelo é apresentado também de costas para que tenham dele uma idéia melhor. O segundo é em fustão branco, com pequeno babado ao redor do decote e "basque" arrematados com renda.



DE



Wendell



Noites

DE VERÃO

ARA

as noites quentes e tropicais dos próximos meses de verão. Paris nos manda as elegantes e originalíssimas sugestões aqui apresentadas. Na ordem, temos: — De Jean Dessés é este lindo modelo em seda estampada. Original abertura sobre o estômago; saia com elegante drapeado. ★ Modelo de Jean Patou, em "flamenga" branco. Um ombro descoberto e outro formado por grande flor. Drapeado sobre os quadris, "apinhado" na frente e caindo até a barra da saia. ★ Lindíssimo este modelo de inspiração grega, em gaze branca, todo plissado. "Écharpe" negra sobre a cabeça e ombros, formando contraste. ★ O estilo Diretório é a última sensação nos setores da moda em Paris. Aqui está uma criação de Christian Dior, inspirada neste estilo. O modelo é todo plissado, prêso à cintura por duas "gregas". ★ Finalmente, temos este modelo de Molyneux, indicando o novo rumo da moda. Executado em cetim branco, rosas ligadas por folhas e ramos são bordadas de alto a baixo

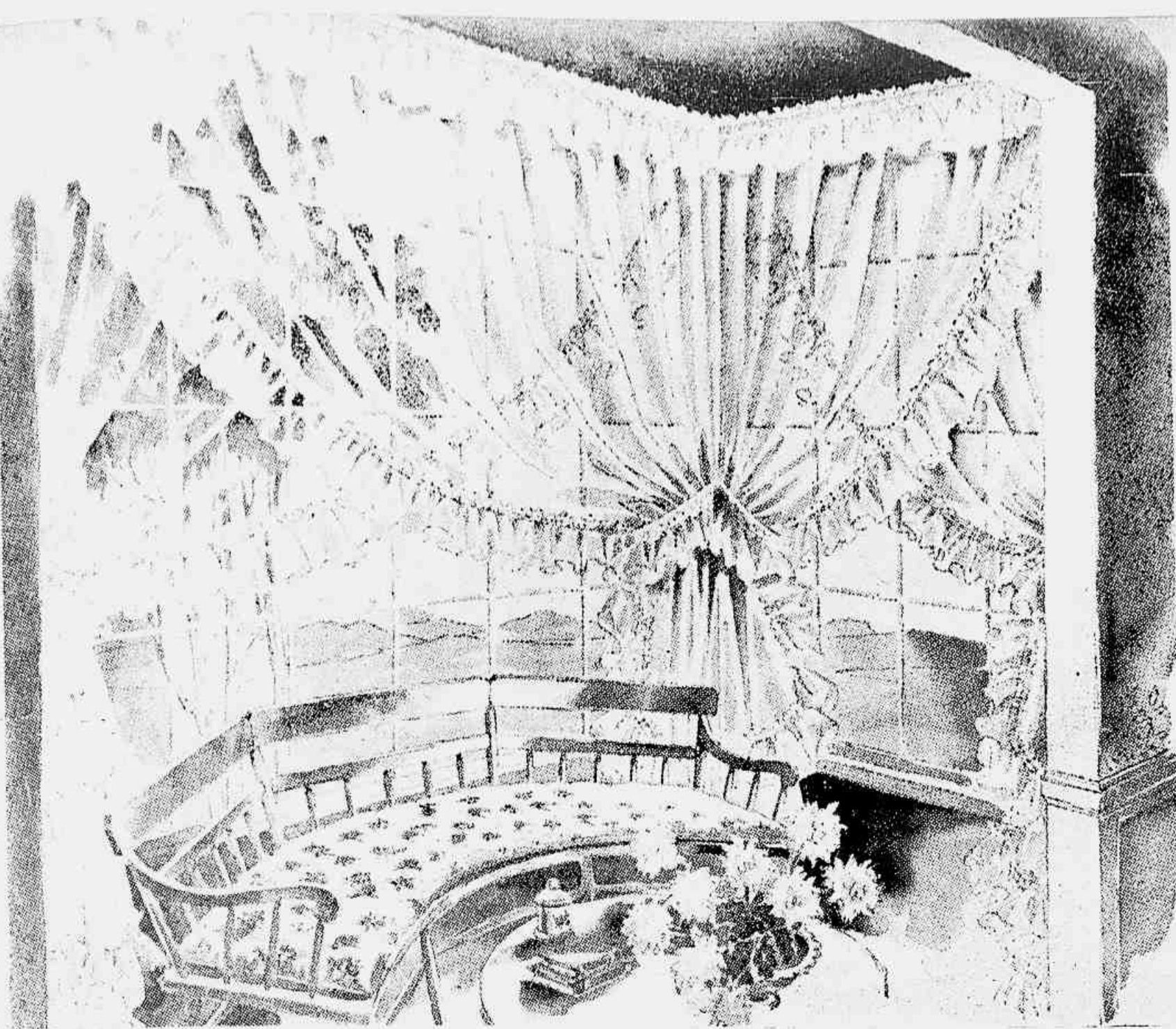


Blusas

Brancas

A saia e a blusa formam um conjunto que é prático e rejuvenesce. As blusas brancas, principalmente, dão à mulher um aspecto de frescura e mocidade que ninguém deve desprezar. As blusas aqui apresentadas são executadas em cambraia, linho ou sêda. Algumas são ricamente bordadas em lantejoulas e "pailletés", outras são guarnecidas de rendas, pregas, etc.





Não se queixe do calor!

Nestes dias sufocantes, nos quais parece não existir outro tema para conversações senão o da temperatura reinante e das suas possibilidades de queda, existe já muitas maneiras de tornar o calor mais suportável, e uma delas consiste em não se queixar; pelo menos não se queixar tanto! Convença-se de que, quanto menos falar sobre o calor, menos o sentirá. Use roupas leves, amplas e simples; coma de preferência saladas e frutas; se usa ventilador em casa, coloque-o no chão a fim de que o ar suba, circulando por toda a sala. Se possível, faça uma ligeira sêsta depois do almoço, para recompôr os nervos. E ainda:



O banho deverá ser demorado e de temperatura agradável. Nada de choques violentos. O ideal seria uma temperatura média que fôsse esfriando paulatinamente. Durante o dia, se quiser sentir um rápido alívio, submerja as mãos e os pulsos n'água fria

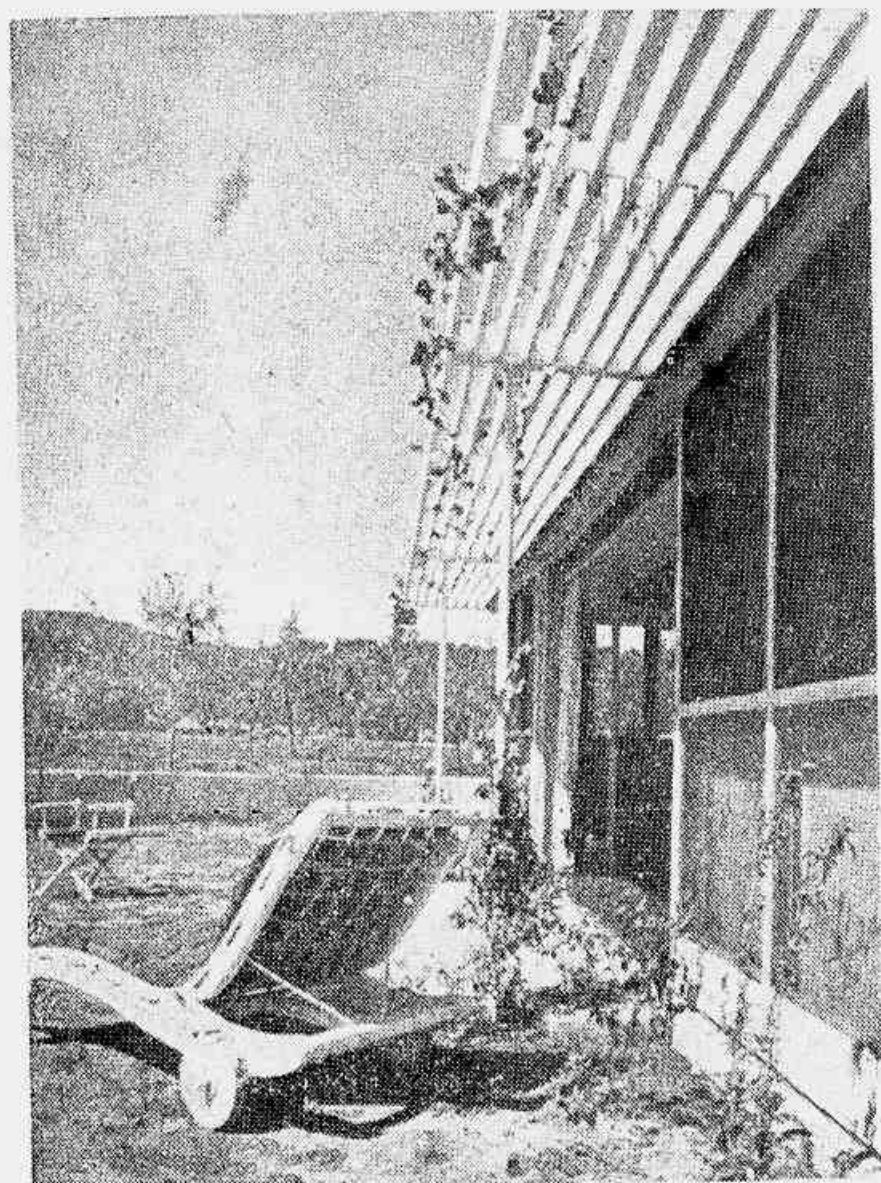


Depois do banho, não esfregue o corpo com violência. Assim, o banho perderia sua ação refrescante. O que deve fazer é passar o corpo aplicando a toalha suavemente e seguidamente usar talco abundância. Só assim o seu banho será realmente refrescante

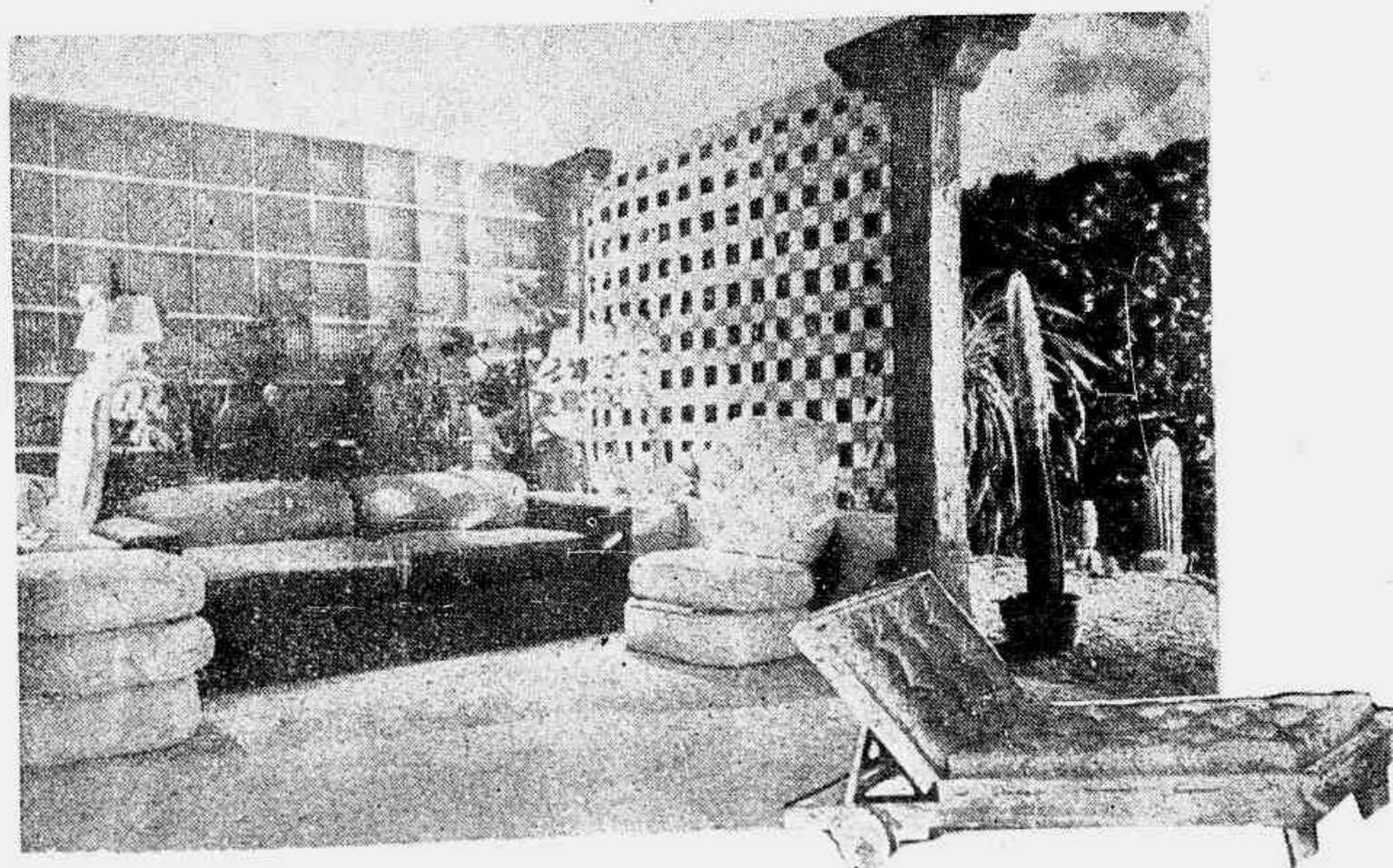


Quando beber água, não o faça de um só vez! A água, bebida aos pequenos tragos, sacia melhor a sede e é mais refrescante. Salgando-a ligeiramente, as energias se manterão e você sentir-se-á mais fresca

interiores



TAMBÉM a sua casa deverá sofrer a influência dos dias de sol; você poderá reformar as cortinas, tornando-as mais claras e mais alegres, também os estofados dos móveis poderão ser reformados, dando-se preferência aos tecidos de cores vivas; para a sua varanda, ou para o seu jardim de inverno, os móveis serão rústicos, confortáveis e alegres; tudo, enfim, deverá servir de ambiente para esses dias maravilhosos. Nesta página, algumas sugestões nesse sentido.





DE ANAMARIA CÉLIA

O SOL E A CRIANÇA

O sol, um dos mais poderosos elementos da natureza, pode ter uma influência boa ou má, sobre os seres humanos e, muito principalmente sobre a criança. No entanto, é comum vermos nas praias e nas praças e jardins, criancinhas de tenra idade expostas ao sol mais inclemente, ignorando as graves consequências que daí podem advir. Cremos não ser necessário possuir-se grande inteligência para compreender que o sol forte, depois das dez horas da manhã, nunca poderá fazer bem à uma criancinha. Em primeiro lugar a criança nunca deveria ser exposta ao sol sem que a cabeça estivesse devidamente protegida. Em segundo lugar, nunca se deixa a criança durante muito tempo exposta ao sol logo na primeira vez em que ela é levada à praia. O certo é habituá-la aos poucos, começando o banho com a

duração de dois minutos e ir então aumentando gradativamente. Também o corpinho da criança não será exposto de uma só vez. Começa-se pelos pés, sobe-se em seguida até os joelhos, depois um pouco mais acima, no quarto dia o sol já poderá atingir a barriguinha e finalmente o peito e as costas. Nunca a cabeça. No verão, o banho do pequenino não deverá passar das dez horas da manhã, e no inverno poderá ir até às dez e trinta.

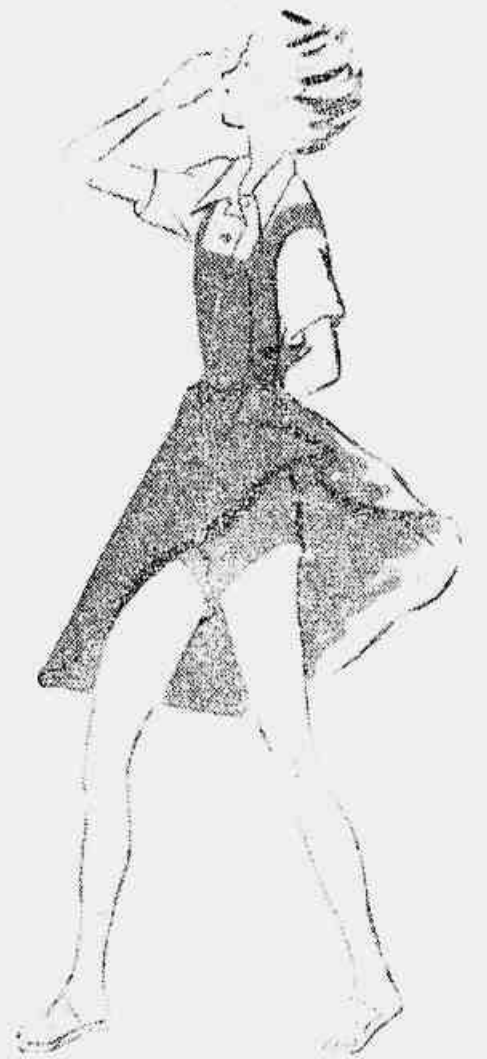
Não são todos os elementos dos raios solares que beneficiam o organismo, pois existem raios de ação distinta. Uns são calóricos, produzem o calor; outros são químicos, que são os que produzem ação benéfica. Estes últimos são os raios ultra-violetas. Por essa razão, antes de submeter a criança ao banho de sol, convém levá-la ao médico. Há horas em que as crianças devem ficar inteiramente abrigadas do sol: quando dormem e quando descansam dos seus folguedos.



O bebê não deverá ser exposto aos raios do sol sem que a sua cabeça esteja protegida...

Quanto às crianças maiores, também exigem cuidados. Não lhes deve, por exemplo, ser permitida a prática de exercícios e jogos violentos quando expostos ao sol; deverão também ser forçadas a um descanso periódico sob a sombra do guarda-sol, quando estiverem na praia.

Muitos males podem surgir como consequência de prolongados banhos de sol, razão porque estes devem ser rigorosamente controlados, principalmente quando se trata de criança, como já ficou dito acima. O sol é um grande amigo das crianças, mas cabe aos adultos conhecer até onde pode ir essa amizade.



Elegante modelinho para menina de 5 a 12 anos em algodãozinho vermelho

CONSELHOS ÚTEIS

A criança precisa de ar e luz. Mantê-la horas a fio dentro de casa, é contribuir para que ela cresça raquítica e sem côr.



Mesmo sacrificando o seu descanso ou os seus passeios, procure sair o mais possível com o seu filho, deixando-o permanecer durante algumas horas ao ar livre.



O sol é um dos maiores amigos do seu filho. Não o prive dele.



Se você vai viajar e tem filhos pequenos, procure pensar também no conforto deles. Não é aconselhável ir para um lugar onde eles não possam ter uma alimentação adequada e um regime igual ao que têm agora.



Leve tudo o que pertença à criança — seus pratinhos, seus talheres, suas toalhas, sua roupa de cama, seus travesseirinhos, etc., evitando assim usar pertences do hotel.



E Papai Noel chegou...



BOM HUMOR





Arthur Bosmans dirige a Sinfônica Estadual. Aquil está ele dirigindo os ensaios. Na página ao lado — Trombone, trompa, tuba da Sinfônica Municipal

MÚSICA, MAESTRO!



Els os trompistas da Sinfônica Estadual em ensaio

EM BELO HORIZONTE, AS SINFONIAS BROTAM COMO COGUMELOS ★ POR QUE DUAS SURTIRAM DA NOITE PARA O DIA ★ UMA BATALHA QUE SE DESENVOLVE AO COMPASSO MUSICAL ★ A ARTE NÃO É PRIVILÉGIO ★ UMA RECEITA PARA CONJUNTOS DE ESTILO SINFÔNICOS

Reportagem de MILTON PEDROSA

★

Fotos de AUGUSTO CARDOSO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

NÃO faz muito tempo, ocorreu em Belo Horizonte um fato que deve ter parecido pouco comum a muita gente. E, realmente, o que aconteceu não acontece todo dia, pois sucedeu que no espaço de setenta e duas horas foram inauguradas solenemente duas orquestras sinfônicas, sendo uma estadual e outra municipal.

A primeira vista, a impressão que deixa a revelação é que a capital mineira atingiu tal grau de desenvolvimento artístico que diariamente se apresentam novas orquestras sinfônicas. Não é bem isso. É verdade que os mineiros possuem uma tradição musical. Data de 1916 a sua primeira tentativa de possuir um conjunto de estilo sinfônico, embora se costume tomar como ponto de partida de seu desenvolvimento musical o ano de 1925, ano da fundação do Conservatório Mineiro de Música. Houve mesmo escolas e conjuntos particulares que deixaram nomes ligados aos de

grandes maestros. Mas, como ia dizendo, essas não foram propriamente as razões que fizeram com que, no espaço de três dias, o público mineiro se visse presenteado com as duas orquestras sinfônicas. Os motivos foram outros. Foram outros os motivos que fizeram brotar da noite para o dia, como cogumelos, duas orquestras sinfônicas na capital mineira.

NO COMEÇO ERA O CAOS...

Não vamos adiantar a palavra exata que tudo explicaria, porém vamos contar a história que, a nosso ver, não somente esclarece, edifica e, às vezes mesmo, pode divertir.

Começou em 1944, quando o então prefeito da cidade, Juscelino Kubitschek, tomou a iniciativa de organizar uma orquestra sinfônica e contratou para dirigi-la o maestro Arthur Bosmans, do Conservatório de Bruxelas, e que então se encontrava no Rio. Tratava-se de

★
HA
RI-
OS
SO

ndo,
que
s, o
as
ram
ram
elos,
eira.

que
his-
rece,

feito
ini-
ônica
rthur
que
e de





Da esquerda para a direita — Solista da Sinfônica Municipal. Fagote, oboe, clarineta e flautas. O primeiro violino mineiro, eis os trombones da Sinfônica.

um conjunto de setenta figurantes, a que fôra destinada uma verba de 300 mil cruzeiros anuais. Muitos concertos deu essa orquestra. Mas veio a queda do Estado Novo, a substituição quase diária dos prefeitos belorizontinos e um deles foi o sr. Gumerindo Vale, que resolveu reduzir, para 120 mil cruzeiros, aquela verba. A orquestra não se aguentou e acabaram-se suas apresentações. Aguardou-se então o prefeito a ser eleito. Este foi o sr. Otacílio Negrão de Lima, ex-ministro do Trabalho e deputado estadual. Empossado, o novo governador da cidade declarou aos interessados que os cofres da municipalidade estavam vazios e que, nestas condições, era impossível à Prefeitura arcar com as responsabilidades de manter uma sinfônica. Por isso, também o maestro Bosmans, cuja prorrogação de contrato terminaria em 1948, podia considerar como findas as suas atividades como regente da orquestra. A única possibilidade com que, naquele momento, acenava a Prefeitura era a de um au-

xílio, em termos vagos uma sinfônica, de cujos custos deviam ser feitas a nomeação de seu prete pe proposta era vaga e abava tonomia dos diretores orquestrais. A sinfônica acabou por ser feita e caiu em pomorto cia da sinfônica.

RECEITA PARA A SIN

Estou contando história para que se compree bem sou e ainda se está sendo, história alegre, andae mui extravazando mesmo tema r duvidar, procure acanhar de "A Lira", órgão vestudo servatório Mineiro de música, zonte, e poderá verif que nicas estão fazendo to mai bastidores do que piamentros onde se exibem.

Mas, enquanto se olvia a rida, o govêrno do Eo e o

Da esquerda para a direita — Um 1.º e um 2.º violinos do conjunto sinfônico estadual. O primeiro violino Militar ou civil, aí estão fagote, oboe e clarinete da Sinfônica Estadual. O primeiro violino Municipal. El-lante un





...e, oboe, clarinetes e flauta, da Orquestra Sinfônica Municipal. Conhecidas figuras do meio musical são os trombones da Sinfônica Estadual

...térmos vagos uma sociedade sinfônica cujos estatutos devia constar a criação de seu preme pelo prefeito. A primeira vaga estava tirando a ajuda dos diretores da orquestra. Foi recusado e caiu em pomorto a sobrevivência da sinfônica.

FEITA PARA A SINFÔNICA

contando história com detalhes e se compreendem o que se passa quando se está lendo, pois há nesta história, ande muito mais coisa quando mesmo tema musical. Quem procure achar a publicação "A Sinfônica", órgão estudantil do Conservatório Mineiro de Música, de Belo Horizonte, poderá ver que as duas sinfônicas estão fazendo o mais barulho nos meios do que piamente nos anfiteatros e se exibem.

...quanto se olha a sinfônica referida pelo governo do Estado e o seu secretário

...sinfônica estadual. 1.º violino é o professor Luiz Strambi, considerado o melhor violinista mineiro. A Sinfônica Estadual. Mestre Guido Santorsola é o regente da Orquestra mantida pela Prefeitura Municipal. El-bouto um ensaio







Na página ao lado — Imponentes estão os contrabaixos da Sinfônica dirigida pelo maestro Bosmans. Em cima — Af estão o timpanista e o bateria da Orquestra Sinfônica Estadual

pois tornava-se preciso atender ao número de elementos disponíveis em Belo Horizonte. Sei que há orquestras bem maiores, mas a quem interessar possa a receita, eis aí como se distribuíram, na orquestra organizada pelo maestro Bosmans, esses elementos:

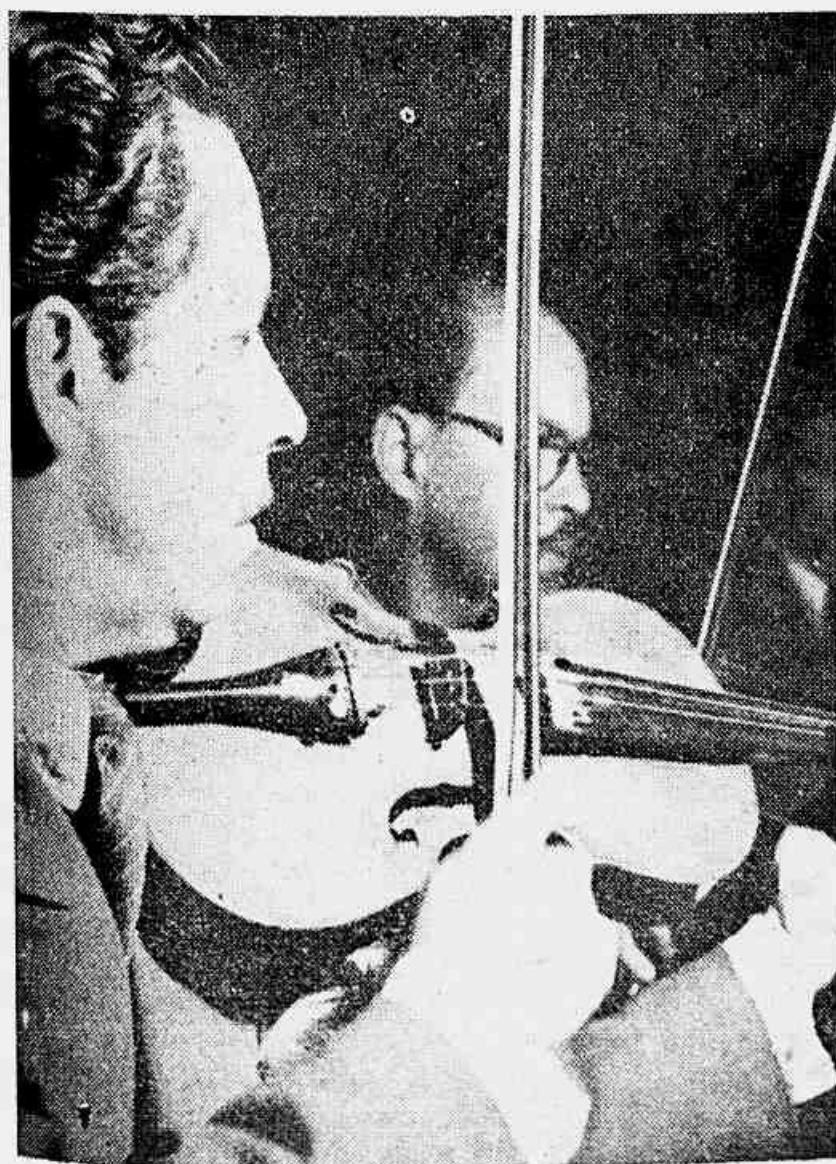
Primeiros violinos, 10; segundos violinos, 8; violas, 4; violoncelos, 4; contrabaixos, 4; flau-

tas, 2; flautim, 1; Oboes, 2; clarinetas, 2; fagotes, 2; trompas, 3; trompetes, 2; trombones, 3; tuba, 1; timpanista, 1; bateria, 3; piano, 1.

Esta Sinfônica assim formada está custando aos cofres estaduais (aliás é paga com a renda da emissora oficial) cerca de 60 mil cruzeiros mensais. O maestro Bosmans vence 4.500 cruzeiros e os músicos uma média de 1.200

cruzeiros mensais. Há entre eles professores, civis, militares da Força Pública, mas muitos têm prejuízo, pois o ensino particular de música ou suas outras profissões lhes rendem muito mais do que o que percebem como integrantes desse conjunto.

(Continua na página 50)



Da esquerda para a direita — 1.º violino da Sinfônica estadual, profa. Eugénia Abrahão. 1.º violinista da Orquestra Municipal



CASA DO BASTOS

FILIAL DE COPACABANA

AV. COPACABANA ESQ. DIAS DA ROCHA

A CASA QUE HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO CALÇA A ELITE CARIOCA

LUXO E CONFÔRTO

num ambiente moderno para
satisfazer a nossa distinta clien-
tela que há mais de meio
século nos honra com a
sua preferência.

A VIDA DE HAWTHORNE

(Continuação da página 18)

e fê-lo sentar-se para escrever. Depois foi ao andar superior e trouxe de lá cento e cinquenta dólares em ouro reluzente, suas economias secretas, guardadas para uma emergência como aquela.

Alguns dias depois Hawthorne soube que era tão inesperadamente rico na afeição dos amigos quanto o era na dedicação da esposa. Recebeu um cheque de vultosa quantia acompanhado de uma comovedora carta assinada por George Hillard, um dos intelectuais do grupo de Cambridge, à testa do qual estava Longfellow. "Ocorreu-nos, a mim e a alguns amigos", escrevia Hillard, "que, na presente circunstância, você talvez necessitasse de alguma ajuda financeira. Recolhi, entre alguns dos que admiram seu gênio e respeitam seu caráter, a quantia que aqui lhe envio... Conheço a sensibilidade do seu temperamento: não pense nem fale em agradecimento. Trata-se apenas de um pagamento, realizado de modo muito incompleto, da nossa dívida para com você, pelo que tem feito pela

literatura americana... Não deixe, meu querido amigo, que a sombra do desânimo se insinue em seu espírito. Seus amigos não o esquecem e não o esquecerão jamais..."

Em sua resposta a Hillard, escreveu Hawthorne: "Sua carta conseguiu o que os meus reveses nunca fizeram: arrancar lágrimas de meus olhos... Havia nela muito de doce e também muito de amargo... O dinheiro, meu caro Hillard, aplana o meu caminho por muito tempo. O único meio de que um homem dispõe para manter o respeito próprio, valendo-se da generosidade dos amigos, é fazer desta generosidade um incentivo que o leve ao máximo dos seus esforços a fim de que não volte a precisar desse auxílio".

E assim, incentivado "ao máximo de seus esforços", continuou a escrever seu livro. Mas não acreditava em si próprio. Um dia seu editor, James T. Fields, veio visitá-lo em Salem. Encontrou-o em seu gabinete, em atitude hesitante diante do fogão.

— Escreveu alguma coisa que possa ir para o prelo? — perguntou o editor.

— Não — respondeu Hawthorne. — Que editor jamais se animaria a publicar um

livro meu, o mais impopular dos escritores norte-americanos?

— Eu.

— Mas, realmente, não tenho nada que valha a pena... — insistiu Hawthorne.

Fields abria a porta fazendo menção de retirar-se quando Hawthorne tirou da gaveta um maço de manuscritos.

— Talvez... — disse o romancista, hesitante. — Talvez você queira dar-se o trabalho de ler este pacote de asneiras.

O editor levou o maço para casa e, naquela mesma noite, escreveu uma carta entusiástica a Hawthorne. O manuscrito que acabara de ler era o esboço, ainda tóxico, de *The Scarlet Letter* (A letra escarlate).

V

Em *A letra escarlate* a ação não se dobra logo desde o começo. Hawthorne usa aqui o método de volta ao passado. O livro começa quando Hester Prynne é posta em liberdade. Hester, mulher profundamente ávida de amor e dotada de grande capacidade de sofrimento, deixa a lóbrega fortaleza carregando nos braços uma criança de três meses de idade. Sóbro

o peito do vestido, marcada em pano escarlate, aparece a letra A.

Exteriormente serena mas com o coração alanceado, encaminha-se para o pelourinho.

Na primeira linha da multidão curiosa está um homem baixo, de testa inteligente e olhos cruéis. É o doutor Rober Chillingworth, marido de Hester Prynne. Esteve durante anos viajando pelo estrangeiro e agora é um desconhecido na cidade.

Vê-se o popular ministro protestante da cidade, Arthur Dimmesdale, jovem cuja coragem é inferior à sua devoção, abrir caminho por entre a mó de gente. Aproxima-se de Hester e a incita a apontar publicamente o seu cúmplice no pecado. Hester, porém, recusa-se obstinadamente a obedecer-lhe.

Então, sem mais delongas, o autor começa a trançar os fios da teia que envolve a vida dos quatro personagens principais: Hester, o Dr. Chillingworth, Arthur Dimmesdale e a pequena Pearl. Na noite seguinte à da saída de Hester da prisão, a criança adoece e o dr. Chillingworth é chamado para atendê-la.

— Eu não te fui fiel — murmura Hester.

— A culpa é tanto minha como tua — responde o marido. — Eu sou um intelectual, tu és uma bela mulher. Que direito tínhamos de nos casar?

Roger Chillingworth compreende, mas não perdoa. Sua mente e seu coração não estão em harmonia um com o outro. Está resolvido a descobrir quem foi o cúmplice de Hester no pecado, e a puni-lo.

Hester começa a fazer trabalhos de agulha para viver. A princípio os dignos habitantes da cidade insistem em afastar da companhia de Hester a sua "filha do pecado". Finalmente, porém, o pastor Dimmesdale consegue dissuadi-los disso.

— Meu amigo — diz sorrindo o dr. Chillingworth — você toma um singular interesse por essa pobre mulher.

Mr. Dimmesdale está com a saúde abalada e o dr. Chillingworth oferece-se para atendê-lo como médico. Passa a residir na mesma casa em que vive o pastor. Pois está disposto a sondar os segredos do coração de Dimmesdale.

Note-se como o autor reúne estas duas personagens para entrelaçar os fios de suas reações mentais e morais. Chillingworth torna-se para o ministro culpado a imagem viva do remorso.

A vista de Chillingworth aumenta o horror de Dimmesdale. Várias vezes ele tenta confessar seu pecado do alto do púlpito, porém falta-lhe coragem.

Uma vez, a desoras, sobe ao pelourinho onde Hester, cheia de pejo, estivera exposta. O pastor pensa que todos estão dormindo. No entanto, três pessoas o observam: Hester e Pearl, que voltam da casa de uma moribunda, e o dr. Roger Chillingworth.

O doutor leva-o para casa e diz-lhe, entre apiedado e irônico:

— Não deve estudar com tanto afinco, mestre Dimmesdale.

Os fios do enredo entrelaçam-se agora num quadro definitivo e trágico. A história avança rapidamente para seu inevitável ponto culminante. Hester planeja fugir à funesta influência de Roger Chillingworth. Compra passagem para a Inglaterra. Dimmesdale e Pearl deverão acompanhá-la na viagem.

Mas percebem que não poderão livrar-se tão facilmente de Chillingworth. Hester sabe que ele também comprou passagem para a Inglaterra no mesmo navio. Esta informação surge — observe-se a habilidade do autor — num dia muito importante — o dia em que Mr. Dimmesdale é escolhido para pregar o sermão de honra em homenagem à eleição do novo governador. Assim o galarim da fama de Mr. Dimmesdale e o ápice de sua tragédia se verificam no mesmo dia. Já não é possível a Dimmesdale ocultar o seu pecado com Hester. Prefere a confissão atual, com a desgraça que acarretará, à tortura do futuro, com o dr. Chillingworth a pesquisar incessantemente os últimos reflexos de sua alma.

E Dimmesdale prega para uma congregação embevecida o sermão comemorativo. Em seguida, num lance dramático, sobe ao pelourinho com Hester e Pearl.

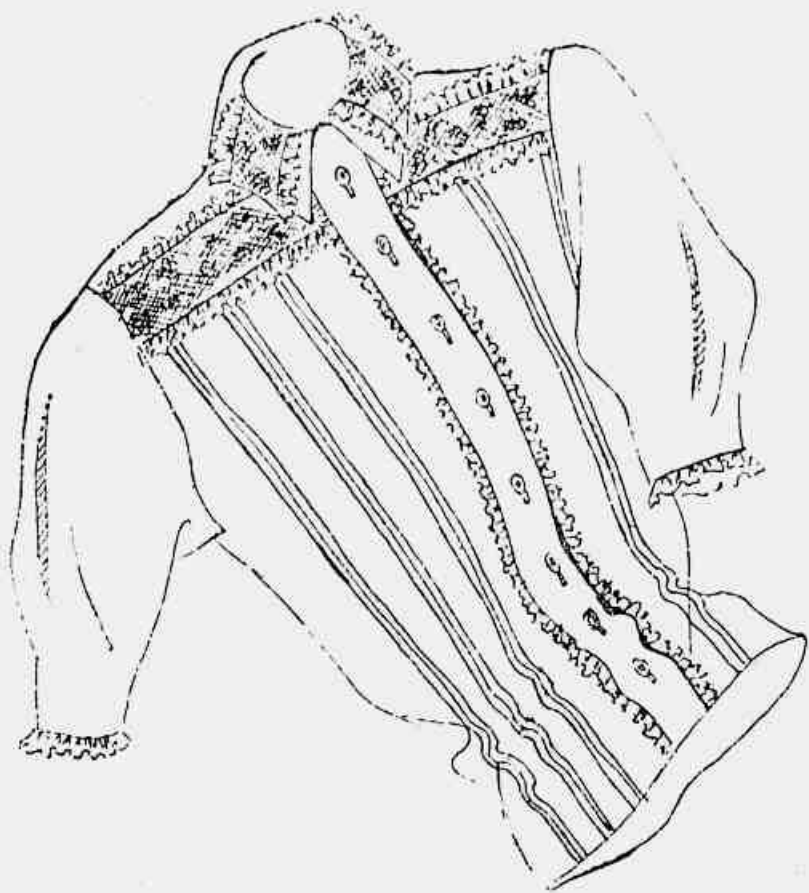
— Povo da Nova Inglaterra — grita ele — estou finalmente onde há sete anos devia estar.

E é agora o momento da revelação trágica:

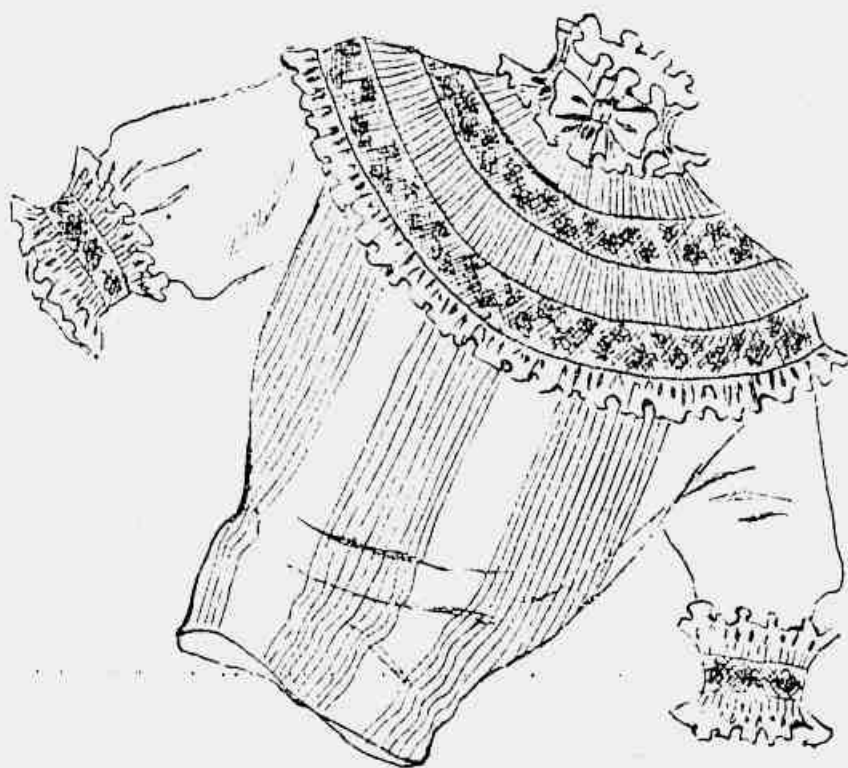
(Continua na página 44)

BLUSAS MODERNAS

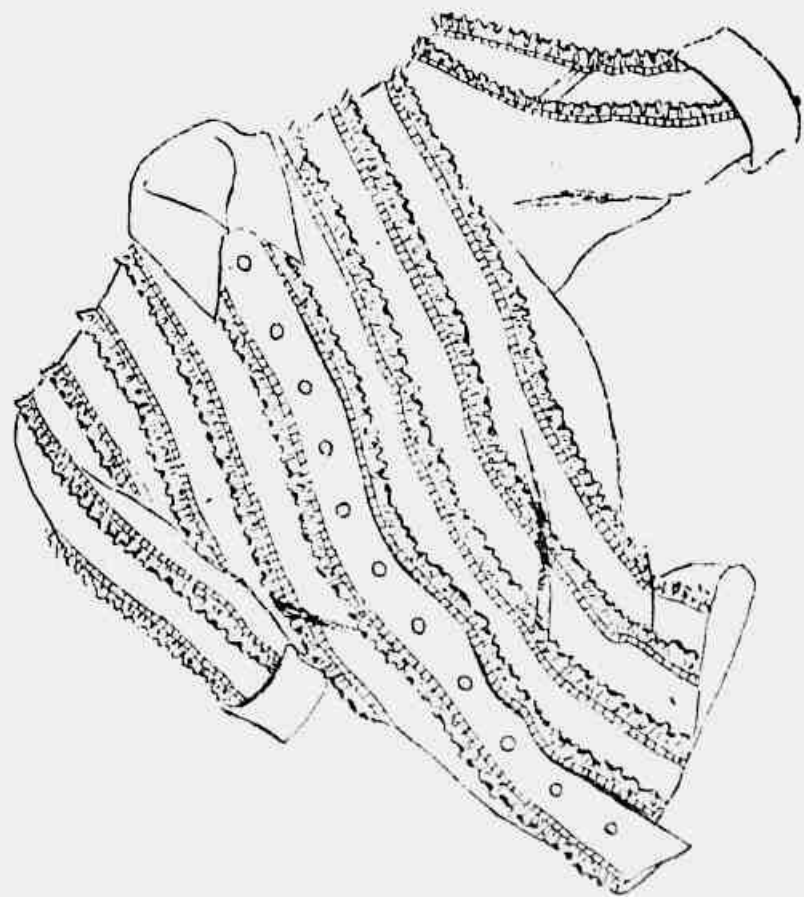
A sua utilidade é grande, em qualquer época do ano, porém, no verão, elas se tornam mais graciosas e mais vaporosas, pois são usadas apenas com saias. Por isso mesmo, a sua escolha deve ser mais esmerada. As que aqui são apresentadas, vêm de Paris e podem ser copiadas pelas "elegantes" mais exigentes:



Em cambrala de linho, com nervuras e entremeios de renda



Em linho, com entremeio e babados de renda e nervuras



Em cambrala de linho com babados e bainha aberta



A LA VILLE DU PUY



NOS ENFANTS

DOROTHÉE



LES CHERUBINS

HENRI HALPHEN



FRANCE ET SYLVIE
BLANCHE NEIGE



LA GRANDE MAISON DE BLANC



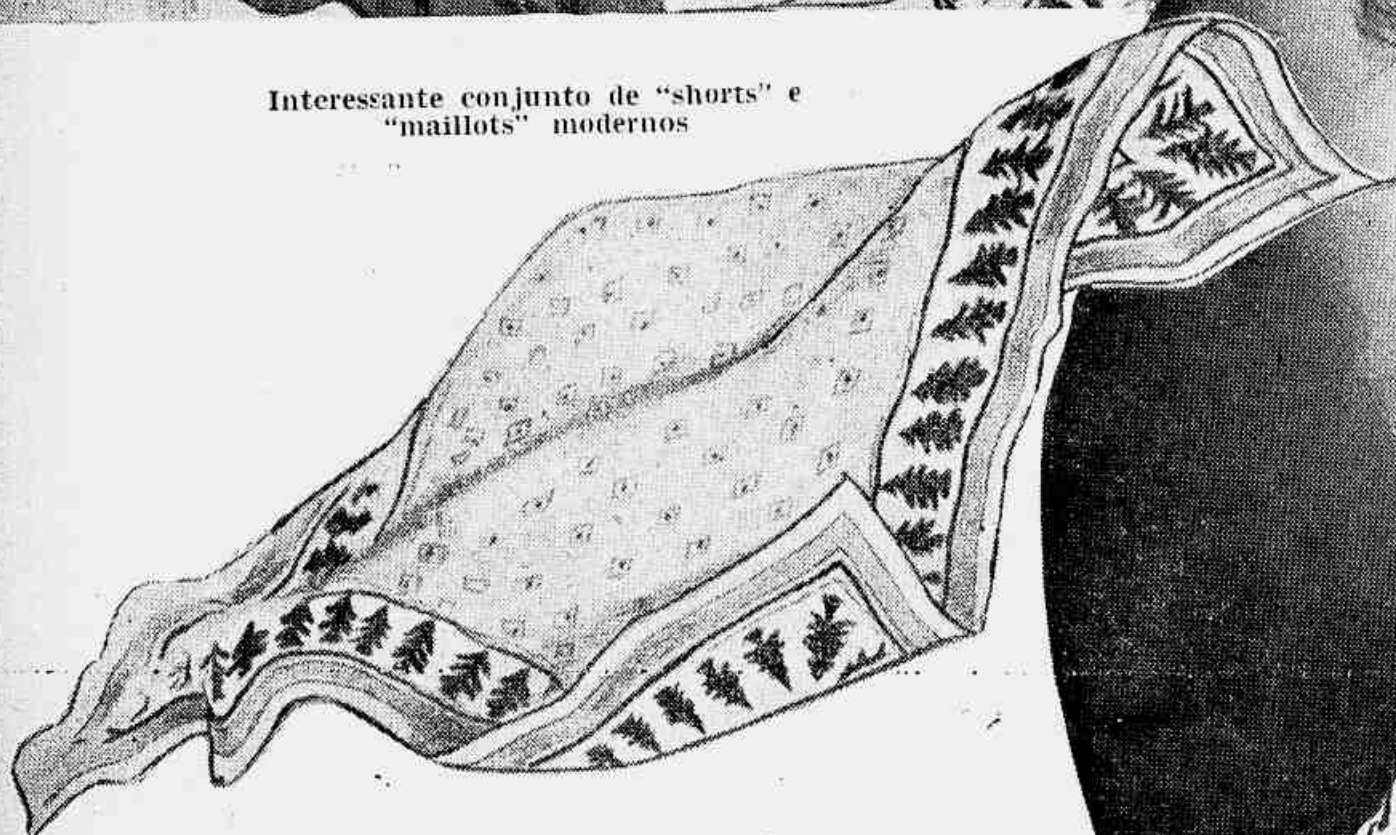
HENRI HALPHEN

PARA CRIANÇAS

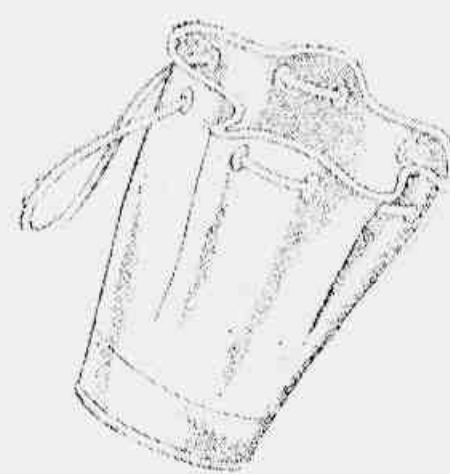
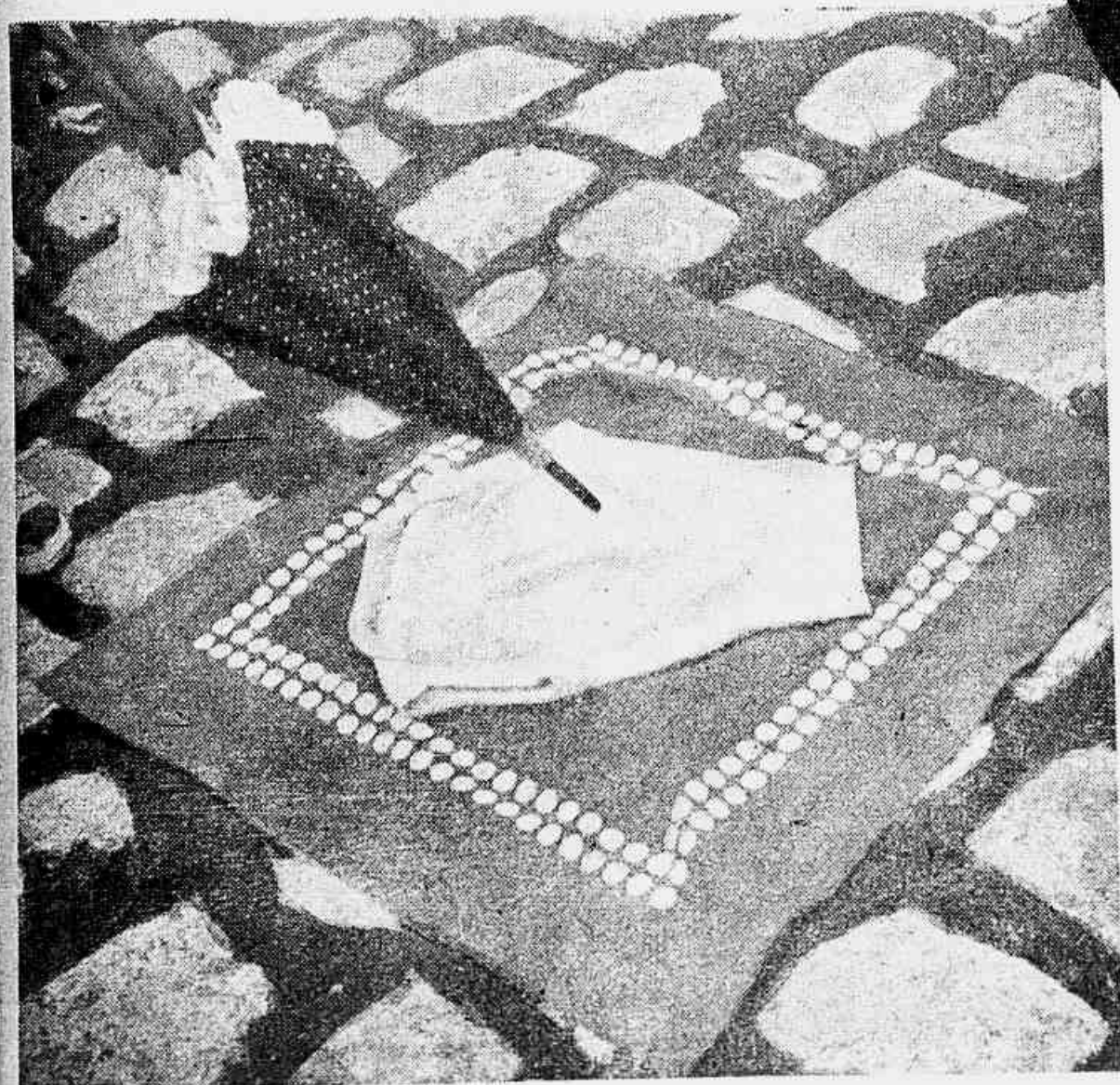
TAMBÉM as crianças têm os seus desenhistas e criadores de modas. Aqui temos alguns modelinhos lançados pelas mais conhecidas casas do gênero, de Paris. Os modelinhos são todos executados em "piqué" ou cambrala.



Interessante conjunto de "shorts" e "maillots" modernos



Os lenços para a praia deverão ser sempre em tons bem fortes



No recorte — Interessante sacola de couro, fechando com um cordão



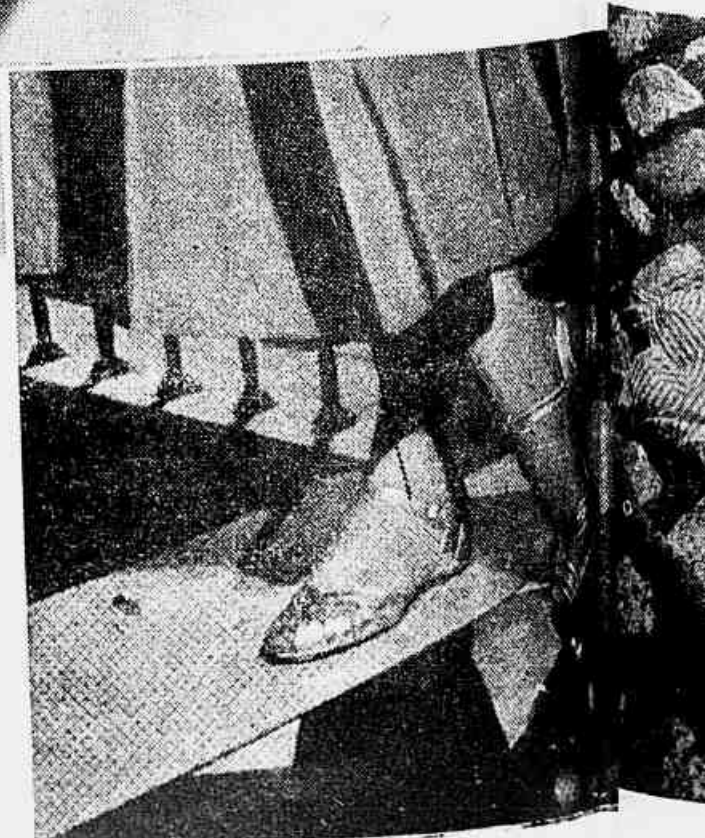
DETALHES E NOVIDADES



Um penteado ideal para os dias de calor. O cabelo é todo levado para cima, com franja na testa

Na foto à esquerda — Elegante sombrinha azul marinho com pastilhas brancas. Babado plissado de organdi branco ao redor

À direita — As sandálias douradas são a grande sensação do momento. Ficam bem com vestidos de tafetá ou vestidos de linho

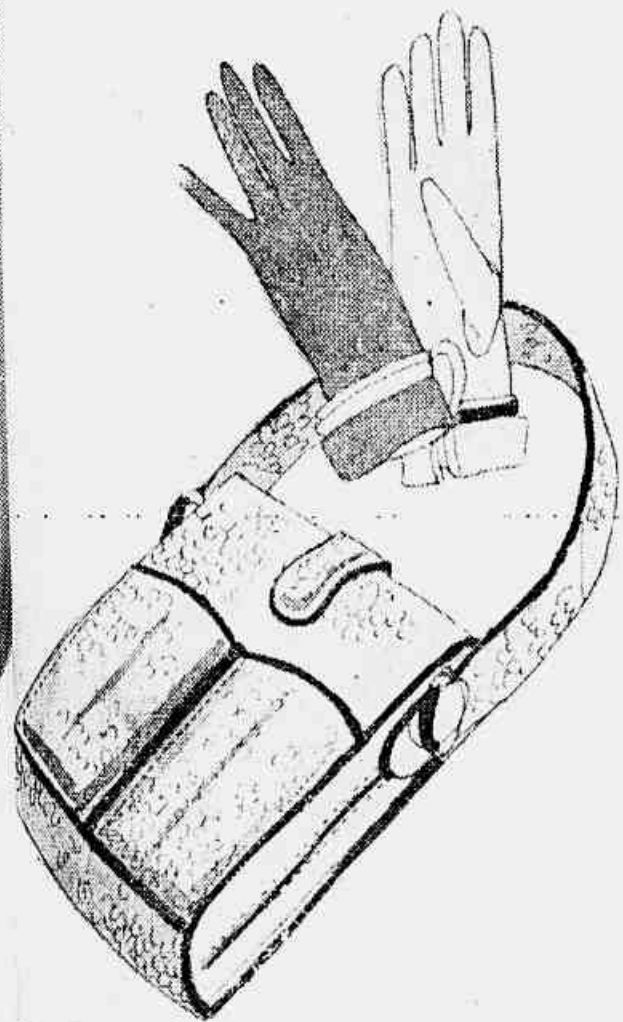




A esquerda — Shirley Temple usa um vestidinho de algodão estampado, com blusa de cambrá branca com nervuras



"Maillot" em fustão estampado, em duas peças. Laços do mesmo tecido atrás



A esquerda — Os "maillots" listrados estão em grande moda. Para completar o traje, aconselhamos este sugestivo "short" marinho e "sweater" branca. O sapato é de lona vermelha



SORVETE DE ABACAXI

Ingredientes — 700 grs. de açúcar, 1 litro d'água, 2 abacaxis, 3 limões.

Preparação — Junta-se a água ao açúcar e leva-se ao fogo para fazer uma calda rala. Em seguida retira-se e deixa-se esfriar. À parte, descascam-se os abacaxis e tira-se-lhes o caldo. Adiciona-se o caldo dos limões e juntam-se à calda que já deve estar fria. Mistura-se tudo e despeja-se nas formas para congelar.

★

CULINÁRIA

No verão, os alimentos deverão ser frescos e agradáveis. As saladas e as frutas são os mais recomendáveis. Além de não contribuírem para a elevação da temperatura, são ainda benéficos à beleza. ★ Os alimentos enlatados e muito condimentados deverão ser evitados nos dias de calor. ★ Também peixes, camarões etc., deverão ser muito bem examinados quando adquiridos... Estes deverão ser frescos e saudáveis.

CREMES COM FRUTAS

Ingredientes — 800 grs. de frutas frescas, 75 grs. de gelatina branca, creme de baunilha.

Preparação — Derrete-se a gelatina em meio copo d'água quente e junta-se ao creme. Tomase uma forma lisa e arruma-se o seguinte: uma camada das frutas picadinhas, uma do creme e assim se continua até encher a forma. Leva-se à geladeira.

★

SALADA DE OVOS

Ingredientes — Ovos frescos, alface, azeitonas, cebola, azeite, vinagre, sal, pimenta.

Preparação — Cozinham-se os ovos até ficarem duros; descascam-se e cortam-se em rodela. À parte, trata-se a alface e dispõem-se as folhas em volta da saladeira. Em seguida colocam-se no centro das rodela e põem-se as azeitonas por cima. Enfeitam-se a salada com folhinhas de salsa e a cebola cortada bem fininha. Tempera-se com um molho feito de azeite, vinagre, sal e uma pitada de pimenta.

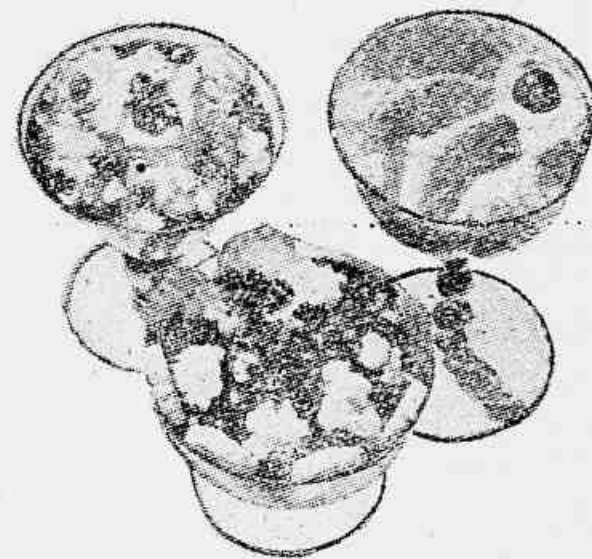
★

SALADA DE CAMARÕES

Ingredientes — Camarões, batatas, ovos, azeite, vinagre, sal, pimenta.

Preparação — Cozinham-se os camarões em água a ferver, escorrem-se e deixam-se esfriar. À parte cozinham-se as batatas e os ovos, descascam-se, cortam-se em rodela e juntam-se aos camarões. Com azeite, um pouco de vinagre, uma pitada de sal e outra de pimenta, faz-se o molho com o qual se rega a salada quinze minutos antes de servir.

Ingredientes — 1 limão, 1 laranja, 1/2 cálice de conhaque, gelo socado, água.



Preparação — Tomam-se os caldos do limão e da laranja, coam-se e põem-se num copo de meio litro, contendo um pouco de gelo socado. Em seguida, junta-se-lhes o conhaque e acaba-se de encher com água fria. Mistura-se tudo e serve-se imediatamente.

★

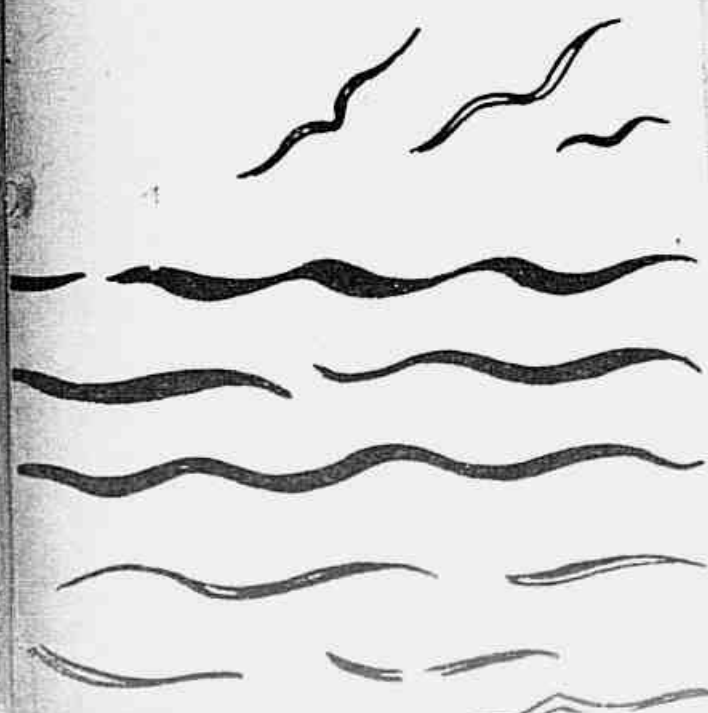
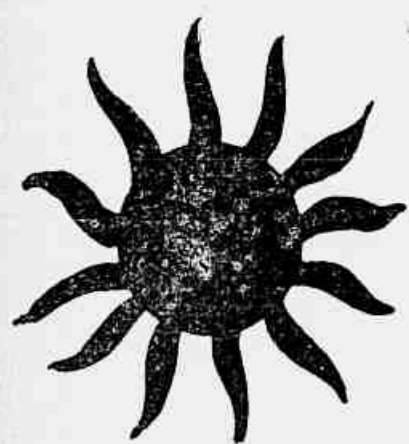
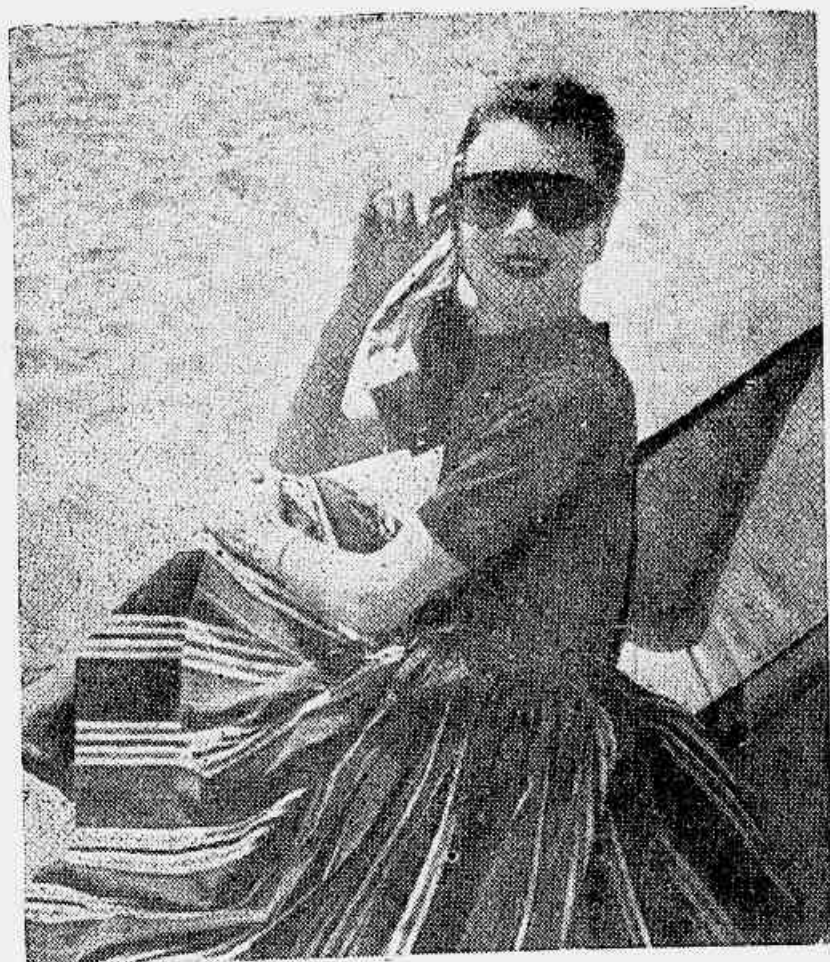
Não convém abrir o forno antes de decorridos 30 minutos da colocação do bolo dentro.

★

Os ingredientes deverão ser rigorosamente pesados e medidos e colocados no vasilhame, de acordo com a receita.

MODELOS

Ligeros

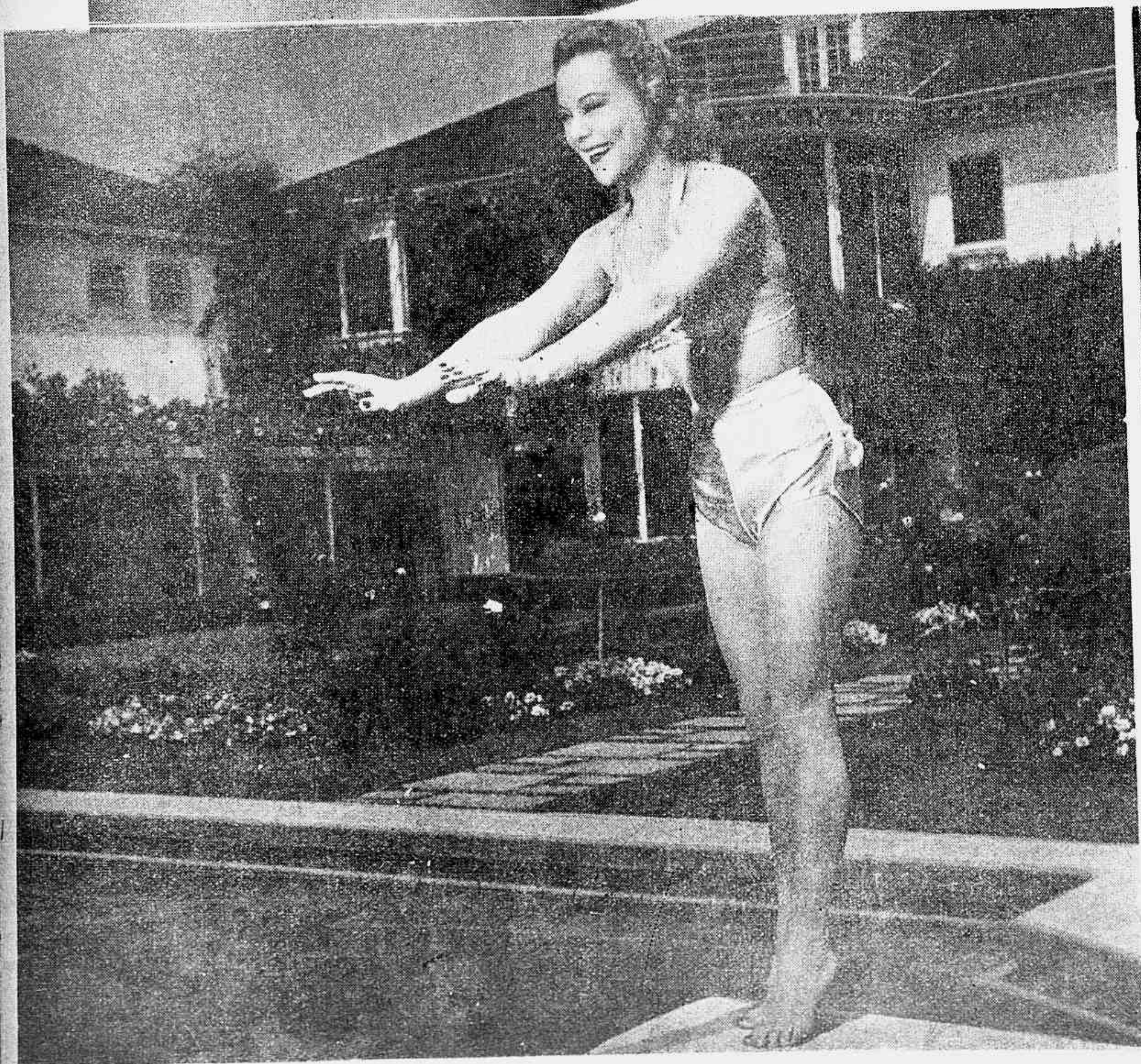


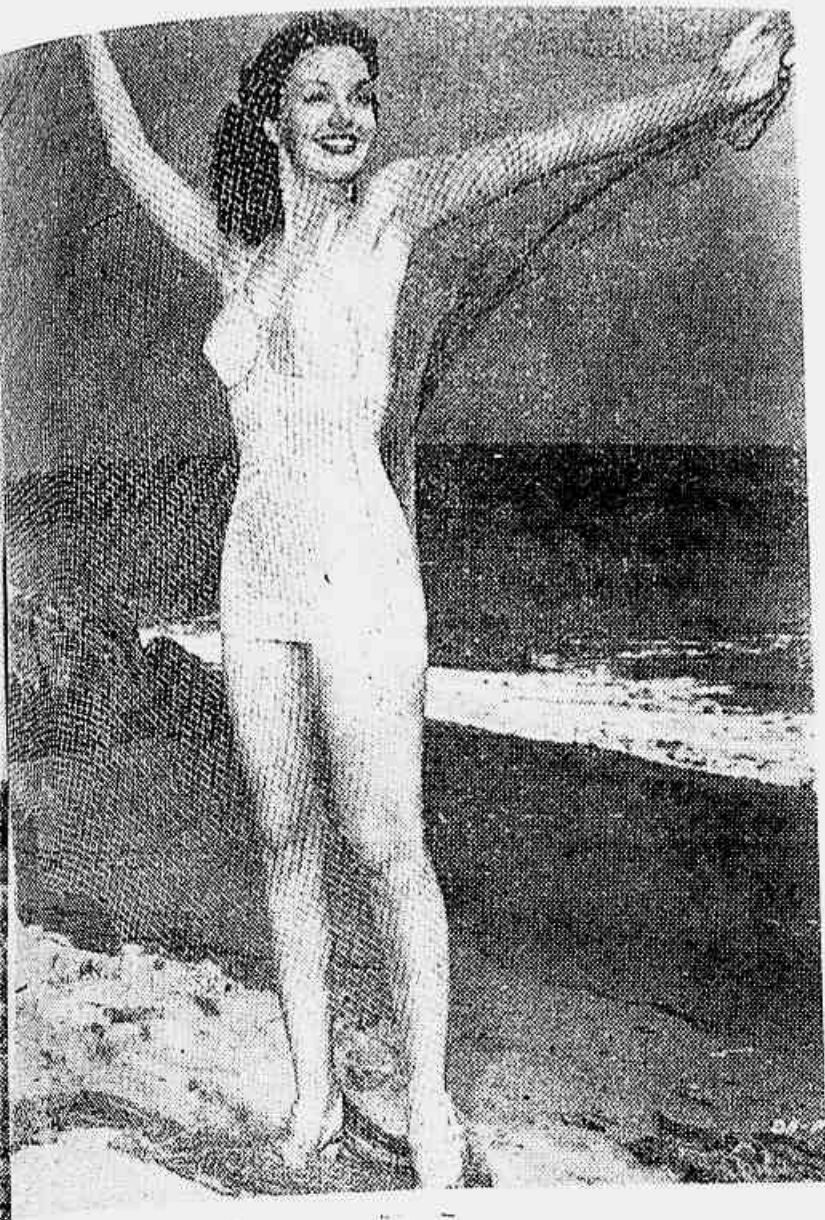


O algodão, o linho, a cambraia, são os tecidos preferidos para a execução de modelos para verão. Os estampados vivos, as grandes pastilhas, as listras estreitas ou largas, as grandes ramagens alegram os vestidos que usaremos nesta estação. Aqui nestas páginas, vocês encontrarão modelos elegantes e graciosos, fáceis de serem usados, isto é, são modelos que vestem bem e que se prestam para diversas finalidades

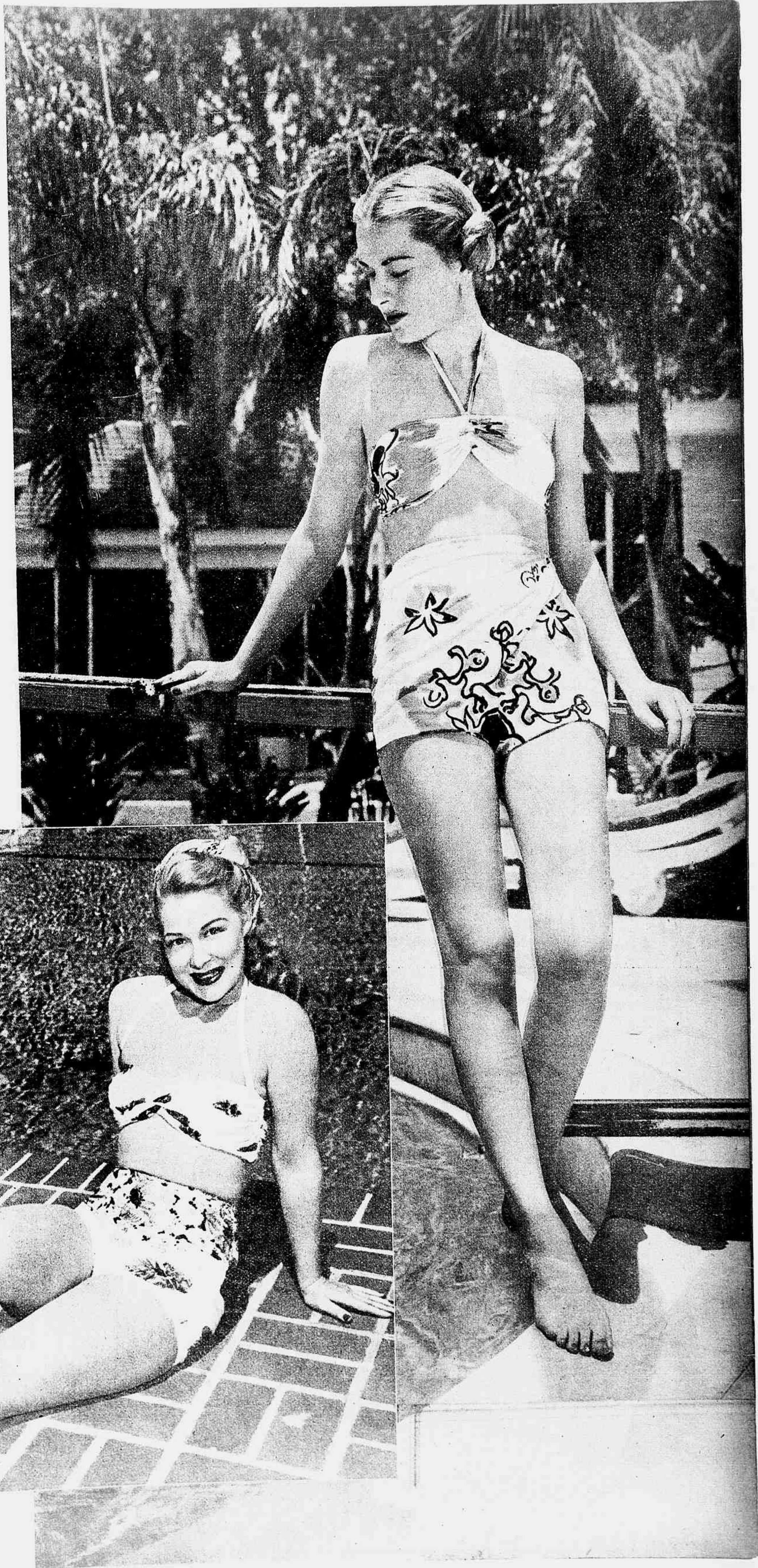


Maillots





N ESTAS páginas, Luba Malina, Barbara Challis, Arleen Whelan, Sonja Henie e Dorothy Hart, da Universal-International; Betty Hutton, da Paramount, e Mary Brewer, de Goldwyn, apresentam uma deliciosa coleção de **maillots**, para todos os gostos e para todos os tipos.



Episódio DOMESTICO

Conto de ORLANDO BASTOS

Selecionado pela "REVISTA DA SEMANA"

MUITO afanosas as manhãs de sábado ali no bairro. Tinha-se que saltar cedo da cama, aprontar-se à pressa, pois tão logo dessem oito horas já a fila do ônibus estaria volteando o quarteirão. E os ônibus tão escassos nos últimos tempos! Por isso o Almeida, que tinha de assinar o ponto na repartição às nove, estabamava-se. Engoliu o café sem atender a relutância da mulher para que provasse do bolo feito na véspera e experimentasse a manteiga fresca, que a mãe lhe mandara de Minas.

— Que nada! Veja a minha gravata vermelha.

— Qual? A de bolinhas brancas?

— A de bolinhas brancas, sim.

Um ônibus passou na rua, barulhento.

— Descendo ou subindo?

— Descendo.

— Então depressa, que ainda pego este. Deu um nó mal feito na gravata, beijou a mulher e saiu a passos largos que abalavam as peças da cristaleira. Deteve-se, porém, no corredor, ao lembrar-se da gramática! E por que não levar a gramática? Inscrevera-se num concurso e estava bem esquecido das regras de português. Tantos pontos! Pouco tempo! E sábado, dia sem grandes trabalhos, poderia ser aproveitado. Foi correndo à saleta e tirou da estante um livro grosso, encapado em papel de seda vermelho, que Elvira lhe havia assegurado ser muito boa gramática, adotada na Escola Normal.

A fila estava curta. Valera a pena estabamar-se, correr. Graças a todas as ginásticas, habituais nas manhãs de sábado, Almeida conseguiu um lugar. E com a calma de passageiro que se sente bem instalado, acendeu um cigarro e, olhando para fora, quase se dispôs a comprar um jornal. Mas afastou o desejo — era homem de resoluções enérgicas — achando mais inteligente aproveitar o tempo, já que trazia a gramática. O concurso não demoraria a realizar-se e era ocasião oportuna para melhorar a situação. Que os jornais ficassem para depois, quando, vencedor no concurso, e com quatro mil cruzeiros mensais, os pudesse ler com sossego, numa das mapes que vira em exposição.

O ônibus entrou em movimento e o Almeida, disposto a aproveitar os minutos do percurso, abriu o livro. Diabo! — teve um constrangimento ao dar com a primeira página. Ia perder a manhã. No afobamento, desnorreado, havia tirado uma geografia em vez da gramática. E ficar com aquele calhamacho inútil nas mãos! No entanto, à falta de jornal, começou a folhear o volume. A raiva do começo foi dando lugar à curiosidade, avivada ao encontro de gravuras e mapas que lhe despertavam lembranças de recuados tempos. Em pequeno, nos bancos do ginásio, vivia a sonhar com viagens e, já moço, viu-se dominado pelo desejo de atirar-se ao mundo. Mas a vida, caprichosa e irônica, fizera dele um burocrata pontual e metódico, muito contente com a marcha monótona dos acontecimentos.

E assim, passando páginas e páginas, detendo-se aqui à vista de uma capital, olhando ali, com mágoa, os mapas que a guerra ia tornando inúteis, encontrou, no meio do volume, uma fotografia. E a fotografia lhe foi dolorosa na sua cena de idílio despreocupado e feliz. Firmando a vista, reconheceu ser Elvira e Laura as moças de maillot sentadas na praia. Mas... e o moço? Quem seria o rapagão despor-

tivo, também como elas em trajes de banho, sentado na areia, bem perto de Elvira? Quem seria? A interrogação era torturante. E eis que toda a sua paz de espírito se conturbou. Nuvens escuras toldam-lhe o céu há pouco límpido do mundo interior...

Examina mais atentamente a fotografia, esforçando-se para arrancar da lembrança o rosto do rapaz. Algum parente de Elvira? Não — confirma o detalhe observado. Ela e o rapaz estão se olhando mutuamente encantados. Um namorado dela, de certo. A imaginação, de rédeas soltas, volta-se toda para a cena que a objetiva fixara no tempo. E reconstrói tudo. Um passeio a Santos. As duas primas com seus namorados. O namorado de Laura é quem havia batido a chapa. E o rapaz, o rapaz desportivo, olhando para Elvira, Elvira olhando para ele? Era uma tortura.

Pois, então, não fora ele, Almeida, o primeiro homem na vida de Elvira. A mulher nunca lhe havia falado de seus casos passados. Um ou outro flirt sem importância, é que costumava afirmar, em resposta às perguntas que lhe fazia com frequência. Mas aquilo não lhe pareceu um flirt sem importância. Só um namoro prolongado teria permitido tal coisa — o que lhe parecia grave em Elvira — ficar de maillot ao lado de um rapaz. E o retrato, com que intenções fora guardado nas páginas daquele livro? Parece que o Almeida, no auge da exasperação, profere alguma palavra a meia voz, pois foi de espanto o olhar que lhe dirigiu o companheiro de banco, um senhor gordo e indiscreto que, fungando, esforçava-se para ver a fotografia.

Surgiu a idéia de voltar para casa e fazer barulho. Surpreender Elvira de repente: "é este retrato guardado?". Sem encontrar resposta, a mulher se atiraria a um canto, esvaída em lágrimas. E depois... Depois o que? — perguntou-se. Embaraçado, não atingia com uma resposta, uma solução.

Fora do ônibus, uma brisa fresca arrefoceu as angústias. Sumiu-se por entre o povaréu. Mas a manhã, apesar de clara e luminosa, ainda lhe parecia escura, abafada...

★

Conversava-se um bocado na repartição. E justo naquela manhã dona Veva puxou assunto de namoro com a dactilógrafa, uma sardenta trintona que guardava fundas mágoas de um noivado desfeito bruscamente.

— Pois eu, dona Veva, acho que o passado não morre. Está sempre vivo no coração de quem muito amou...

Almeida quis devassar um pouco o enigmático coração das mulheres. (Enigmático era o adjetivo que lhes dava o Braga, um sujeito lido e de muita experiência da vida.) Expeliu com força a fumaça do cigarro, perguntou:

— Então a senhora acha, dona Eugênia, que uma mulher nunca se esquece dos namorados que teve?

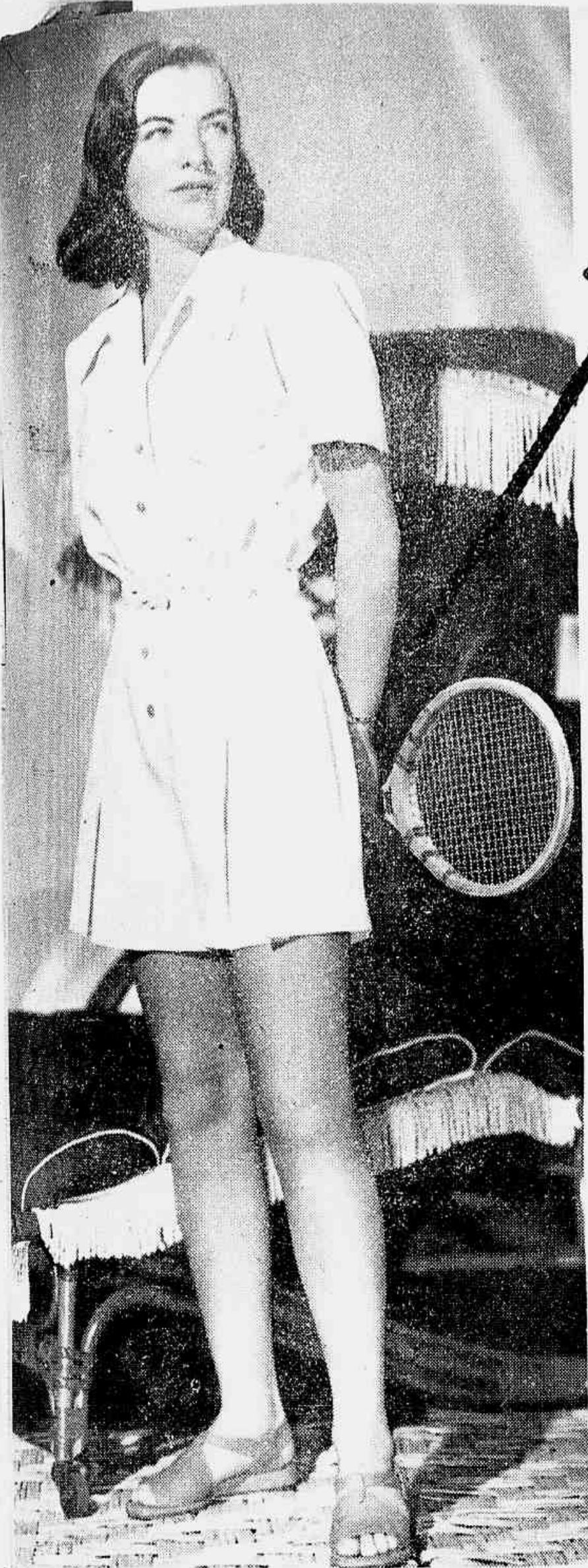
— Que dúvida, "s'eu" Almeida! — esboçou um sorriso e reatou o tricot. Citou casos, para confirmar. Ainda na véspera, uma amiga sua, já casada e com filhos, ficou descontrolada ao dar de cara com um antigo namorado...

— Não, isso depende da fibra da mulher! — secundou dona Veva. — Não se pode generalizar, mas, de um certo modo...

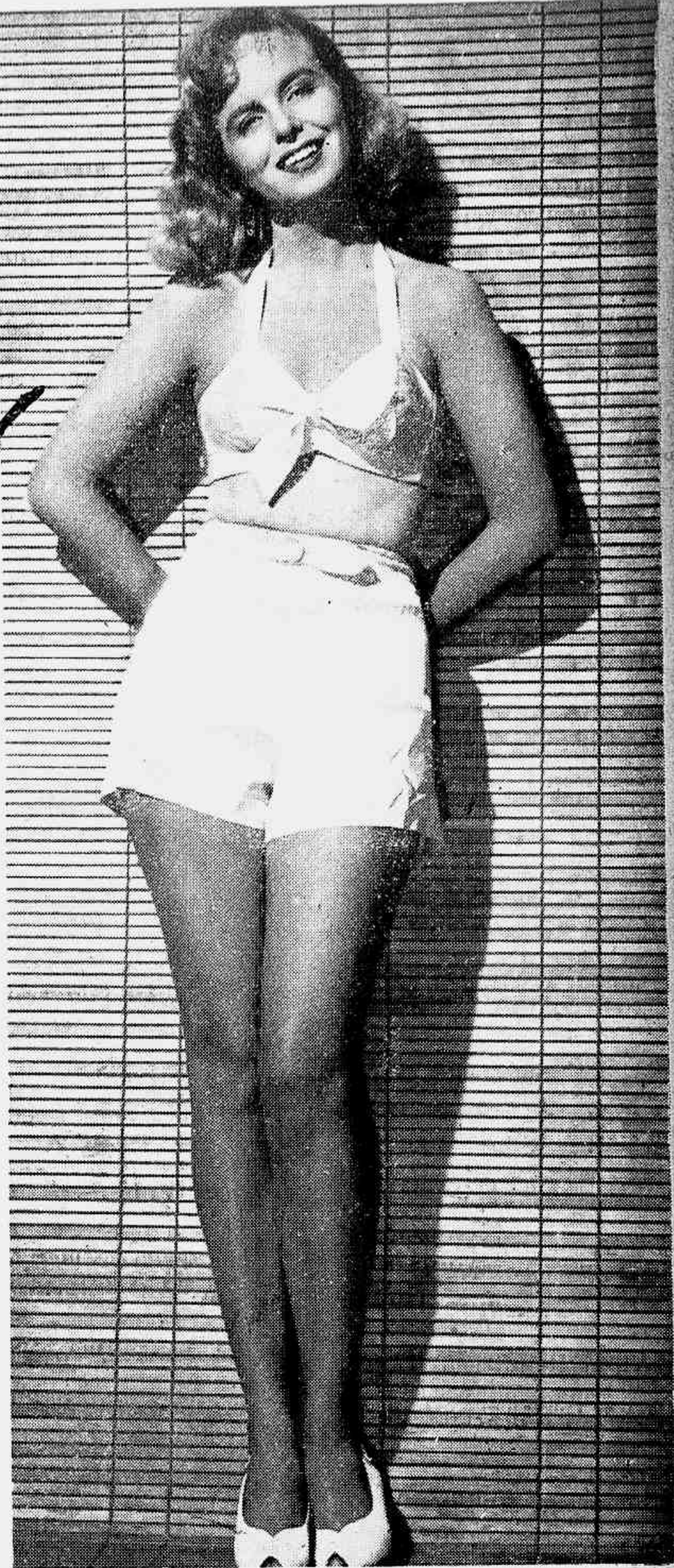
(Continua na página 49)

Ilustração de M. QUEIROZ

Prima



À esquerda — Ella Raines, da Universal-International, usa elegante "short" em panamá branco. Peça inteira. A direita — Muito gracioso... o "short" e a pequena... Ela é Gene Roberts, da Universal-International, e o "short"... bem, que nos importa o "short"? Em baixo — Com um "short" branco com viés azul do lado, Leonore Aubert, da Universal-International, usa como "sweater"



VISITA AO PRESEPIO



O presépio é uma das mais lindas tradições do Natal no Brasil... Em torno dele, o povo, na simplicidade da sua fé, evoca com emoção o nascimento d'Aquêle que encheu de esperança o coração dos humildes. Que os ensinamentos de Cristo abram em meio às trévas da incompreensão novas clareiras de luz, são os nossos mais ardentes votos neste Natal de 1948 e no alvorecer de um Ano Novo!

CIA. TELEPHONICA BRASILEIRA * S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

CIA. DE CARRIS, LUZ E FORÇA DO RIO DE JANEIRO LTDA.

PELO REEMBOLSO POSTAL

CASIMIRAS * LÃS

Tropical Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm	metro Cr\$ 235,00
Tricotine Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm	metro Cr\$ 235,00
Casimira, fantasia, côr firme, larg. 150 cm	corte c/2,80 ms. Cr\$ 150,00
Tropical, liso e listrado, em 10 côres modernas	corte c/2,80 ms. Cr\$ 205,00
Casimira listrada, 10 côres modernas, 150 cm	corte c/2,80 ms. Cr\$ 215,00
Casimira "AURORA" azul marinho e preto	corte c/2,80 ms. Cr\$ 658,00
Casimira azul marinho, 150 cm larg., ótima qual.	corte c/2,80 ms. Cr\$ 200,00
Casimira, lã e sêda, listrada, larg. 150 cm.	corte c/2,80 ms. Cr\$ 350,00
Cambrala listrada, 8 côres modernas	corte c/2,80 ms. Cr\$ 210,00
Linhos, branco, bege e cinza	metro Cr\$ 35,00
Linhos, irlandês, fantasia, várias côres	metro Cr\$ 80,00
Linho "LONDON", branco, bege e cinza	metro Cr\$ 60,00
Linho, extra-forte, bege	metro Cr\$ 48,00
Brim, extra-forte, tipo tchecoslovaco	corte c/6,50 ms. Cr\$ 100,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm.	metro Cr\$ 60,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm, de matéria prima estrangeira	metro Cr\$ 75,00

As despesas de remessa correm por conta do comprador
ACEITAMOS REPRESENTANTES EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL

TECIDOS HELLER S/A

RUA DO SENADO 54 — Endereço Telegráfico: "TECIDOSHELLER"
Correspondência para a Caixa Postal 5.338 — RIO DE JANEIRO — D. F.



LINHOS * TROPICAIS

A Vida de Hawthorne

(Continuação da página 34)

— Vede. A letra escarlate que Hester usa — diz o pastor com voz vibrante — eu também a tenho.

Rasga à altura do peito sua veste eclesiástica. Gravada a fogo, sobre a carne, está a letra escarlate A.

Nisso, enquanto o povo o contempla com surpresa e dó, sua cabeça pende sobre o peito de Hester. O pastor pagara com a vida o seu pecado.

VI

Como muitos dos outros romances e contos de Hawthorne, A letra escarlate representa a história moral da Nova Inglaterra: a luta entre o amor puritano da religião e a religião pagã do amor. Mas o livro não é só um retrato da Nova Inglaterra: é um retrato do próprio Hawthorne, homem com uma alma de pagão num corpo de puritano. Há um pouco do autor em todas as personagens do livro: na severidade dos juizes que puniram Hester pelo seu pecado com Arthur Dimmesdale; na implacabilidade de Roger Chillingworth que se arvorou em consciência vingadora do jovem ministro; na irresolução de Dimmesdale que ocultava um coração ardente sob as cinzas de um código convencional; e na coragem de Hester Prynne que usava o símbolo de sua dor como uma consagração sobre a roupagem do seu amor.

Nesse livro Hawthorne mostra duas espécies de pecado: o do amor contra as convenções e o das convenções contra o amor. E, dos dois, o último é para Hawthorne o menos perdoável. O poeta Hawthorne tenta libertar-se do moralista Hawthorne. O puritanismo norte-americano chega ao fim da sua carreira. Alguma coisa nova deve substituí-lo. O que seja exatamente essa coisa nova, Hawthorne não pretende saber. Talvez esteja representada pelo tipo da pequena Pearl, esse produto vago, selvagem e etéreo do puritano e do pagão, belo e evanescente como um raio de sol num sonho, mas que promete algo mais concreto, mais afinado pelo coração do mundo do que qualquer dos seus pais. Hawthorne viveu muito cedo na história dos Estados Unidos para poder escrever o romance da maturidade de Pearl. Este trabalho ficou para algum romancista de uma geração posterior.

Hawthorne representa um período de transição na história mental dos Estados Unidos. É um daqueles pioneiros intelectuais que procuram libertar-se dos erros do passado. Começa a duvidar do velho estilo calvinista de representar a raça humana como uma chusma de criaturas pecadoras apanhadas numa armadilha entre um cruel Distribuidor de Tarefas residente no céu e um cruel Verdugo residente no inferno. Hawthorne é o filho de puritanos. Seus antepassados enforcaram quacres e queimaram feiticeiras. Mas ele é também o pai de rebeldes. Em última análise, suas simpatias não estão com os juizes e os carcereiros, mas com as vítimas. A mais simpática e realmente a mais nobre das personagens de A letra escarlate é Hester Prynne.

Contudo, Hawthorne caminha às apalpadelas. Ainda não está bem seguro do terreno que pisa. Como seus personagens, vive num mundo de meia-luz e de mistério. Os objetos não são distintos. As distâncias estão apagadas. O horizonte acha-se envolto em brumas. Não é possível dizer onde a terra termina e começa o céu. Mas de uma coisa ele está certo — que os erros do passado se transmudarão nas esperanças do futuro. "Num período mais claro, quando soar a hora marcada pelo céu, será revelada uma nova verdade para firmar (a espécie humana) num terreno mais sólido de felicidade mútua".

Um terreno mais sólido de felicidade mútua — a eterna busca do poeta inspirado e do precursor moralista.

(Continua na página 47)

Episódio Doméstico

(Continuação da página 42)

Abatido, fundamente angustiado, Almeida voltou-se para a gaveta do arquivo. Sentiu-se mártir, infeliz. E a sua Elvira, não obstante a dedicação que manifestava para com ele, ainda conservava lembranças do passado? A cena da fotografia lhe parecia

inesquecível.
O mar,
votas e
desportivo
e sadio.
na mem
Talvez...

A angustia
gou em
dantes
Respond
Ficou a
car con
— Estu
Sacud
fatigado
riciou-lh
sem re
do bols
olhos f
lavras
— E
livro. I
Elvira
pois, n
— Ne
Eu dev
do noi
jar. M
ficante
até ho
Houv
bisbaix
pela co
lou, so
— E
Volto
fotogra
— E
Era
meida,
noivo.
o apai
Al
garro.
com o
nas gr
ainda
das d
— E
Sent
furada
jornal
contos
pois c

VIN

Log
ram
nada.
neral
Peak
residê
de
ama

— F
Henry
que v
— I
— I

Mimi
o mé
deu-lh
horas
desce
deseje
do m
pital.
sagaz
deseje
serve
contr
algun
conse
a cas

E
Era
de c
ment
vê-lo
se ac

—
de u
O
que
se a
elétr

Un
o do
E sa
He
Velo
ame
uca

inesquecível na lembrança de uma mulher. O mar, as ondas, o céu sereno das gaiotas e sobretudo o rapaz, muito esbelto, desportivo, dentes à mostra num riso largo e sadio... Talvez tudo aquilo ainda vivesse na memória sempre fresca de Elvira... Talvez...

★

A angústia avivou-se mais quando chegou em casa para o almoço. Frio o beijo, dentes cãlidos e demorado. Comeu pouco. Respondeu por monossílabos às perguntas. Ficou alheado a tudo, cabisbaixo, a brincar com o palito.

— Está sentindo alguma coisa, Almeida? Sacudiu a cabeça que não. Um pouco fatigado só. Ela se achegou, mansa, acariciou-lhe os cabelos. Num âtimo de tempo, sem refletir, Almeida levantou-se, tirou do bolso a fotografia, pô-la na mesa. Os olhos fuzilavam, as mãos tremiam, as palavras vieram a custo:

— E isto aqui? Achei dentro do seu livro. Exijo uma explicação! Elvira mostrou-se um tanto pálida. Depois, num sorriso desajeitado:

— Não quer dizer nada, nada significa. Eu devia ter rasgado, não é? Era um irmão do noivo de Laura, que queria me cortejar. Mas eu o achei simplesmente paulicão, o sujeito mais enjoado que já vi até hoje.

Houve um silêncio. Braços cruzados, cabisbaixo, Almeida dava grandes passos pela sala. Elvira teve uma lembrança. Falou, sorrindo:

— Espera um pouquinho! Voltou, minutos depois, trazendo uma fotografia, no antegozo de uma vitória.

— E isto aqui? Era o retrato de uma namorada de Almeida, a Regina, de quem fora quase noivo. E a dedicatória: "Ao Almeida, com o apaixonado amor da sua Gina".

Almeida, desajeitado, acendeu um cigarro. Foi para o alpendre, distrair-se com os canários, àquela hora barulhentos nas gaiolas. De lá, perguntou, sem graça, ainda guardando nos ouvidos as gargalhadas de Elvira:

— E o alpinista, Nêga, já acabou? Sentou-se na cadeira de palhinha, já furada, a pensar na maple, onde leria os jornais, fumando charuto, feliz com quatro contos por mês; isto, bem entendido, depois que saísse triunfante no concurso.

VINGANÇA

(Continuação da página 17)

Logo que telefonaram a Kendle souberam que Wade ainda não tinha falado nada. Comunicaram-se com o Quartel General e solicitaram uma guarda para o Peak Hotel, para proteção de Lorea. A residência de Dacre ficava junto ao campo de "cricket" naval. Mandaram também uma escolta para lá.

— Penso que fizemos tudo muito bem, Henry, mas há uma coisa que eu gostaria, que você fizesse... — disse Cameron.

— E' só dizer — respondeu Henry.

— Disse-me Kendle pelo telefone que Mimi acaba de telefonar-lhe, sabendo se o médico voltou a ver o marido. Respondeu-lhe Kendle que ele só viria às seis horas da tarde, tendo ela dito que ia descer até ao escritório de Kendle. Ela deseja que o médico autorize a remoção do marido para sua casa ou para o hospital. Ora, você é um sujeito muito mais sagaz do que Kendle, por isso eu muito desejo que uma pessoa de confiança observe o que se passará quando Mimi encontrar-se com o espóso. Você pode ver alguma coisa, ouvir qualquer coisa. Se conseguir algo de útil, telefone-me para a casa de Dacre. Kendle tem o número. E o levou até Armourer's Lane.

Eram cinco e meia e se ouvia um toque de corneta, quando Henry chegou novamente ao escritório de Kendle. Este, ao vê-lo, gritou do corpo da guarda, onde se achava:

— Sobe, Henry! Estarei com você dentro de um minuto.

O escritório de Kendle, pela posição em que estava, escurecia cedo. Por esse motivo, tanto ali como no cubículo em que se achava Wade, já estava acesa a luz elétrica.

Um cabo informou então a Henry que o doente não falara ainda uma só palavra. E saiu para chamar Kendle.

Henry ficou à janela a olhar o jardim. Veio-lhe à lembrança aquelas palavras ameaçadoras de Wade: "Ao pôr do sol, ouça o toque da corneta. Quando as cor-

tinhas tremem, o tremor é morte. Mimi, morte para o seu amor".

Estava a pensar nisse quando ouviu ruídos fortes de passos vigorosos a subir a escada. Era Kendle.

— Ora viva, Henry! Qual é a última novidade? Descobriu um "quarto" amor?

Henry fez um gesto com a mão, apontando para o lugar em que estava Wade, como a reprovar aquela intempestiva expansividade de Kendle.

— Diabo! — continuou Kendle. — Abriam a porta do cubículo onde se acha Wade. — E virando-se para o cabo: — Pode ir embora e tomar seu chá. Eu tomarei conta dele. — E foi dar uma espiadela no doente. Mas Henry ficou meio encabulado com aquela pergunta de Kendle, acerca do "quarto" amor de Mimi. Por que lhe fizera tal pergunta? Pelo telefone Cameron havia informado que havia dois; por que então Kendle indagava se haviam achado um "quarto"? Por que não perguntara por um "terceiro"? Parecia que o subconsciente de Kendle o estava acusando e fosse ele mesmo o terceiro! Henry começou a desconfiar de que seu amigo Kendle estava a correr sério perigo. Se Wade, na fúria de seu ciúme, suspeitava dele, a armadilha estaria preparada ali por perto a fim de dar cabo da vida de Kendle. Estava como oficial de dia até as 10 da noite daquele dia fatídico. Mas como evitar a catástrofe? Henry não se achava com bastante coragem para revelar suas suspeitas, ofendendo a dignidade daquele velho e leal amigo. Era difícil a situação. Também poderia ser que, sabendo da manobra criminosa de Wade, ele, discretamente, já houvesse dado busca e descoberto a cilada. Estava Henry a dar tratos à bola, quando Kendle volta à sala, vindo lá do cubículo em que jazia Wade:

— Ainda está desacordado... Que sorte...

— Não pôde acabar a frase. Um ordenança apareceu e disse:

— A sra. Wade deseja vê-lo, senhor.

— Mande-a entrar.

Kendle avançou apra a porta a fim de receber a visita. Henry fixou-lhe o olhar perscrutador. Notou que seus sapatos estavam com indícios de ter andado pela relva, justamente ao redor do edifício, onde havia grande quantidade de uma florzinha silvestre que deixava sempre muito pólen. Com certeza Kendle não passara todo o dia ali no escritório. Saíra e andara pelo mato.

— Alô, Mimi! — disse ele. — Já conhece Henry Bow, não é verdade?

— Já, sim. Agradei-lhe o cuidado que teve com Miles. Onde está ele? O médico ainda está aqui?

— Não veio ainda, mas não tarda. Miles está aí dentro. — Os dois entraram no pequenino compartimento para ver o doente. Henry ficou certo de que Kendle corria perigo. Instantes depois Kendle tornou a entrar no escritório e ofereceu uma cadeira a Mimi.

— Senta aqui.

A jovem sentou-se e colocou seu chapéu sobre a secretária.

Naquele instante, forte toque de corneta chegou até eles. Era o momento supremo. O coração de Henry batia com força. Perguntou:

— Que toque é este?

— O toque do crepúsculo — respondeu Kendle.

— Os canhões salvam agora — completou Mimi. — E' um incômodo. Sacodem as janelas mesmo além de Europa Point.

Henry estava preocupado. Que dissera Wade? Que o tremor era a morte. Com certeza a armadilha seria acionada com o deslocamento do ar e o projétil seria disparado na direção da vítima, confundindo-se o estampido com o estrondo dos canhões da fortaleza. Naquele instante Kendle se colocou por detrás de Mimi. Olhava para o lado da janela e tinha na expressão do olhar uma espécie de temor mal dissimulado. Era o momento supremo. Henry não teve mais contemplação. Com um pulo, arremessou-se para Kendle e lhe vibrou violento sóco no queixo, fazendo-o tombar, e, quase ao mesmo tempo, arrebatava Mimi pelas axilas, retirando-a da cadeira em que estava sentada, e, com ela, estendeu-se ao assoalho. O troar da artilharia encobriu o toque da corneta, enquanto as cortinas da janela estremeçiam. Tudo foi rápido como um raio. Kendle, a um canto, olhava Mimi que, estupefata, ergueu-se, sacudindo o vestido, e perguntou:

— Que significa isto?...

(Continua na página 47)



E' o que afirmam milhões de donas de casa em todo o Brasil por haverem encontrado no SABÃO PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um grande e maravilhoso SABÃO. As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhe emprestam os óleos vegetais de que é fabricado, fizeram de PLATINO o mais falado e usado SABÃO do Brasil. Mas convém não esquecer de que tudo o que é BOM e se torna FAMOSO passa a ser imitado. Por isso, ao comprar SABÃO PLATINO, do mesmo fabricante de Cera Tabu e Pasta Joia.

EXIJA-O SEMPRE MARCADO ASSIM



Do contrário, não é legítimo

ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver SABÃO PLATINO, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, de 250 grs. cada, por apenas Cr\$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me do famoso SABÃO PLATINO

Nome

Rua Nº

Cidade ou localidade

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro



Apresentamos

As novas vitrolas

RCA-Radiola

1949

Possantes e ultra sonoras
com alto-falantes de 12"



ESTILO
IRLANDÊS



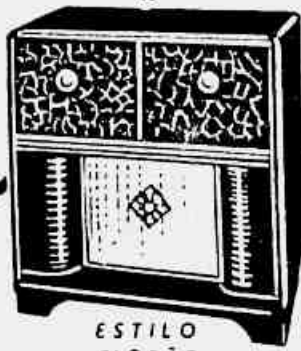
ESTILO
CEREJEIRA



ESTILO
INGLÊS



ESTILO
CÔMODA



ESTILO
FLORÃO

Riqueza de som aliada à riqueza de estilo — eis as novas VITROLAS R. C. A. RADIOLA, dois possantes modelos de 7 e 9 válvulas apresentados em cinco magníficos móveis de apurado acabamento.

Procure vê-las e ouvi-las em nossas exposições ou por intermédio de nossos revendedores autorizados e certifique-se de que as novas VITROLAS R. C. A. RADIOLA são insuperáveis sob todos os pontos de vista.

UM PRODUTO DA
RÁDIO CORPORATION
OF AMERICA

Aceitamos revendedores
nas zonas ainda vagas

PEÇAM CATÁLOGOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

PELOTAS
PORTO ALEGRE
S. PAULO

MESBLA

RIO DE JANEIRO

RECIFE
B. HORIZONTE
MITEROI

NÃO SOBRÁRA NADA!

Os Magos da Culinária

• Puderam tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

À "MAIZENA DURYEA" 49- 4 6
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Próstata —
RUA SENADOR DANTAS, 45-B — Tel.: 22-3367. de 1 às 7 horas



DR. SABOIA RIBEIRO

O ALEITAMENTO NATURAL E SUAS NOÇÕES

O leite materno, humano, é sem rival na alimentação da criança de tenra idade, e até completar esta 3 meses, nenhum outro alimento lhe oferece condições de melhor digestibilidade, salvo casos especiais onde a criança se mostra logo com toda a nitidez.

Uma criança que passa a alimentar-se, desde o nascimento, com o leite de sua própria mãe, ainda que não traga uma saúde perfeita, tem noventa por cento de probabilidades de não precisar de médicos nos costumeiros distúrbios do aleitamento artificial (maxime quando o leite animal é de má procedência e não são observadas certas condições de seu preparo, e quantidade dada à criança).

Ele é o mais facilmente digerível pela criança, contém fermentos no respectivo soro, que estimula as células digestivas; e além disso encerra princípios que conferem à criança grande resistência às infecções. Se a mãe é bem alimentada, e não faltam a esta os legumes, frutas e verduras, até as vitaminas do leite não lhe escasseiam, e portanto à criança.

Distúrbios da glândula tiróide, tão sérios na criança de tenra idade, são também evitados na criança amamentada ao seio.

Não existem os milhões de germes que os laboratórios têm descobertos e contado no leite de vaca, ainda dos melhores estábulos. A sua temperatura é invariável, e é ótima para o bebê.

Se a mulher é bem alimentada, qualquer que seja a sua constituição, e se dá o seio em horas certas, é via de regra boa nutriz do filho. Haverá, então, em cada mamada, a justa secreção de um volume que se adapta perfeitamente à idade e à capacidade do estômago da criança, sem o forçar. A composição do leite encerra a taxa necessária dos princípios nutritivos para o bebê, que lhe permite um crescimento segundo o ritmo próprio ao desenvolvimento humano.

E' certo que, como no aleitamento artificial, o aleitamento natural deve também sofrer certas modificações periódicas.

Assim o peito só será dado exclusivo, até o 6.º mês. Depois, há os mingaus, os sucos, as frutas, as sopas.

Mas, como leite, é o melhor dos leites para as crianças. O leite animal não tem uma composição idêntica ao leite humano. Neste, a caseína está para a lacto-proteína e proteína como 1 para 3. No leite animal esta relação é de 1 para 7.

A proporção de enxofre, fósforo e amino-ácidos que entram na composição dessas substâncias, também difere.

Mas, maior ainda, são as diferenças na composição da própria gordura do leite, que para os pediatras é considerada a maior responsável pelos distúrbios gastro-intestinais da criança. E', porém, a gordura do leite humano perfeitamente digerível pela criança normal, e nas outras só ocasionando leves distúrbios.

Há uma experiência decisiva, que serve para mostrar as virtudes até curativas do leite humano, em contraste com o leite animal. E' de Ludovig Meyer. Este grande químico e fisiologista retirou, do leite de peito e do leite de vaca, soro e coagulo, senarando cada um.

Depois misturou o soro do leite de vaca ao coagulo do leite de peito. A primeira mistura, dada a crianças atacadas com diarreia, trouxe a cura; a segunda, ao contrário, agravou a situação.

O leite materno encerra, pois, no seu soro, virtudes, devidas a seus fermentos, graças às quais os processos digestivos do bebê se desenrolam sempre bem.

Não esquecer ainda, em comodidade e disciplina, as vantagens certas do aleitamento natural.

Basta recapitular as operações que o aleitamento artificial comporta: — 1) Fervura do leite; 2) Diluições do leite, adaptando-o à idade da criança; 3) Cuidados constantes com o vasilhame (mamadeira, bico etc.).

A questão das consequências do aleitamento natural sobre o estado nutritivo da mulher e mesmo sua louçania e beleza é improcedente.

O estado nutritivo da mulher é perfeitamente compensado com os cuidados da alimentação e não há beleza de formas que não seja compatível com a amamentação dos próprios filhos.

Antes, esta é fator de saúde, pois é da observação dos médicos que certos distúrbios das senhoras cessam muitas vezes com o aleitamento ao seio, inclusive insuficiência da tiróide, responsável não raro pela obesidade.

Não é sem mais aquela que se passa bruscamente do leite materno para o leite de conserva.

Quando sucede o leite materno faltar, ou há indicação para suspendê-lo da alimentação do bebê, é preciso proceder com critério na prática do aleitamento artificial, pois a verdade é que os diferentes leites nem sempre oferecem uma composição idêntica do ponto de vista de sua composição química, e muitas vezes são especializados no seu emprego na criança.

Pode-se aconselhar o seguinte esquema na alimentação ao peito: — 1.º dia, cada 6 horas; 2.º ao 5.º dia, cada 4 horas; 6.º dia até o 5.º mês, cada 3 horas; do 6.º mês em diante, cada 4 horas.

No aleitamento ao seio é comum surgir a dúvida se a criança está passando fome ou não, isto é, se o leite é ou não suficiente. O melhor é ver se o peso está subindo ou permanece parado.

Uma criança mama em regra de 120 a 150 gramas. Se passar disto, nas mais fortes ou crescidas, mal não há.

O meio de verificar tais quantidades é pesar a criança antes e depois de cada mamada. Ou então se fará o controle geral semanal: a criança nos três primeiros meses aumenta aproximadamente 200 gramas por semana; entre o 4.º e o 6.º, 150 gramas; do 6.º em diante até 1 ano, 100 gramas.

E' fácil às mães, com os cuidados já aconselhados, conservar a secreção do leite materno, abundante.

E' a vida repousada, a alimentação cuidada e succulenta, a sucção enérgica do bebê fazendo a excitação da glândula mamária (o que sempre é conseguido dando-lhe o seio em horas certas, pois então a criança mama com a sofreguidão necessária criada pelo jejum das horas de intervalo entre uma e outra mamada), os fatores que garantem a conservação do leite enquanto durarem as necessidades de pequenino.

Ao contrário, quando a criança mama a toda hora, o faz quase sempre sem vontade, e o resultado é muitas vezes o estorrecimento dos seios, o que muitas vezes se dá dentro apenas de dias.

Diga-se, ainda, que é apenas devido a isso que muitas mães se julgam más nutrizas dos filhos, quando a falta não é da natureza mas da sua própria incultura.

VINGANÇA

(Continuação da página 45)

— Eu explico — disse Kendle. — Eu salvei sua vida e a minha também. Quando eu a senti naquela cadeira e naquela posição, era porque esperava que a armadilha montada por seu marido nos fizesse minar, a um só tempo. Morreríamos varados pela bala do engenho que ele montou com toda a perfeição e cuidado de um técnico.

— Quando você acionou a armadilha, Kendle? — perguntou Henry.

— Logo depois que você e Cameron saíram. Minha afecção por Mimi despertou ciúme em Wade e, muitas vezes, à noite, eu imaginava como seria fácil ele me eliminar com um aparelho armado aí na rocha e apontado para mim. Estava a par de meus hábitos e bastava montar a armadilha com a mira na direção do lugar em que me sento.

— Em que consistiu a cilada?

— Num rifle que atira certo com a montagem que, no exército, se chama linha fixa. Aqui em Gibraltar é muito fácil conseguir isto, em virtude da grande quantidade de fendas e buracos que há na rocha do lado do mar. O que Wade fez foi montar um "Lee-Enfield" num tripé e armar o gatilho de tal maneira que a menor trepidação provocasse a detonação da bala dirigida justamente na direção em que estávamos, eu e Mimi. Com a violenta intervenção de Henry, o projétil não nos atingiu e foi alcançar o próprio Wade aí dentro.

Com efeito, O orifício de uma bala atravessara o tabique do cubículo e atingira Wade em lugar mortal.

Mimi estava desolada. Sempre fora espósa fiel, e sua amizade com certas pessoas do lugar nada mais era do que manifestação de cortesia e urbanidade. Muito jovem, bem educada, se viu, desde o primeiro momento em que desposara Wade, vítima de suas suspeitas e crises de ciúme. Kendle decidira morrer com ela para evitar que sua dignidade e a honra da jovem ficassem à mercê de detratores. Mas, agora, estavam livres, e um casamento mais equilibrado e sincero poderia unir-lhes para uma vida mais feliz e mais compreensiva. Instintivamente os dois se abraçaram e Kendle a beijou carinhosamente. Henry estava achando até certa graça naquele desfêcho inesperado.

Duas horas depois, seguia para bordo do vapor que o levaria à Inglaterra. Todo o drama ficou limitado entre eles. Nada se diria a quem quer que fosse. Ao despedir-se de Kendle, ainda repetiu:

— Lembra-se de Nijmegen? Neve e lama! Adeus! Seja muito feliz, Kendle.

As luzes de Gibraltar se refletiam tremulas sobre as águas do porto, destacando-se do fundo escuro a imensa mole de granito. Uma sirene anunciou a partida do transatlântico e Henry acenava para Kendle o seu último adeus de amigo.

A VIDA DE HAWTHORNE

(Continuação do número anterior)

VII

O resto da vida de Hawthorne pode ser contado em poucas palavras. Quando Pierce foi eleito presidente dos Estados Unidos, nomeou o romancista, que fora seu colega de estudos, para o consulado norte-americano em Liverpool. Enquanto viveu no estrangeiro, Hawthorne permaneceu tão afastado da sociedade como vivia em seu país natal. Familiarizou-se mais com a história do que com o povo da Inglaterra. Ao terminar o seu período de serviço consular, fez uma excursão à Itália, onde também viveu mais no passado que no presente. Voltou depois aos Estados Unidos e ao lugar onde se sentia mais à vontade: entre a gente do interior que tão bem reflete os limites entre o presente e o passado.

Tão imerso andava nos problemas dos seus dramas provincianos que mal tomou conhecimento da tragédia nacional que se ia desenrolando diante de seus olhos. Quando estalou a Guerra Civil, externou-se sobre o magno assunto com um erguer de ombros: "Aprovo a guerra", disse, "mas não sei por que estamos lutando".

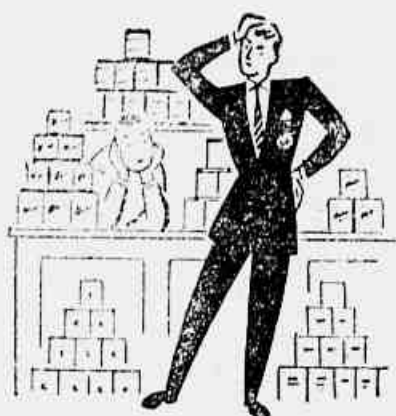
Mas ele também estava lutando numa guerra: aquela em que a alma humana procura desenredar-se das malhas do seu ambiente. Retrata essa guerra na sua novela *The House of the Seven Gables* (A casa dos sete torreões), na qual os pecados dos pais tecem uma rede contra a felicidade dos filhos. Voltou à carga em *The Marble Faun* (O fauno de mármore), em que uma criatura selvagem e meio humana vinda do passado volta à vida em meio aos sérios problemas humanos do presente — o tema favorito de Hawthorne: o pecado e o sofrimento. E já no cabo de sua vida estava empenhado em outra batalha interminável da alma contra os inelutáveis decretos do destino — *The Dolliver Romance* (O romance de Dolliver). Nesse livro ele tentou descobrir o elixir da vida, o triunfo da morte, a passagem do homem para a imortalidade. O destino irônico pôs termo à vida deste filósofo-romancista (maio de 1864) justamente quando ele estava à procura da vida eterna.

Com o seu desaparecimento encerrou-se uma época mental na história dos Estados Unidos.

OBRAS IMPORTANTES DE HAWTHORNE — Histórias contadas duas vezes, O romance de Blithedale, A letra escarlate, A casa dos sete torreões, Musgos de um velho presbitério, O fauno de mármore, O romance de Dolliver, Histórias de Tanglewood, A imagem de neve e O grande rosto de pedra.

(Do livro "Vidas de grandes romancistas".)

HA MUITAS TINTAS PARA INTERIORES...



...MAS SÔMENTE UMA

Kem-Tone

PRODUTO DA SHERWIN-WILLIAMS

PROCURE
ESTA LATA



**POR APENAS CR\$ 98,50
PINTA-SE UMA SALA INTEIRA**

É tão fácil, tão econômico renovar e embelezar sua casa com Kem-Tone! Produto da Sherwin-Williams, Kem-Tone é o acabamento mágico que cobre com uma demão — seca em uma hora e não deixa cheiro de tinta! Qualquer um pode pintar com Kem-Tone. Um galão, diluído com água, dá 1 galão e meio de tinta — o suficiente para pintar uma sala. Pinte V. mesmo — ou chame um pintor — mas especifique Kem-Tone.

Um galão, Cr\$ 98,50 no Rio e em São Paulo. Não pague mais!

À venda nas boas casas do ramo

TINTAS E VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS

BRASIL

SÃO PAULO: RUA DOM JOSÉ DE BARROS, 264 - 6.º ANDAR
RIO DE JANEIRO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE, 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Matriz em Itajaí

Capital Integralizado Cr\$ 15.000.000,00
F/de Reserva Legal e Outras Reservas Cr\$ 20.562.766,02

Total do Não Exigível Cr\$ 35.562.766,20

Filial no Rio de Janeiro:

RUA WASHINGTON LUIS, 17-A — FONE 43-8039



“Uma carta anônima... e quanta verdade!...”



À primeira carta que recebi não dei a menor atenção. Dizia que minha beleza era mentirosa porque usava o maquiagem excessivo para ocultar as imperfeições da cutis. Eu até ri... Era noiva e não temia o futuro.



Depois, inesperadamente, meu noivo Jorge desfez o compromisso. E chegou nova carta que me disse toda verdade: “Sua beleza é falsa porque você disfarça e não corrige as imperfeições. Conquiste a beleza natural com Leite de Colônia”.



Agora reconheço que a beleza natural atrai o romance. (E é tão fácil consegui-la com Leite de Colônia). Numa festa encontrei Jorge. Procurou-me arrependido. Fez-me declarações. E resolvemos reatar o noivado.

Não artificialize sua beleza!... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colônia!

Sim! A mentira é sempre condenável, mesmo em beleza! Evite a perigosa mentira do maquiagem excessivo usado para disfarçar as imperfeições da pele e dar uma impressão de falsa beleza. Corrija manchas, cravos, sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colônia. Use-o pela manhã, em massagens sobre o rosto, colo e pescoço... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela verdadeira beleza que os homens adoram.



Leite de Colônia
O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 281

EROS VOLUSIA

(Continuação da página 7)

ainda, para tomar conhecimento do público frequentador dessa luxuosíssima casa de espetáculos. E, após a escolha da candidata vitoriosa, Eros proporcionou ao público presente, uma exibição de danças brasileiras. Tanto bastou para que os empresários do Casino d'Enghien a incluíssem entre os participantes de seus espetáculos. Isto, sob a condição de que seu contrato seria de uma semana. Porém, Eros só deixou de figurar nos “shows” depois de quatro meses de exibição. Assim, mesmo, porque necessitava regressar ao Brasil, uma vez que sua licença estava prestes a terminar.

No Casino d'Enghien, a bailarina patricia teve, entre seus assistentes, o deputado e sociólogo Gilberto Freyre, que a viu dançar pela primeira vez. Terminado o espetáculo, o autor de “Casa Grande e Senzala” apressou-se em cumprimentá-la, tamanho o entusiasmo de que se viu possuído.

O NÚMERO DO ABAFA

Dentre os números de sua criação, Eros Volusia apresentou aos franceses “Macumba”. Nesse número, conforme será fácil observar nas fotografias que publica-

mos, a artista emprega sua bonita cabeleira em diversas estilizações. Daí, ser chamado pelos franceses de “dança dos cabelos”. Aliás, famoso órgão da imprensa gaulesa, referindo-se a essa dança, teve oportunidade de escrever que “se a fortuna de alguém estivesse nos cabelos, a de Eros Volusia estaria assegurada por uma luxuriante cabeleira que se espalha num samba des-cabelado”.

Pois foi “Macumba”, a estilização por ela escolhida para dançar no bosque de Mendon, local em que, segundo a lenda, se reuniam as bruxas para seus trabalhos fetchistas. Eros, como que descrendo da veracidade da história, para ali seguiu numa bonita manhã, dansando a “Macumba”. Tal fato, foi o suficiente para que o popular “Paris Dimanche”, sem dar importância ao racionamento de papel, lhe dedicasse toda uma página. Isso, levando-se em conta as dificuldades com que luta a imprensa, constitui mais uma estrondosa vitória da jovem bailarina nacional.

Mas, não foi somente o “Paris Dimanche” que lhe dedicou várias colunas. A maioria de jornais e revistas, ante a aceitação do público pela arte personalíssima da neta de Tereza Costa, não lhe regateou espaço. Eros passou a suplantir os próprios elementos de casa, porquanto, a estes, é exigido pagamento para qualquer matéria publicitária. E os órgãos franceses, tão comedi-

dos em elogios, chegaram ao ponto de afirmar que Eros Volusia será a segunda Isadora Duncan do século, tal o interesse que demonstra pela arte que imortalizou Nijinsky.

Nessa chuva de referências valiosas ao trabalho empreendido pela consagrada discípula de Terpsichore, não será demais falarmos da opinião do jornal “France Dimanche” que, entre outras coisas, disse: “Na cidade ela parece pequena. Em cena ela é grande. Não se sabe se são os olhos de luz, perspectivas ou o talento que operam este milagre. Toda sua dança é baseada sobre o jogo de sua admirável cabeleira negra de amplas ondulações”.

A cada manifestação de apreço, Eros respondeu com novos números de seu cuidado repertório. “Macumba”, “Samba”, “Pequeirando Fubá”, “Batuque”, “Frevo”, foram criações que entusiasmarão todos os círculos da grande metrópole francesa. Os próprios existencialistas, agora tão em moda, sentiram o peso do trabalho artístico da bailarina brasileira. Tanto, assim, que o teatro de music-hall chegou a se interessar pelo seu concurso. Não fosse o término de sua licença, ela teria pisado o palco de uma dessas famosas casas de espetáculos. Inclusive o do Casino de Paris, onde foi convidada para estrelar uma revista.

A respeito do teatro francês, sua opinião é das mais interessantes. Enquanto alguns afirmam estar em decadência, Eros acha que ele continua dominando, apesar do baque sofrido pela guerra. Diz não se poder esperar que seja o mesmo de antes do conflito. Porém, o teatro de revista a surpreendeu, embora não lhe sobressaia nenhuma valôr isolado. Há o trabalho de conjunto, sendo o cenógrafo o grande artista.

Com referência ao teatro existencialista, suas palavras não são menos entusiastas. Assistiu “Mãos Sujas”, última criação de Sartre. A interpretação diz ser boa. Quanto a peça, prende o público que acorre para assisti-la.

O PITORESCO DA EXCURSÃO

Eros, tão logo apresentou-se ao público do Coq d'Or, passou a ser considerada a “Rainha do Samba”. E, naquela franqueza brasileira, afirmou aos franceses, que eles não sabiam dançar o samba, propondo-se a ensiná-los. Não faltaram alunos, já se vê. Entre esses, alguns carecas. E, quando Eros punha em ação sua bela cabeleira, os mesmos ficavam impressionados, uma vez que não possuíam cabelos...

Também, quando lançou para o público parisiense o “Pequeirando Fubá”, provocou o humor francês. E' que quantos a assistiram dançar esse número, começaram a espalhar que o diretor do Abastecimento estava vivamente empenhado em conhecê-lo. Sabem por que? Pelo fubá, unicamente... Muitos outros casos pitorescos encheram os vários meses em que a diretora do Curso Prático de Danças esteve na França.

De retorno ao Brasil, no momento em que recebia vantajoso convite para empreender uma longa tournée pelos países europeus, com início na Escandinávia, Eros traz a responsabilidade de coligir material para os “Archives Internationales de la Danse”, uma vez que foi nomeada correspondente dessa importante organização internacional. Em compensação aos esforços que terá de dispendir para sanar a lacuna existente nesses Archives, referente a dança brasileira, ela volta carregando as mais expressivas referências a seu trabalho de con-gratamento artístico, em que tudo fez pelo preservação do nome do Brasil no estrangeiro.

Fernando Duvoir, por exemplo, grande autoridade em matéria de dança, após ouvi-la na conferência dos Archives Internationales de la Danse, afirmou: que “os Arquivos da Dança são como uma capela votada a uma única arte. Os espectadores são na maioria dançarinos, dançarinas e amadores. Público difícil. Quando passa por Paris qualquer artista notável estrangeiro é quase sempre lá que primeiro se exhibe. Raramente dançarinos ou dançarinas obtêm um sucesso igual ao obtido por Eros Volusia. Eu não direi nada sobre ela que se desconheça no Brasil. Que ela seja bela, esguia, que fale um francês encantador e que sabe despertar desde o início simpatia só nós os parisienses ignorávamos. Como também (é preciso confessar) ignorávamos quase tudo sobre danças brasileiras”.

O momento de “Macumba” foi um grande momento da dança. Uma das mais extraordinárias danças que se possa ver. Graças à Eros Volusia a nossa compreensão de dança universal está confirmada e, para alguns espectadores, ampliada. Ela nos trouxe um elo que nos faltava e, pelas mãos de Eros veio este elo tomar o seu lugar: no círculo das danças humanas”.

Ensinando o samba aos ministros da República, fazendo o povo vibrar com o samba de gafeira, entusiasmando o meio intelectual com seu francês muito doce, contando coisas desconhecidas aos dançarinos franceses, fazendo a dança brasileira figurar nos Archives Internationales de la Danse, Eros Volusia satisfaz o grande ideal de sua vida artística, sentindo-se contente com o que realizou na França, embora a Europa não dê dinheiro a ninguém. O lucro artístico é que compensa.

O FRADE SEM CABEÇA

(Continuação da pág. 20)

Maria não deixou que Chico terminasse a frase e ela mesma concluiu:

— Mas o frade sem cabeça é santo e é a ele que eu quero fazer a promessa... quero acender uma dúzia de velas em cima da raiz grossa da jaqueira grande!

Chico encorajou a conversa dizendo: — Vá para casa, menina Maria e tire da cabeça essa história de amor! Você mesmo está ainda muito novinha para cuidar dessas coisas!...

Maria voltou para casa, cheia de tristeza, levando em seu coração a terrível dúvida que lhe deixara a sugestão de Chico Piaba. No dia seguinte Maria fôra vista comprando um pacote de velas no armazém do "seu" Sindô e como à noite não aparecesse no cruzeiro da igreja para acender as velas, como era o costume da vila, as más línguas começaram a fazer comentários em torno do seu namoro com Tadeu:

— Para quem teriam sido as velas que Maria comprou?

— É verdade!... São nove horas e até agora não apareceu aqui no cruzeiro, para acendê-las!

Aquela mesma hora, entretanto, seis velas estavam sendo acesas e colocadas na raiz grossa da jaqueira e um vulto de mulher, cheio de coragem, dessa coragem que somente o amor sabe dar, nos momentos mais difíceis da vida, estava ali ajoelhado, tendo ao lado, de pé, a figura máscula de um caboclo forte e decidido. Eram Maria e Tadeu. Pagavam a promessa ao frade sem cabeça.

Alguém os espreitava, porém, ruminando ódio, por considerá-los intrusos que ameaçavam os seus planos. Era Chico Piaba.

No dia seguinte a vila estava cheia da terrível mentira espalhada por Chico Piaba. — Maria já não era aquela mesma jovem inocente que o procurara na véspera; pertencia a Tadeu e tinha sido ali junto à jaqueira, num sacrilégio à alma do frade sem cabeça.

Com rapidez de um raio, a notícia ganhou as três ruas da vila e os engenhos da redondeza:

— Maria?!...

— Tadeu?!...

— Sim, Maria e Tadeu!...

Na cozinha do Macapã, as latas e os potes ficavam cheios d'água, esperando que terminassem os comentários das mulheres. No domingo era o assunto obrigatório da feira.

Maria expulsa da escola e a sua velha mãe ouviu d. Veneranda dizer:

— Não é possível, d. Colô!... A senhora sabe que não fica bem para as meninas de família da vila, não é assim?...

— Mas, d. Veneranda!...

— Não tem que lamentar, d. Colô, é caso liquidado! — E num gesto de desprezo acrescentou: — Sua filha é uma sem-vergonha, d. Colô!

A pobre velha retirou-se, cabisbaixa, sentindo sobre si o peso de uma tragédia que lhe ameaçava destruir os últimos dias de vida. Não podia compreender o que se dizia de sua querida filha. Não, não era possível que fosse verdade. Contudo, para não precipitar os acontecimentos, preferiu sufocar a dor que esmagava o seu coração a procurar investigar da filha se era ou não verdade tudo aquilo que se dizia em toda a vila.

Dias e mais dias Maria tentara encontrar Tadeu para falar-lhe, sem resultado, porém. Uma tarde, à hora do sol pôsto, foi aguardá-lo no caminho do Macapã, por trás da igreja e teve a felicidade de encontrá-lo:

— Tadeu!...

— Maria!... Que faz você aqui atrás da igreja a esta hora?

— Preciso falar com você, Tadeu... há dias que o procuro, sem resultado!



um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com

Malzbier da Brahma

Um novo valor!... E que valor!... Altamente nutritivo porque Malzbier da Brahma enriquece qualquer refeição. Preparada à base do malte mais rico, Malzbier da Brahma melhora o almoço, completa o lanche e equilibra o jantar. Tenha sempre Malzbier em sua mesa, para compensar a falta de um ou outro alimento. De baixa graduação alcoólica, Malzbier é uma cerveja preta, levemente adocicada, que se tornou a cerveja do lar... preferida por todas as famílias. Aumente o valor nutritivo de sua refeição com Malzbier da Brahma!



Ouçã as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite



EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

Record 3219

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — P. ALEGRE — P. FUNDO

— Por que, Maria, o que aconteceu?

— Uma desgraça, Tadeu! Você não sabe o que estão falando de nós aí pela vila e que até da escola já fui expulsa?

— O que é que você está dizendo, Maria! — Exclamou Tadeu cheio de espanto — quem foi o canalha que...

Maria não deixou que ele terminasse e agarrou-se aos seus braços vigorosos, sentindo entre os seus dedos pequenos e frágeis a rigidez daqueles músculos acostumados às duras provas da luta pela vida. Sentiu que duas mãos grossas e colejadas afagavam, num gesto rude mas pleno de sinceridade, o seu rosto molhado de lágrimas.

— Não diga mais nada, Tadeu! Sou tão infeliz... não sei por que sofro tanto assim em minha vida!

— Já sei, Maria! Já compreendi tudo e hoje mesmo iremos encontrar o Chico Piaba lá na jaqueira. Vá para casa e quando o sino bater nove horas, vá encontrar-se comigo lá no fim da rua da Matança. Vá até à jaqueira. Aquela

velho miserável vai pagar caro o atrevimento de haver mentido para mergulhar você na lama!...

— Pelo amor de Deus, Tadeu! Eu não devia ter ido!...

Separaram-se e Tadeu foi para casa cheio de ódio. Agora sabia que Maria estava sofrendo por sua causa. Começava a sentir qualquer coisa por ela, não sabia se amor ou compaixão, o fato é que depois de sentir o calor das suas lágrimas e o bater do seu coração junto ao seu peito suado, estava sem compreender aquela nova influência em sua vida.

Naquela noite, à hora aprazada, Tadeu e Maria rumaram para o sítio, depois de vagarem algum tempo, procurando fugir aos olhares de algum curioso que os espreitasse. Maria segurava com força o braço de Tadeu. No silêncio da noite ouvia-se apenas o ladrar dos cães e vez por outra o pio de uma coruja quebrava a calma reinante.

Andando cautelosamente aproximaram-se

de da jaqueira. Por entre a filhagem verde dos cafeeiros, notaram que havia luz no tronco da jaqueira.

— Há gente junto à jaqueira, Maria!

— Sim, Tadeu! Alguém veio acender velas esta noite!

— Espere aqui, Maria, enquanto vou até lá investigar!

— Não, Tadeu, tenho muito medo de ficar só!

— Venha, então, comigo, Maria e seja o que Deus quiser!

Em poucos minutos estavam parados juntos à jaqueira, olhos arregalados e sem uma palavra. Por baixo da raiz grossa fôra cavado um enorme buraco e o cheiro da terra fresca denotava que o trabalho havia sido terminado alguns minutos antes da chegada dos dois namorados.

Maria sentia um nó na garganta e não conseguia articular uma palavra.

Depois de alguns minutos, Tadeu abaixou-se e com a ponta da faca de ferreiro, examinou um objeto que com os últimos

PASTAS -- BOLSAS
FÁBRICA
CONCERTOS EM GERAL
Praça da República, 46,
2.º andar — Rio

MÚSICA, MAESTRO!

(Continuação da página 33)

A ARTE NÃO É PRIVILÉGIO

Não sou muito amante dos conjuntos sinfônicos. Por dever de ofício, à cata deste material, fui a um ensaio desta orquestra. Fiz bem, amigos. Sabia que a orquestra dá mensalmente um concerto público, gratuito, e sei que o salão se enche. Outros concertos são realizados em benefício de instituições diversas. Mas eu ainda não tinha visto até onde ia o interesse popular por esse gênero de música. Vi durante o ensaio. Não importa que pelo meu espírito vago passassem coisas que nada tinham a ver com a história que estou escrevendo. Refiro-me à idéia que de repente me entrou na cabeça, ao ver os músicos sem paletó e de suspensórios. A idéia que me entrou é que todos os homens têm necessidade dessa medida de segurança. A idéia era tola, mas teimava em entrar na reportagem, e por mais que eu a repelisse, deixando de tomar nota, prometendo a mim mesmo que não a utilizaria, ela me acompanha, em forma de suspensórios de vidro, de borracha, de elástico, de couro, acompanha-me até a casa e sai pelos dedos, penetra nos tipos e acabará nos olhos do leitor. Em todo caso, aqui a deixo, dela me livro. Será talvez um intermezzo nesta reportagem.

Mas vi, durante o ensaio, operários de uma construção próxima largarem o trabalho e se aproximarem das portas do auditório para escutar, como também vi um grupo de crianças parar de brincar, e parar o atleta que ia correndo para o seu campo de esporte, e todos se pregarem ali, durante hora e meia. Tudo isso me fez raciocinar que tudo acabará bem, uma vez que o povo já se interessa pelas coisas de arte e, portanto, a arte não é nem deve ser privilégio de uma elite e que vale a pena o sacrifício de dar-lhe música — mas não apenas música, acréscimo, pois assim iria muito longe e acabava me afastando do que penso a respeito, o que, em todo caso, agora não interessa.

O NASCIMENTO DA SEGUNDA ORQUESTRA

la dizendo que se organizava a Sinfônica Estadual. Então o prefeito da capital mineira, que havia pôsto uma tábua em cima da história da sinfônica, resolveu dar o dito por não dito, quer dizer, reconsiderar o que já havia considerado. Daí, surgir, incontinenti, outra sinfônica, inicialmente a cargo de uma Sociedade de Concertos Sinfônicos, que da Prefeitura teria apenas uma ajuda. Inicialmente, foi contratado o maestro Guido Santorsola, do Instituto de Musicologia de Montevideu. Havia uma dificuldade a vencer. Era que a maioria dos elementos de destaque encontrava-se já constituindo a Sinfônica Estadual. Isso, porém, não era dificuldade para o pre-

feito belorizontino. A orquestra foi completada com elementos de fora, do Rio e São Paulo, especialmente contratados. Dizia-se no início que tal se daria porque seria feita uma "limpeza" na nova sinfônica, onde apenas uma meia dúzia de músicos mineiros seria aproveitada, mas a realidade é que Belo Horizonte não dispõe, por si só, de elementos em número suficiente para comporem duas sinfônicas. Na verdade, a Sociedade de que a Prefeitura era patrocinadora não estava em condições de arcar com as despesas da manutenção de uma orquestra, e a Municipalidade teve mesmo que assumir o ônus, embora não tivesse sido essa a anterior disposição do prefeito. Não sei exatamente a quanto montam tais despesas, mas as informações que me deram é que atingem cerca de 150 mil cruzeiros mensais. O contrato do maestro Santorsola reserva-lhe 14.000 cruzeiros mensais, mas os músicos não sei quanto percebem, a não ser os que são contratados fora de Belo Horizonte, para determinados concertos, pois os há de 7.000 cruzeiros. O que é certo é que a Prefeitura, que não queria fazer despesas, acabou pagando as contas da Sociedade, inclusive carimbos, corridas de taxis, aviões, etc.

Mas que importava isso? Se havia uma Orquestra Sinfônica Estadual, devia haver também uma Orquestra Sinfônica Municipal. Eis a razão.

E eis o motivo por que, no espaço de setenta e duas horas, os belorizontinos tiveram diante de seus olhos e dentro de seus ouvidos o espetáculo de duas orquestras sinfônicas.

MÚSICA, MAESTROS!

Não entro na apreciação dos valores musicais das duas orquestras nem de seus regentes, se bem que isso constitua objeto de discussão de muita gente que do assunto não entende, como também não entendo. E nem especulo sobre os valores outros que compõem o conjunto. Também não entro no mérito da questão se a Sinfônica Estadual realiza concertos populares gratuitos e a Sinfônica Municipal os realiza em estilo granfino, "exige-se traje a rigor", na distante e aristocrática Pampulha. Penso em que, com as duas orquestras, se despendem mensalmente mais de duzentos mil cruzeiros, mas que também isso não tem importância se o povo disso usufruir alguma coisa. Aliás, numa ou noutra os músicos merecem melhor remuneração.

Em resumo: os tempos andam bicudos, os apouques são dominados pelos especuladores, o pão é aquela miséria, tudo está alto, o dinheiro desapareceu da circulação e se deixou a dormir no bolso de meia dúzia, a própria vida está pela hora da morte. Portanto, por enquanto não há salvação — o melhor mesmo é apertar o cinto, desabotoar o colarinho, reclamar contra o calor e acompanhar o côrnacional, estadual ou municipal!

Música, maestros!



O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras. Elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

reflexos de um coto de vela, reluzia um pouco. Meio atordoado, exclamou:

— Arrancaram a botija, Maria! — E mostrando-lhe o objeto. — Veja, é uma moeda de prata, deixada como sinal.

— Que vamos fazer, Tadeu? — Perguntou Maria com a voz trêmula.

— Levar para casa! — disse Tadeu, limpando a moeda na manga da camisa e acrescentou: — Amanhã, de manhã, vou mandar examinar esta prata!

Segurando Maria pelo braço, Tadeu esmagou com o pé o coto de vela e dentro da escuridão procurou caminho para deixar o sitio.

Na manhã seguinte a notícia correu rapidamente por todos os recantos da vila:

— Arrancaram a botija do sitio do coronel Leopoldo!

— Quem teria sido o felizardo?

— Foi o Chico Piaba, não há dúvida!

— Quem sabe se não foi mesmo o coronel Leopoldo?

— Foi o Chico Piaba! Foi o Chico Piaba!

E a vila toda estava certa de que fora realmente o Chico Piaba o autor da façanha.

Grupos de curiosos rumaram para a casa do sub-delegado, onde já se encontravam, desde cedo, o cabo Horácio, o soldado Zé Trovão e Tadeu. Esperavam que o sub-delegado acabasse de tomar café.

— Já deve ter fugido, o velhaco!

— Anda bem longe, a estas horas!

Eram os comentários do povo em frente à casa do major Tiburtino.

Ainda limpando a boca com a manga do casaco, o major Tiburtino apareceu e saiu à frente de toda aquela multidão, para a

tua da Mala. Iam prender Chico Piaba.

O pequeno mocambo de taipa, coberto com palha de cana estava com a porta fechada, o que deu motivo a novos comentários e manifestações contra o pobre Chico Piaba:

— Arromba a porta! — gritou um exaltado no meio da turba.

— Cerca pelos fundos! — acrescentou outro.

Diante daquelas ameaças, o major Tiburtino achou por bem mandar chamar o coronel Leopoldo e o escrivão, para que fossem tomadas as providências legais antes de ser arrombada a porta da casa:

— Cabo Horácio!

— Pronto, "seu" major!

— Mandé chamar o coronel Leopoldo e o escrivão!

— Perfeitamente, "seu" major!

Não tardou muito e chegaram ao local

do coronel Leopoldo e o escrivão para que na presença dos mesmos fosse arrombada a porta.

Todos estavam ansiosos por saber o que se passava dentro daquelas paredes esburacadas. Com um empurrão, o cabo Horácio abriu a porta e recuou espantado, dizendo:

— "Seu" major!

Mas não teve tempo de prosseguir, pois, mal abrira a porta, já o coronel Leopoldo e o major Tiburtino entravam no mocambo.

Do lado de fora a multidão compreendeu o que se passava, quando as pessoas, dentro de casa, em sinal de respeito, tiraram os seus chapéus e o cabo Horácio fazia o sinal da cruz.

Ali, no chão duro do mocambo, caído ao lado da tarrafa, estava o corpo de Chico Piaba, havia morrido!

DRAGO

Nº 23 Por Hogart

CUIDADO, DIABLO.
NÃO VA' FAZER FEIO
DIANTE DA
MOÇA.

OS DOIS
FUGITIVOS
APROXIMAM-SE
DA CARAVANA
SECRETA

BRRR! ESTOU MOR-
RENDO DE FRIO,
DRAGO.

CHEGAMOS,
DARBY,
O ESCONDERUJO
FICA ATRÁZ
DAQUELA
ÁRVORE!

VOCÊ VAI TIRAR ESSA ROUPA
MOLHADA E SENTAR-SE
CONFORTAVELMENTE
DIANTE DE UMA BOA
LAREIRA!

AINDA NÃO VIU NADA...
AQUI TERA' TODO O CONFORTO
DE UM HOTEL MODERNO...

OH, DRAGO, NÃO
IMAGINAVA QUE
FOSSE TÃO BONITA!

ONDE PODEREI
TROCAR DE
ROUPA?

HA' ROUPAS
NAQUELE
ARMARIO.
ENQUANTO ISSO
ACENDEREI A
LAREIRA.

POUCO DEPOIS

BEM, VAMOS VER
AGORA O QUE
HA' NESTE
ÍDOLO.

QUE TAL
ESTOU,
DRAGO
?

NÃO ENCONTRO
PALAVRAS PARA
DESCREVE-LA...

TEMOS QUE DESCOBRIR
O SEGREDO ENCERRADO
NESTE ÍDOLO. SE PUDES
SE... ESPERE
AÍ!

QUE É,
DRAGO?

OLHE!
ESTA' ABRINDO
AO MEIO!

Copy, 1946, N. Y. Post Corp

4-7-46



DRAGO

Nº 24

por
Hogart

EM SEU
ESCONDE-
RIJO,
DRAGO
CONSEGUE
ABRIR O
MISTE-
RIOSO
IDOLO

A PARTE CENTRAL
DO IDOLO CAIU,
DARBY

O QUE É?



É UM CARRETEL.
PARECE UMA
CORDA DE
PIANO. SERÁ
O SEGREDO
DO IDOLO?

AINDA NÃO SEI,
DARBY. MAS É
MUITO FINO PARA
SER CORDA DE
PIANO.



QUER DIZER
QUE FICAMOS
NA MESMA!

NÃO! TENHO A IMPRES-
SÃO DE QUE ESTE
CARRETEL ESCLARE-
CERÁ MUITAS
COISAS!



ENQUANTO
ISSO, O CAR-
RO DE RO-
DRIGO
AVANÇA
VELOZMEN-
TE NA DIRE-
ÇÃO DO ES-
CONDEJO.

MAIS DEPRES-
SA, RODRIGO!

TENHA CALMA, TOSCA.
ELES NÃO PODEM TER
IDO MUITO LONGE
COM ESTE TEMPO!
DAQUI A POUCO ES-
TAREMOS NO ESCON-
DERJO DELES...



...A MENOS
QUE ESTE
PALHAÇO NOS
ESTEJA LEVAN-
DO PARA OU-
TRO LUGAR!

NÃO CREIO! SE ELE
QUIZER JOGAR, NÃO
TARDARÁ EM DESCOBRIR
QUE TENHO TODOS OS
TRUNFOS...



... OITO AZES DE
CHUMBO... PRONTOS
A EXPLODIR.
ENTENDEU?

SIM, SIM, TOSCA.
TABASCO
COMPREENDEU.



EU LHES
DIREI
QUANDO
CHEGARMOS!



NISSO, TABASCO
PUXA O FREIO
DE MÃO E...



PARÉ!



AGORA TABASCO
VAI FUGIR!



MATE-O! NÃO
O DEIXE
FUGIR!

Aiiii!

LÂMPADAS PHILIPS



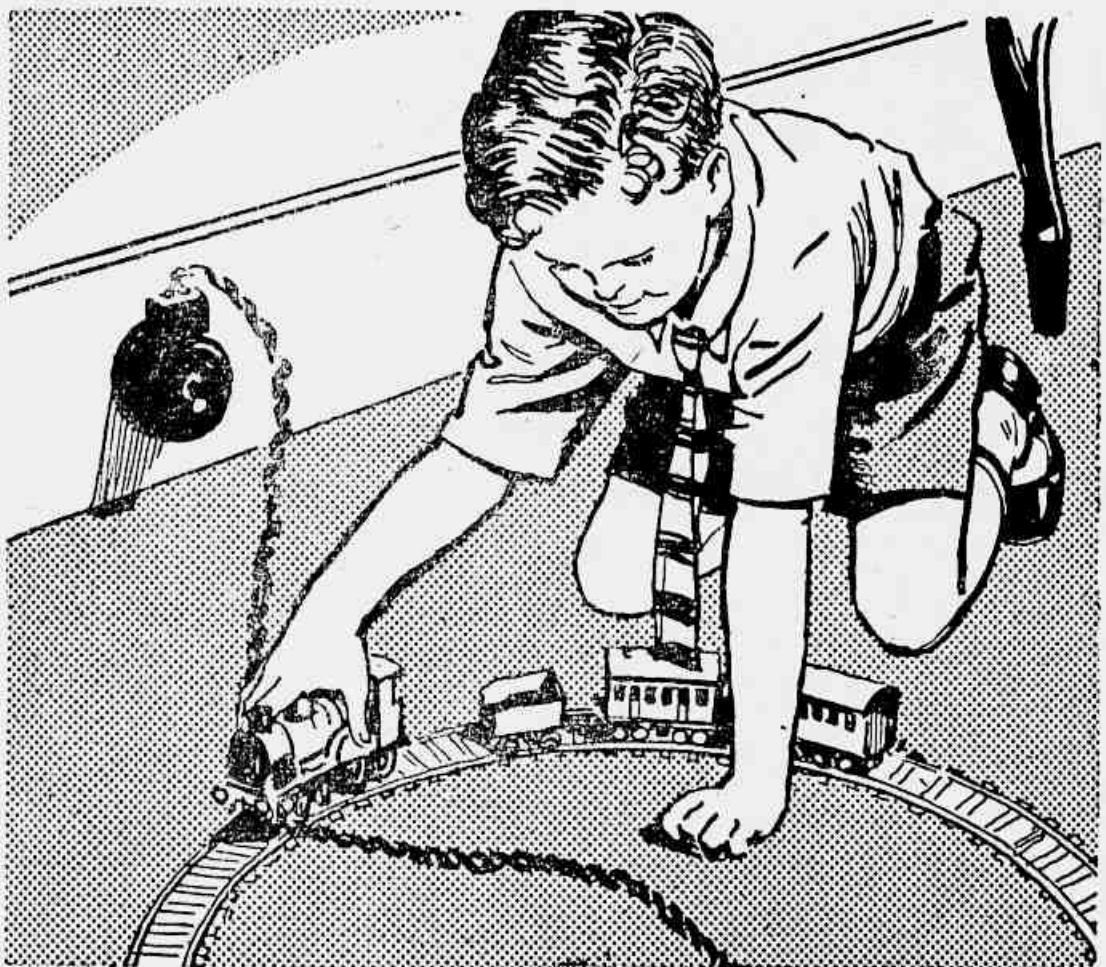
1



3

QUAIS SÃO OS ERROS?

2



1. Nunca permita que a luz-brilhe diretamente em seus olhos. É este um erro comum na iluminação dos quartos de dormir.

2. É perigoso deixar o fio da luz atravessando a sala dessa maneira. Bastará o Joãozinho tropeçar nele para ficar tudo às escuras.

4



3. Por que está faltando uma lâmpada no abajur? Vê-se claramente que a senhora está forçando a vista. Lembre-se: em todos os soquetes deve haver sempre uma lâmpada.

4. Tudo está bem para o cavalheiro — ele tem luz de sobra. Mas por que sua esposa não tem luz idêntica junto à sua poltrona?



Veja
**TUDO
CLARO**
com

Nem todos os erros de iluminação são tão evidentes quanto estes. Portanto, mesmo que tenha acertado as quatro respostas, talvez o senhor ainda possa melhorar a iluminação de sua casa. Esteja certo de uma coisa em particular. Verifique se todas as lâmpadas são Philips. Assim o senhor saberá que está obtendo o máximo de luz pelo mínimo de custo.

LÂMPADAS PHILIPS

ERWIN WASEY TC-6

COMO NASCE UM REI

O SEGREDO DA UNIDADE BRITÂNICA — SE ABRAÇAR O CATOLICISMO PERDERÁ O TRONO ★ UM ACONTECIMENTO DEPOIS DE OITO SÉCULOS ★ A FAMÍLIA REAL INGLESA PAIRA ACIMA DA POLÍTICA ★ A INTRIGA DE 1688 ORIGINA UM COSTUME QUE TEVE AGORA SEU PONTO FINAL

Texto de RUY SAULO

★

Fotos KEYSTONE

inquebrantável amizade e de veneração à Coroa de seus reis, às esperanças de seus príncipes, à magnanimidade de suas rainhas, à sabedoria de seus ministros, à educação de seu povo.

Nação marítima, forjou através de gerações de bravos o seu espírito de luta e de conquistas por todas as vastidões oceânicas, levando aos mais remotos povos do mundo o germe das iniciativas para o desenvolvimento do progresso, respeitando, porém, o caráter de cada povo, suas tradições, suas crenças, seus hábitos e costumes. A Índia, o Canadá, são exemplos. A luta que o governo inglês alimentou para civilizar a mais heterogênea região da terra, desde a compreensão política às credências socialistas, foi tremenda; mas os ingleses sempre procuraram libertar aquele povo das destruições da peste, dando-lhe higiene e conforto, sem combater a ferro e fogo a base de suas crenças na metempsicose, o maior obstáculo para a reeducação dos indianos nos preceitos da higiene e da civilização ocidental.

As maiores revoluções sociais no plano pacífico das conquistas do mundo tiveram suas origens e desenvolvimentos na Inglaterra. E, agora mesmo em nossos dias, vemos o Partido Trabalhista promovendo mudanças tão profundas no governo inglês que a muitos de mais modestas possibilidades na análise da evolução britânica parece o começo de uma catástrofe social e política.

Povo de acentuada tradição religiosa, dele se originou o espírito liberal e progressista da América do Norte, surgindo os maiores vultos da História Política do

mundo, fundadores de uma nação que tem na constituição política de seu povo a base fundamental de sua existência. Esse amor fetichista e quase místico pela Lei Magna, os norte-americanos o receberam dos ingleses que, nesse sentido, são o povo mais original do planeta. Sem uma Constituição escrita, transformaram o direito consuetudinário numa Lei que todos respeitaram e transmitem às gerações futuras, desde os mais recuados séculos de sua história.

Nação poderosa e de grande influência nos destinos do mundo, a Inglaterra se tornou fiadora através de tratados de paz e garantia de povos mais fracos do continente, e sempre manteve alianças com outras nações vigorosas, no sentido de não se quebrar o necessário equilíbrio político do continente europeu.

Já por duas vezes, neste século, foi arrasada a guerras tremendas em face de tratados celebrados, aos quais não poderia fugir, considerando-os "trapos de papel". Através da natural evolução dos povos que se inclinam para a emancipação, deu liberdade aos que se julgavam com direito de "self-government". Não mobiliza seu povo para manter conceitos políticos contra nações que, pelo voto, procuram separar-se do ilame da Comunidade. Nas convulsões provocadas pela última conflagração mundial, muitos supuseram que o Império Britânico se avizinhava do desagregamento. Mas o que, na verdade, sucedeu foi o mais confortante espetáculo de solidariedade em torno da Coroa e do governo, dando-se todo o poder ao primeiro ministro e ao Parlamento, para votar e executar

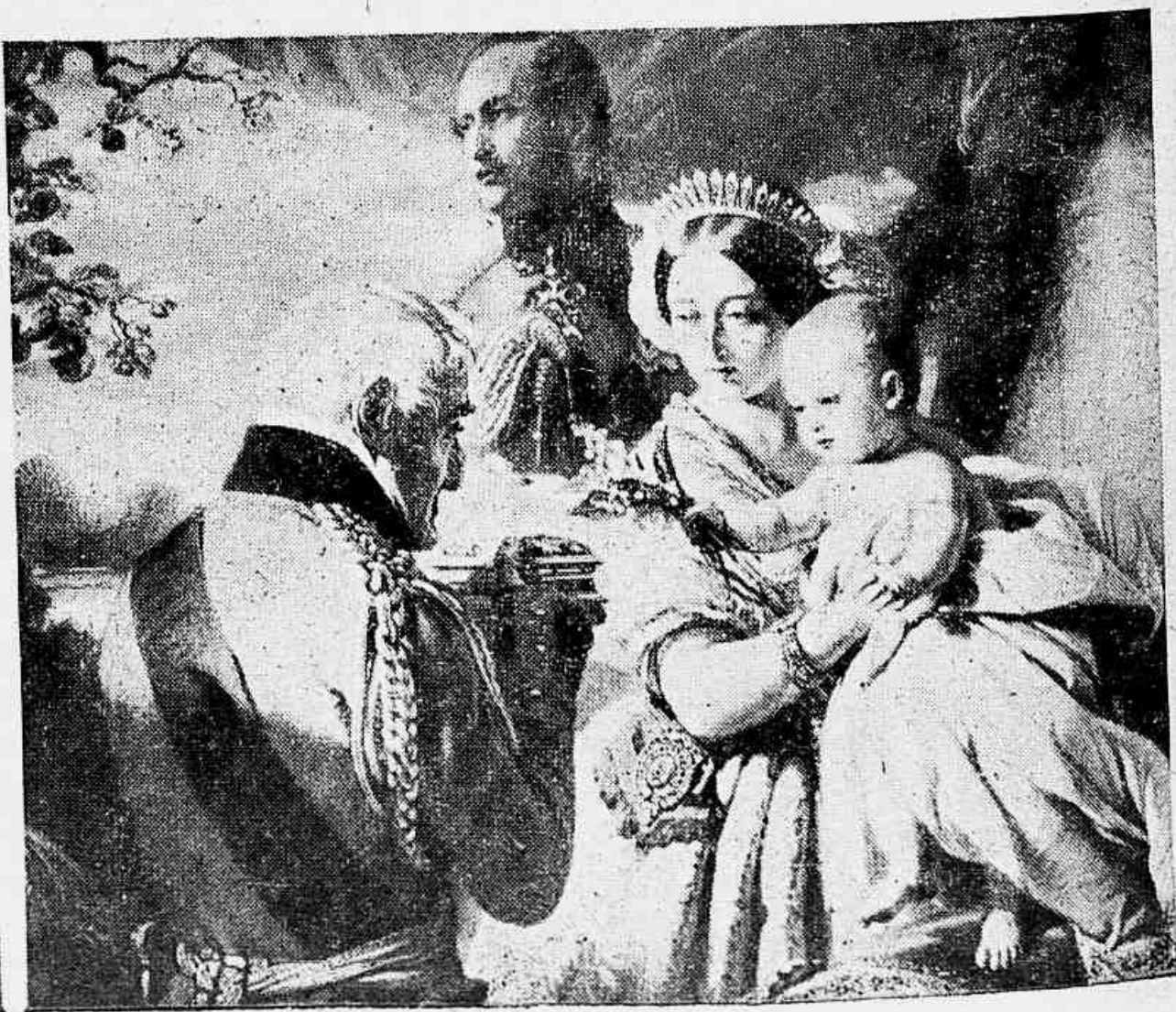
Enquanto o povo aguardava ansiosamente a notícia do nascimento do príncipe real, a reportagem da BBC, com a aparelhagem completa, transmite notícias para o mundo

UM dos maiores fenômenos sociais e políticos do mundo é a estrutura do Império Britânico, tão grande e vasto sobre a superfície da Terra que nele o sol nunca se põe.

A Comunidade Britânica constitui um milagre de equilíbrio entre povos e terras das mais variadas crenças, dos mais diversos idiomas, dos mais dessemelhantes costumes e religiões. Mas nenhum desses fatores, que tanto separam os homens,

conseguiu até hoje aluir os alicerces da Comunidade Britânica.

Somente aos que se aprofundam na análise da natureza humana e na profundidade do caráter das nações, é possível descobrir a causa dessa firmeza constitucional do Império Britânico, de cuja sede, numa ilha de pouco mais de 300 mil quilômetros quadrados sob os rigores dos ventos gelados do Norte, se irradiam por todas as latitudes do mundo, os laços de



A esquerda — Este quadro, pintado por Leslie, sobre o batizado da primeira filha da Rainha Vitória, que recebeu o nome de Victoria-Adelaide-Mary-Louise, volta a interessar geral, agora, quando se batiza o filho da princesa Elizabeth e o Duque de Edinburgh. A direita — O batizado do príncipe real da Inglaterra traz em evidência este quadro, pintado pelo mestre Wintherhalter, sobre o batizado do príncipe Arthur em 1 de maio de 1851. A rainha Vitória e o príncipe-consorte Albert com o recém-nascido

o programa da Vitória. E — coisa espantosa — enquanto durou a guerra Churchill foi um verdadeiro ditador, parecendo que seu prestígio não cairia jamais. Entretanto, sobrevivendo a paz, o povo inglês retirou-lhe o mandato, elegendo outro para dirigir a política imperial sob moldes nitidamente revolucionários, sob o signo do socialismo conquistado pacificamente pelo Partido Trabalhista.

Acontecimento marcante na vida do Império Britânico foi o do casamento da princesa Elizabeth com o duque de Edimburgo, estruturando-se mais um pedestal para a solidez da Comunidade. E agora, mais uma vez, na história da Inglaterra, se vai verificar o elevado grau de democracia existente nos domínios britânicos em relação à vida de um príncipe herdeiro.

Já se espalhou por todos os lugares da terra que, entre ingleses, o rei reina mas não governa; mas o que poucos sabem é que o Parlamento governa mas não reina. E aí reside todo o equilíbrio milenar da nação britânica.

Uma grande soberana como foi a rainha Vitória e como talvez ainda venha a ser a atual princesa Elizabeth, não fariam da Coroa um instrumento de coerção e despotismo, e sim um símbolo e um centro da unidade nacional. Não é a Família Real da Inglaterra um grupo de altas personagens aristocráticas cercadas de conforto e imunidades, festejadas pela cortesia e vassalagem de milhões de súditos. São humanos, são compreensivos, sinceros e cheios de simplicidade. A saudação "Deus Salve Suas Majestades" não é locução convencional e mecânica; constitui uma prece formada no seio do povo e no âmago do coração de todos os habitantes da Comunidade Britânica. Ao invés de se isolarem na grandeza da Corte, o rei Jorge VI e a rainha Elizabeth oferecem, diariamente, exemplos de democracia, dignidade e felicidade doméstica. Apesar de caber ao Parlamento e ao primeiro ministro as responsabilidades administrativas, tem o rei deveres impostos em face da declaração que faz ante o "Accession Council", no Palácio de Saint James, obrigando-se a observar rigorosamente os princípios do governo constitucional e de trabalhar acima de tudo pelo bem-estar da Comunidade Britânica. E os salões vetustos do impressionante edifício construído por Henrique VIII nos meados do século XVI, infundem aos reis que fazem solenemente esse juramento o mais sagrado dever moral de cumprí-los até a morte.

A maior das conquistas desse regime que dirige tão sabiamente o Império Britânico, é que, com o mesmo, têm os povos da Comunidade a felicidade de ver que a Coroa está completamente alheia à política, não podendo nenhum membro da família real ser envolvido pelo torvelinho partidário, sofrendo as consequências terríveis das agitações da intriga sectarista. Seja a Inglaterra dirigida por governos conservadores, liberais ou trabalhistas, e a Coroa paira sempre acima do partidatismo, partilhando das alegrias e dificuldades do povo, dos perigos e triunfos na guerra e na paz.

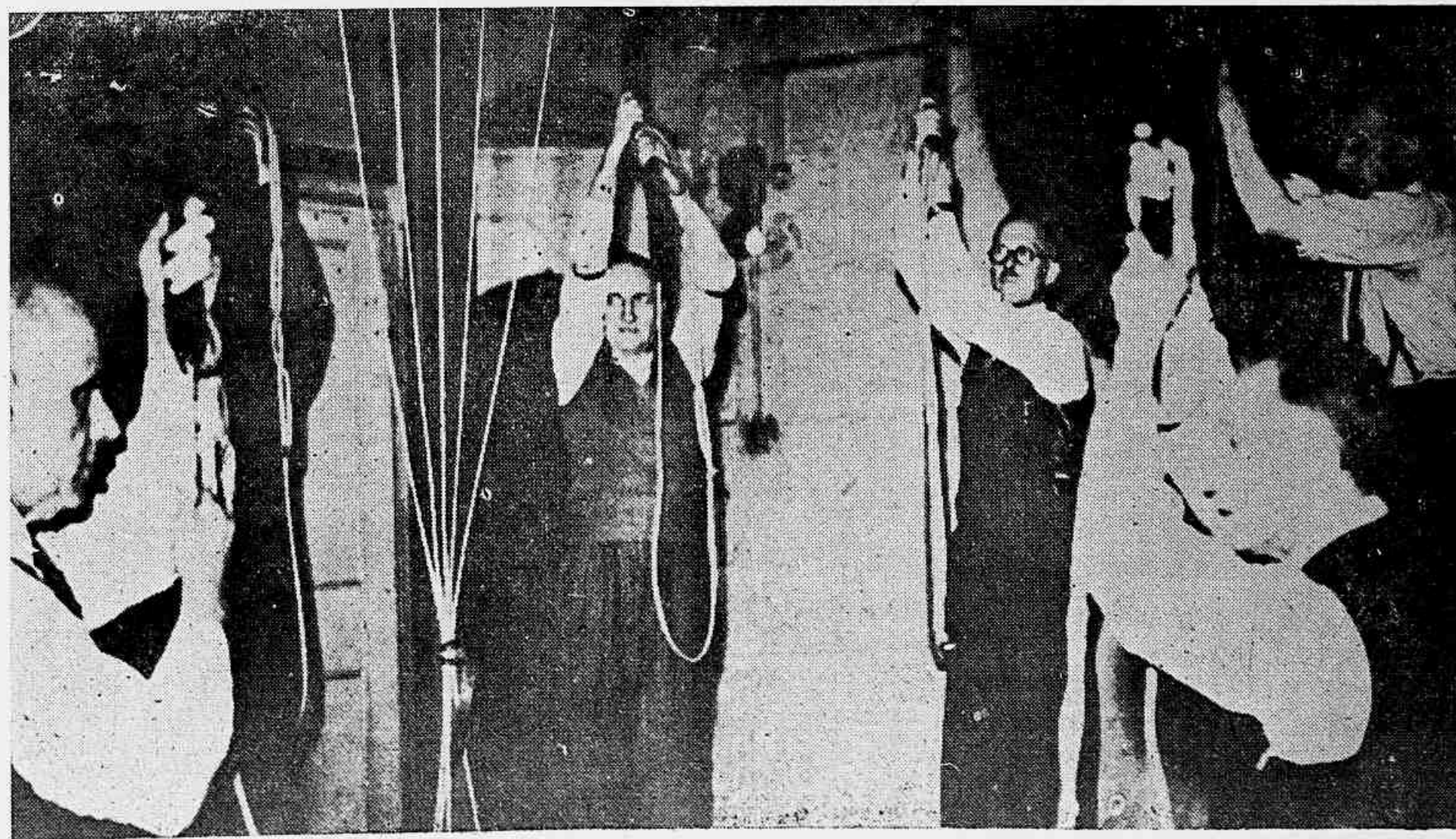
E o segredo desse êxito que não encontra nem encontrou similar em nenhuma outra nação do mundo, está nessa aura de consideração moral que a Comunidade Britânica dedica à família real. A qualquer parte fora da velha Albion a que se



Foi com indizível entusiasmo que grandes multidões se aproximavam do portão de Buckingham para ler o comunicado do nascimento do novo príncipe de Gales



Multidão que, dia e noite, se postava diante do portão do palácio de Buckingham aguardando ansiosamente as notícias sobre o grande acontecimento



Nas igrejas de Londres repicaram os sinos anunciando à nação que nascera o primogênito da Princesa Elizabeth e do Duque de Edimburgo, futuro Rei da Inglaterra

WILSON JEANS & CIA. LTDA.

Importadores ★ Exportadores
Agentes Compradores

★
Agentes exclusivos de:

Royal Crown Derby Porcelain Co. (Porcelana Fina)
Joseph Bourne & Son Ltd. (Louça de Barro Vidrado)
"Mintex" Brake and Clutch Liners (Lonas para Freios e Discos de Embreagem)
Doulton & Co. Ltd. (Louça Sanitária)
Royal Sovereign Pencil Co. Ltd. (Lapis de Carvão para Desenho "Wolff's")
Isaac Nash & Sons Ltd. (Ferramentas para Lavoura)

★
FABRICANTES DE ESTANHO MARCA "UBAR"

Vendedores de Sucata de Ferro em Fardos Prensados

★
Corretores de toda a classe de Seguros, colocação local ou com o "Lloyd's", de Londres

★
Agentes de:

ATLAS ASSURANCE COMPANY LIMITED
CALEDONIAN INSURANCE COMPANY
COMPANHIA DE SEGUROS PHOENIX PERNAMBUCANA

★
Vistoriadores de Seguros e Liquidadores de Sinistros da
AMERICAN INTERNATIONAL UNDERWRITERS GROUP

★
AV. RIO BRANCO, 26-A, 8.º ANDAR — RIO DE JANEIRO
Telefones: 23-3543 e 43-3928 — Caixa Postal 1384
Enderêço Telegráfico: "JEANS" — RIO

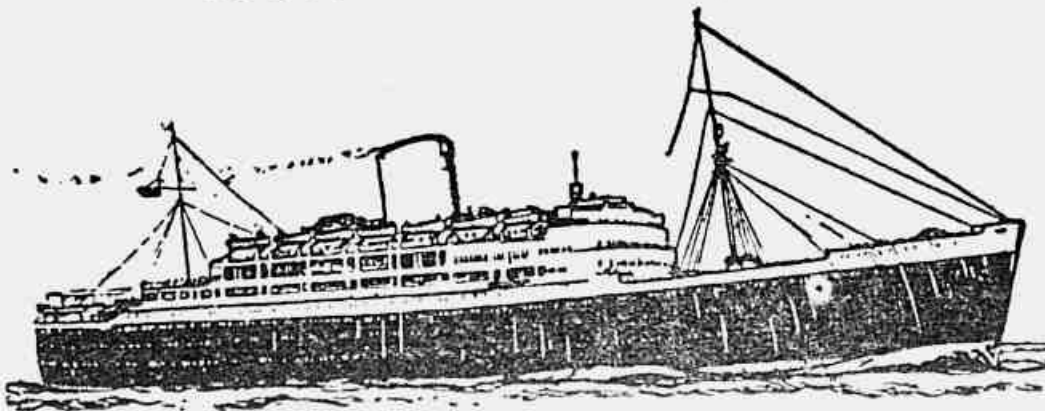


MALA REAL INGLEZA

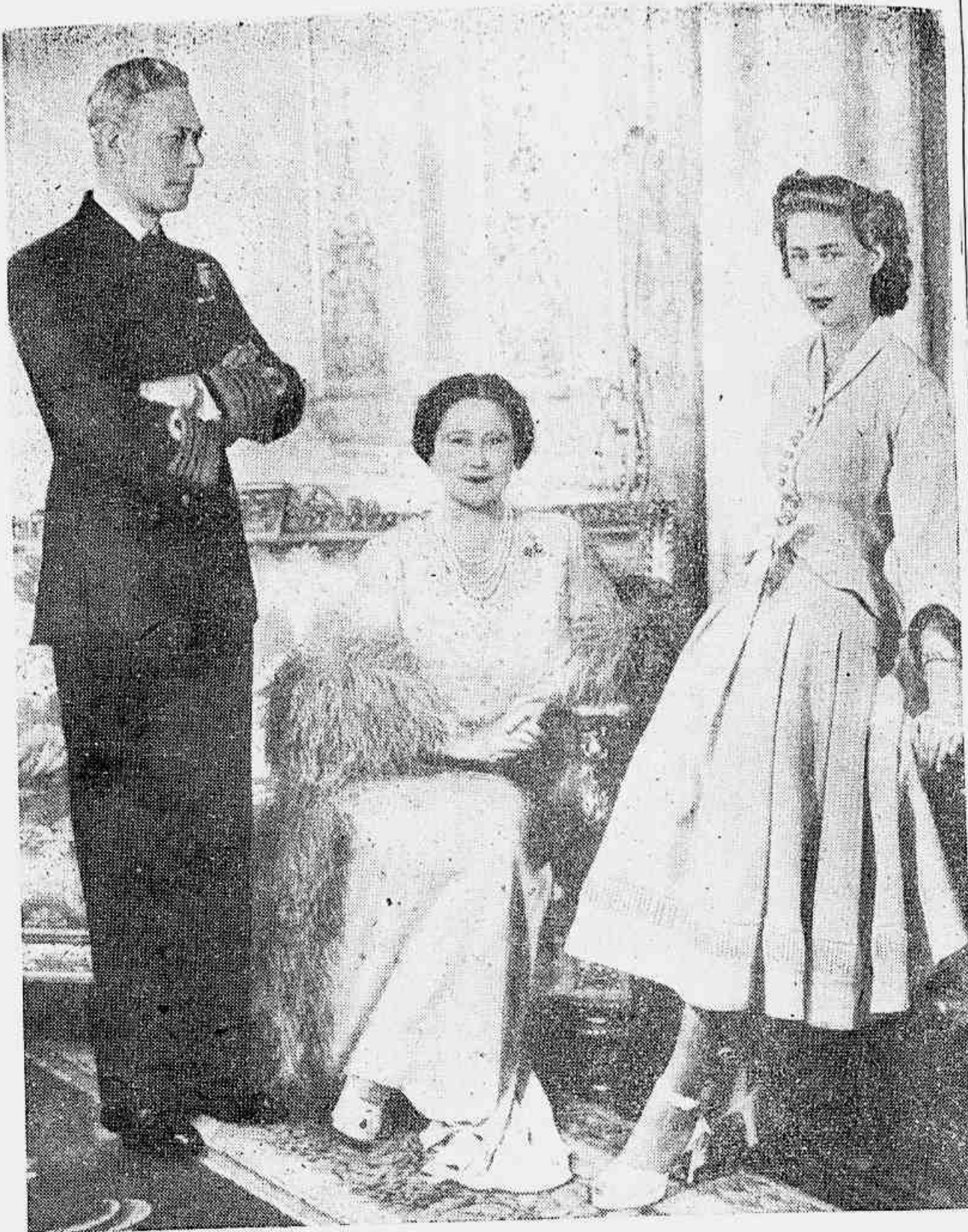
ROYAL MAIL LINE

RÁPIDOS SERVIÇOS DE PASSAGEIROS ENTRE

BUENOS AIRES — MONTEVIDÉO — SANTOS —
RIO DE JANEIRO — BAHIA — PERNAMBUCO —
LAS PALMAS — LISBOA — VIGO — CHERBURGO —
SOUTHAMPTON — LONDRES



AV. RIO BRANCO, 51/5 — RIO — Tel.: 23-2161



Indestrutível é a felicidade doméstica que impera na Família Real da Inglaterra. Esta é a mais recente fotografia dos soberanos e da Princesa Margaret Rose.

dirijam os soberanos, são também considerados reis daquele povo, seja a Austrália, Nova Zelândia ou Canadá. Esse exemplo vimos ultimamente, quando a família real visitou a África do Sul. São o rei e a rainha da África do Sul que ali estão em visita ao seu povo, e não os coroados

da Inglaterra, a pequena ilha do mar do Norte em excursão pelos seus domínios. Desta forma, a Coroa e a Comunidade Britânica se unem e intercompreendem maravilhosamente, cimentando cada vez a unidade política e social do imenso império.

O mais recente retrato da princesa Margaret que acompanhará o Rei e a Rainha na próxima excursão real à Austrália e Nova Zelândia.



Fotografia ap...

Essa política...
os sucessores...
começar do...
reais, até ao...
investidura m...
do nascimento...
beth e do du...
publicaram u...
curiosidade d...
ença de um...
estemunhar...

regina esse...
episódio to...

da Inglaterra, a pequena ilha do mar do Norte em excursão pelos seus domínios. Desta forma, a Coroa e a Comunidade Britânica se unem e intercompreendem maravilhosamente, cimentando cada vez a unidade política e social do imenso império.

políticos...
diam oposiç...
ra vê-lo su...
a irmã, es...
lança que v...
ruso, filho...
amente nos...

Duque de...
e seu filho...



Fotografia apanhada quando o venturoso casal regressava de sua excursão à Escócia para aguardar em Londres o dia do nascimento do primogênito

Essa política vai-se transmitindo a todos os sucessores da Corte de Saint James. A começar do cerimonial dos nascimentos reais, até ao juramento por ocasião da investidura no poder do cetro. Quando do nascimento do filho da princesa Elizabeth e do duque de Edimburgo, os jornais publicaram um telegrama que atraiu a curiosidade do leitor. Dizia-se que a presença de um ministro era exigida para testemunhar o acontecimento. De onde se origina esse costume? Reza a história que episódio teve sua razão de ser em con-

inapta para suceder no trono. Daí por diante estabeleceu-se o costume de estar presente à delivrance real um ministro da Coroa, para dar testemunho de que não houve fraude no sensacional acontecimento. Depois de vários exemplos desse costume, na madrugada de 21 de abril de 1926, Sir William Joynson-Hicks, então secretário de Estado para os Negócios Interiores, foi chamado ao número 17, Bruton Street, e ali esteve presente para testemunhar o nascimento de uma criança do sexo feminino, que é hoje a jovem mãe princesa Elizabeth. Contudo, segundo divulgou a imprensa, foi dispensada a presença do primeiro ministro no grande acontecimento do dia 14 de novembro, julgando a Coroa Inglesa ser esse hábito dispensável por muito arcaico e já sem razão de ser.

O cerimonial que acompanha o nascimento de um príncipe da Coroa Inglesa se estende por muitos outros aspectos. Antigamente eram assinalados pelos mais suntuosos preparativos. As paredes do quarto de dormir recebiam ornamentação adequada com tapeçarias de fundo azul e desenhos de flores de lis. Nada que representasse figuras humanas ou animais,

Duque de Edimburgo, o mais famoso papai do mundo, um dia antes do nascimento de seu filho, é cumprimentado por Sir Percy Noble, num concerto dos cadetes navais



BY APPOINTMENT

JÓIAS
PRATARIAS
RELÓGIOS
MARROQUINARIA
PORCELANAS
CRISTAIS

Artigos finos para Presentes

Mappin & Webb

RUA DO OUVIDOR, 101 - TEL. 23-1894 - RIO

MW-33

Inter-Americana



NEVECEM

A COBERTURA DECORATIVA IMPERMEABILIZANTE
PARA CONCRETO, TIJOLOS, PEDRA E OUTRAS SUPERFÍCIES
DE CASAS, SÍTIOS, FÁBRICAS, ETC.

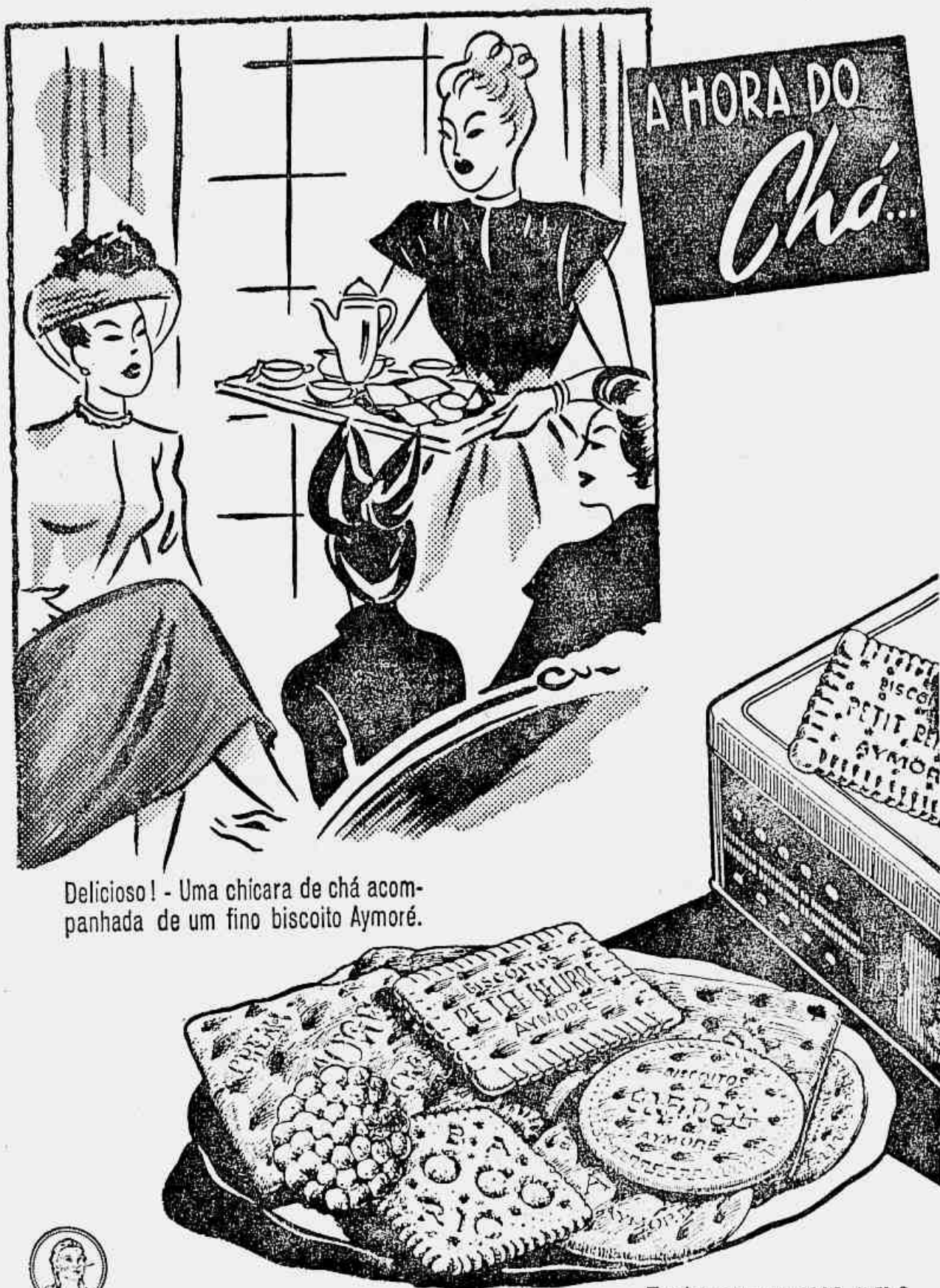
- Impermeável.
- Aderência permanente ao concreto, tijolo ou pedra.
- Higiênico, dando o máximo de reflexo.
- Pode ser lavado e escovado repetidamente.
- Não descasca, nem despega ao lavar.
- Aplicável interna ou externamente.
- A escolher em 8 cores.
- Aplicável a pincel ou com pistola.

Um produto da CEMENT MARKETING CO. Londres

Agentes exclusivos no Brasil

WILSON, SONS & CO. LTD.

Avenida Rio Branco, 35/37 - Rio de Janeiro



Delicioso! - Uma chicara de chá acompanhada de um fino biscoito Aymoré.

AYMORE'

O BISCOITO DE QUALIDADE

Tenha em sua casa uma lata de biscoitos Aymoré e estará sempre preparada para receber suas amigas à hora do chá.

para evitar que a real gestante viesse a assustar-se. A cama da rainha também sofria modificações completas, como sucedeu com a esposa de Henrique VII, Elizabeth, que tinha um baldaquim de veludo multicolor, listrado de ouro e enfeitado de rosas. Alguns dias antes do nascimento da criança, Elizabeth despediu-se da Corte, retirando-se para seus aposentos onde foi servida por suas aias e damas de companhia, não tendo nenhum homem licença de entrar.

Quando a princesa Elizabeth de nossos dias foi batizada, já contava cinco semanas de vida, realizando-se a cerimônia na capela real do Palácio de Buckingham, presenciada apenas pela família. A capela foi construída pela rainha Vitória e tem o teto plano, recoberto de cobre e sustentado por 16 colunas brancas. Numa galeria em frente ao altar está o assento real. O vaso de ouro cognominado a "Pia dos Lírios", desenhado em 1840 pelos filhos da rainha Vitória, foi trazido de Windsor para servir ao batizado da pequena princesa. De acordo com um costume antiquíssimo, a pia continha água do rio Jordão, tradição observada na família real inglesa desde os tempos dos Cruzados, que foram os primeiros a trazer água do rio santo para a Inglaterra. Batizou-a o arcebispo de Cantuária, dr. Lang, já falecido, recebendo o nome de Elizabeth Alexandra Mary. Hoje, o cerimonial dos batizados dos príncipes ingleses apresenta grande contraste com o majestoso e imponente dos que se efetuavam nos séculos passados. A pompa que se via então, atraía a atenção de todo mundo, como sucedeu com o batizado de outra princesa Elizabeth, a filha de Henrique VIII em 1534. Naquele tempo formou-se fulgurante cortejo real que desceu o Tâmisa até ao palácio de Greenwich, onde a princesa havia nascido. As paredes das casas em todo o trajeto entre aquele palácio e a Igreja de Grey Friars estavam cobertas de colchas e tapeçarias e as ruas atapetadas de juncos. Uma guarda de nobres ostentando vestes riquíssimas cercava a pia de prata sob dossel de cetim franjado de ouro. Para que a criança não se resfriasse, acenderam um aquecedor numa alcova perto do côro. Cortejo de nobres, condes e marqueses tomava parte no séquito real conduzindo bacias de ouro e candeias de cera

virgem. Nos braços de sua avó, a duquesa de Norfolk, vinha, por fim, a criança real. Por cima de sua cabeça os parentes sustentavam um baldaquim. Estava vestida com um manto de veludo puro cuja cauda real era sustentada por nobres eminentes. A cerimônia foi presidida pelo bispo de Londres, e a princesa foi saudada pelo mais nobre arauto do reino que bradou: "Que Deus em sua infinita bondade conceda vida próspera e longa à alta e poderosa princesa Elizabeth da Inglaterra".

Hoje os batizados na família real não oferecem esses espetáculos de pompa que se viam em séculos passados. Mas, apesar de democratizados e levados a efeito na maior simplicidade, todo o povo britânico se interessa pelo acontecimento, mesmo em se tratando de um caso sem igual na família real da Inglaterra, como aconteceu com o nascimento desse herdeiro presuntivo do trono britânico.

E' que o nascimento de um filho da filha do rei só encontra paralelo na história inglesa remontando-se ao que aconteceu a 25 de março de 1133, quando nasceu Henrique II, filho do conde de Anjou e de sua esposa Matilde, única sobrevivente de Henrique I. Seu reinado foi um dos mais importantes de toda a história constitucional da Inglaterra, tendo proporcionado ao país as maiores obras em progresso e civilização comparado com outros períodos da Idade Média.

O atual príncipe, que repete o episódio de oito séculos atrás, vem ao mundo sob signo de bons augúrios. No emaranhado de tradições e de títulos hereditários, o princezinho só poderá entrar na posse do Ducado de Cornwall, passando a ser também príncipe de Gales e conde de Chester quando sua augusta mãe se tornar rainha da Inglaterra. A medida que for crescendo, vai entrando também no conhecimento de certas obrigações legais que a tradição da Coroa lhe impõe. Assim, lhe é proibido tornar-se católico romano, ou casar com mulher que professe essa religião. Se assim proceder, perderá o direito ao trono, conforme estipula o "Act of Settlement". Seu coração estará livre para amar, porém sua cabeça perderá o direito de receber a mais poderosa coroa ainda existente no mundo.

No Hospital "Queen Mary", nasceram estes bebês no mesmo dia em que também vinha à luz o filho do Duque de Edimburgo e da Princesa Elizabeth



viúva
rim, a
ega os
i. Es-
o púr-
la por
presi-
rincesa
uto do
m sua
pera e
Eliza-

al não.
pa que
apesar
eito na
ritânico
máximo
gual na
caba de
merdeiro

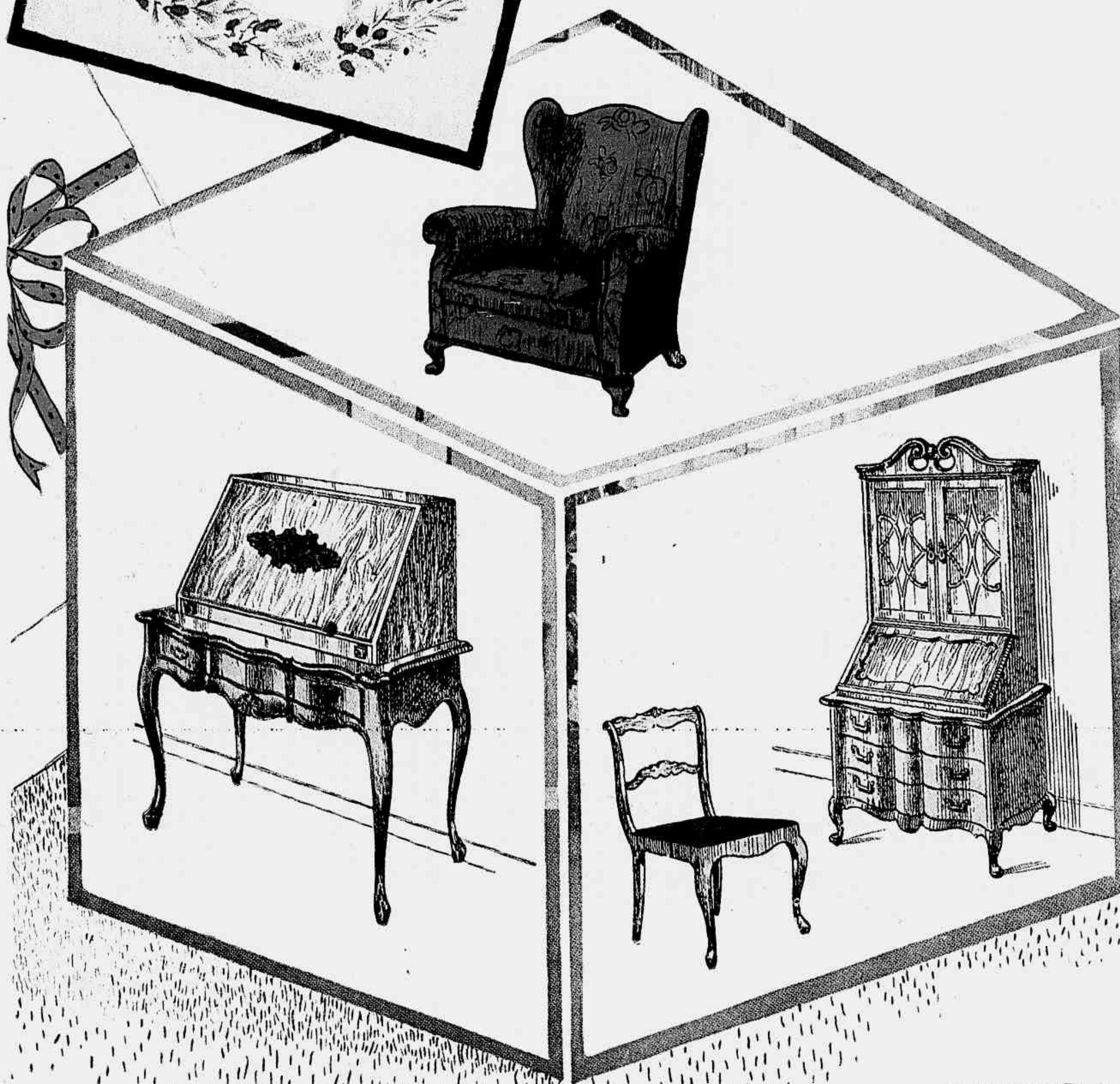
episódio
ndo sob
ranhado
ários, o
na posse
o a ser
de Ches-
e tornar
que for
o conhe-
is que a
ssim, lhe
mano, ou
essa reli-
o direito
"Act of
ivre para
o direito
oa ainda

em vinha



A venda especial de TAPÊTES, con-
tinua com as OFERTAS DE NATAL.
Grande sortimento de Bars, poltro-
nas, escrivaninhas, bergères, mesi-
nhas, carrinhos de chá etc.

PRESENTES ÚTEIS A PREÇOS DE
BOAS FESTAS



DECORAÇÕES
TAPEÇARIAS



ORÇAMENTOS • E • PROJETOS • SEM • COMPROMISSO •

• 65 • RUA DA CARIOCA • 67 •
• RIO •



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz